

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN  
NÍVEL MESTRADO**

**CAROLINA TOMAZ BARBOSA**

**Da sustentabilidade à regeneração: uma proposta para o design estratégico**

**Porto Alegre**

**2023**

CAROLINA TOMAZ BARBOSA

**Da sustentabilidade à regeneração: uma proposta para o design estratégico**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Karine de Mello Freire

Porto Alegre

2023

B238d Barbosa, Carolina Tomaz.

Da sustentabilidade à regeneração : uma proposta para o design estratégico / Carolina Tomaz Barbosa. – 2023.

149 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Karine de Mello Freire.”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

## AGRADECIMENTOS

Agradecer faz e sempre fez parte da minha jornada. Reconheço que sou quem sou, graças a todas as pessoas que cruzaram meu caminho, e que fizeram e ainda fazem parte da minha história. E seria impossível colocar todos os nomes aqui, apesar de lembrar sempre de todos com muito carinho e gratidão.

Então começo a agradecer meu núcleo familiar, a base de tudo. O suporte, o carinho, a torcida, as broncas. Mas, acima de tudo, apesar de muitas vezes não concordarem com minhas decisões, sempre respeitaram, acolheram e me deram o suporte que precisei. Obrigada à minha mãe, meu pai, meu irmão e toda essa família consanguínea dos Tomaz e dos Barbosas.

Agradeço a toda a dedicação, carinho e parceria da minha ori, Karine Freire, pela conexão imediata desde a 1ª conversa, e a 1ª orientação oficial em um domingo de sol na Redenção, para ajudar a essa mente inquieta, cheia de ideias e sonhos a assentar e se organizar para chegar em uma única temática, “mas que não se afastasse da minha essência e do que eu gostaria de entregar ao mundo”. Feliz de ter tido você nesse percurso, que foi só o início.

Aos professores do PPG em Design da Unisinos, sempre muito carinhosos, acolhedores e incentivadores. Aos professores avaliadores da banca, pela generosidade em ler e fazer as contribuições para essa pesquisa.

Aos meus colegas de jornada neste mestrado. Aos amigos que viveram esse capítulo comigo. Aos amigos que, mesmo longe, sempre torceram. Ao amigo orientador “informal” Santiago Uribe, que foram tão generosos em vários momentos de escuta (angustiadas) e trocas.

À Misturaí, por todas as pessoas, amigas e amigos, que fazem parte de sua e da minha história. Foi um grande divisor de águas, e uma pós-graduação de vida que nenhuma universidade nunca poderia me proporcionar.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) por viabilizar a realização desta pesquisa - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Diante dos desafios do século XXI, que engloba uma série de crises interligadas, fica evidente que o mundo está imerso em uma cultura e sistema degenerativos, que têm destruído a vida e revelado processos profundos de injustiça social e altos níveis de desigualdade. Ao reconhecer que o design tem sido cúmplice desse processo, orientado por um pensamento reducionista, patriarcal e capitalista, acredita-se que ele também pode ser um elemento catalisador de mudança rumo a uma nova cultura regenerativa. O objetivo desta dissertação é estimular a reflexão sobre o Design Estratégico Regenerativo, enfatizando os conceitos de regeneração e design regenerativo com o propósito de colocar o bem-estar e o cuidado com a vida no centro dos processos decisórios, guiados por uma abordagem ecossistêmica em que a natureza atue como mentora. Nesse contexto, são explorados conceitos como o Bem-Viver, o Ecofeminismo e a espiritualidade como uma dimensão do pensamento sistêmico. Além disso, destaca-se a proposta do co-design sentipensante para ressaltar a importância das emoções, assim como a criação de vínculos e conexões em uma jornada de design voltada para fomentar uma cultura regenerativa. Para fundamentar essa pesquisa, adotou-se uma metodologia qualitativa, exploratória e experiencial, acompanhada de uma extensa revisão da literatura relevante. É importante ressaltar que a trajetória desta pesquisa percorreu diversos caminhos, iniciando-se antes da entrada da autora no programa de mestrado, por meio de sua participação ativa em projetos comunitários e sociais. Além disso, a autora envolveu-se em uma experiência imersiva de pesquisa relacionada ao design regenerativo, que deu base à investigação, e orientou o processo de Design Estratégico Regenerativo proposto. Para guiar essa jornada regenerativa, surgiram oito movimentos a partir da pesquisa elaborada, resultando em 12 princípios regenerativos, que também foram decorrentes das experiências da autora. Esses movimentos foram testados por um grupo de estudantes de design. No entanto, reconhece-se que, devido à natureza complexa do tema, que busca a transformação social e cultural, a metodologia proposta precisa ser aplicada em contextos mais amplos. Apesar disso, acredita-se que as reflexões abordadas neste trabalho contribuem para o avanço do campo do design, oferecendo uma perspectiva regenerativa que vai além da mera sustentabilidade.

## ABSTRACT

Abstract: In the face of the challenges of the 21st century, marked by a multitude of interconnected crises, it becomes evident that the world is immersed in a degenerative culture and system, one that has been destructive to life and has revealed profound processes of social injustice and high levels of inequality. Recognizing that design has been complicit in this process, driven by reductionist, patriarchal, and capitalist thinking, it is believed that design can also serve as a catalyst for change towards a new regenerative culture. The aim of this dissertation is to stimulate reflection on Regenerative Strategic Design, emphasizing the concepts of regeneration and regenerative design with the purpose of placing well-being and care for life at the center of decision-making processes, guided by an ecosystemic approach in which nature acts as a mentor. In this context, concepts such as Buen Vivir, Ecofeminism, and spirituality as dimensions of systemic thinking are explored. Additionally, the proposal of co-design *sentipensante* is highlighted to underscore the importance of emotions, as well as the creation of bonds and connections in a design journey aimed at fostering a regenerative culture. To underpin this research, a qualitative, exploratory, and experiential methodology was adopted, accompanied by an extensive review of relevant literature. It is important to note that the trajectory of this research encompassed various paths, beginning prior to the author's enrollment in the master's program through her active participation in community and social projects. Furthermore, the author engaged in an immersive research experience related to regenerative design, which supported the investigation, guiding the propose of Regenerative Strategic Design. To guide this regenerative journey, eight movements emerged from the research, resulting in 12 regenerative principles which was also derived from the author's experiences. These movements were then tested by a group of design students. However, it is recognized that, due to the complex nature of the subject matter, which seeks social and cultural transformation, the proposed methodology needs to be applied in broader contexts. Nevertheless, it is believed that the reflections addressed in this work contribute to the advancement of the design field, offering a regenerative perspective that goes beyond mere sustainability.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Design Estratégico x Design Estratégico Regenerativo	7
Figura 2 – Síntese dos métodos de pesquisa aplicada	13
Figura 3 – Diário de 2019	15
Figura 4 – Atas de reunião e relatório de atividades	15
Figura 5 – Diário de 2019	16
Figura 6 – Vídeos e fotos de reuniões e momentos da Misturaí	19
Figura 7 – Fotos de reuniões na comunidade e ata de reunião	19
Figura 8 – 1º Relatório da Misturaí - 2019	20
Figura 9 – Fotos da Imersão na Serra da Cantareira	22
Figura 10 – Fotos meu caderno e alguns documentos produzidos	23
Figura 11- Mapa de autores	28
Figura 12 – Apresentação dos projetos feitos a partir dos movimentos DER	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.9</b>	
Figura 13 – Apresentação do DER para a turma de Cultura de Projetos do BIHAT	31
Figura 14 – Visita dos alunos a EMEF Saint Hillaire	14
Figura 15 – Diário de campo, trabalho alunos e aulas	33
Figura 16 – Registro das crianças do Grupo Mediadores de Leitura Luisa Marques (GMLLM) em sua página de Instagram sobre os projetos e apresentação de um dos grupos.	34
Figura 17: Dimensões de um design regenerativo	39
Figura 18: Evolução do Pensamento reducionista para o Pensamento sistêmico	42
Figura 19: Modelo Sistêmico Mundial (MSM) do IFF	60
Figura 20 – Mapa da Vila Planetário – Porto Alegre/RS	77
Figura 21 – Dados do Censo Vila Planetário 2021	78
Figura 22 – Reuniões do coletivo Misturaí	79
Figura 23 – Fotos das crianças da Vila Planetário	81
Figura 24 – Fotos das atividades da VS no Morro da Cruz	83
Figura 25 – Fotos das atividades e atrações da VS na Vila Planetário	83
Figura 26 – Algumas das atividades do Gurizadaí	85
Figura 27 – Algumas das atividades do Gurizadaí	85
Figura 28 – Eventos culturais promovidos pela Misturaí	86
Figura 29 – Foto do meu diário com um dos desabafos sobre a falta de participação	87

Figura 30 – Ações do projeto Amparaí	89
Figura 31 – Foto do grupo que participou da imersão	95
Figura 32 – Fotos das atividades e caminhada exploratória pelo espaço	96
Figura 33 – Atividade de co-criação de uma proposta para o Cochicho das Águas	97
Figura 34 – Workshops projetuais	98
Figura 35 – Gravação do Manifesto RegenerARTivistas	99
Figura 36 – Brainstorming do que ‘não é Design Regenerativo’ e o que ‘é Design Regenerativo’	100
Figura 37 – Movimentos propostos para um DER	108
Figura 38 – Apresentação da proposta da disciplina Cultura de Projeto do BIHAT	119
Figura 39 – Algumas apresentações dos alunos e suas rodas de posicionalidade	120
Figura 40 – Algumas lâminas da apresentação da proposta do DER para a turma	122
Figura 41 – Visita dos alunos à EMEF Saint Hillaire e na feira do livro	123
Figura 42 – Apresentação do 1º grupo que aplicou o DER para elaborar seu projeto	124
Figura 43 – Apresentação do 2º grupo que aplicou o DER para elaborar projeto	124
Figura 44 – Foto da turma e das crianças e professoras da EMEF Saint Hillaire no dia da apresentação dos trabalhos	128
Figura 45 – Sistematização da proposta para um DER	130

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Consulta base de dados EBSCOhost	25
Quadro 2 - Consulta base de dados CAPES	26
Quadro 3 - Princípios regenerativos	104

## LISTA DE SIGLAS

BIHAT	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Arte e Tecnologia
CSSV	Coletivo Santa Sem Violência
COP	Conferência de Mudança Climática
DER	Design Estratégico Regenerativo
DD	Dragon Dreaming
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
GDPS	Gestão de Desenvolvimento de Produtos e Serviços
GMLLM	Grupo Mediadores de Leitura Luisa Marques
IAP	Investigação Ação Participativa
IFF	Institute for the Future
IPCC	Painel Intergovernamental para a Mudança Climática
MSM	Modelo Sistêmico Mundial
OMS	Organização Mundial de Saúde
SAC	Sistema Adaptativo Complexo

## TRAJETÓRIA DE UMA DESIGNER SENTIPENSANTE

Nessa pesquisa me apresento como uma designer sentipensante. Segundo Fals Borda, sentipensante é aquela pessoa que tenta combinar a mente com o coração, para guiar a vida no caminho certo e suportar seus muitos contratempos (FALS BORDA, 2009). Para Ibarra (2021), é aquele designer que rompe com a racionalidade cartesiana e o distanciamento do objeto do estudo. Desde sempre me autodenomino uma sonhadora, mas também uma executora por um mundo melhor. E a minha inquietude e curiosidade em como atingir esse objetivo me trouxe para o design. E nessa proposta de me apresentar como uma designer sentipensante, o primeiro passo é apresentar quem sou eu, um pouco da minha história e experiências, pois essa soma faz parte do meu processo projetual. Ann Noel (2021) apresenta a roda da posicionalidade, ferramenta que provoca as pessoas observarem com quais lentes enxergam o mundo, e perceber como isso influencia o seu agir como designer. Assim, inspirada na roda de posicionalidade de Ann Noel apresento parte da minha história, contexto de vida, oportunidades e experiência que formaram as lentes que me fazem enxergar o mundo como o enxergo, mas também reconhecer as lacunas que fazem parte desse meu olhar. Pois, só a partir do reconhecimento dessas lacunas, conseguirei refletir sobre os projetos em que estarei envolvida a partir de uma outra perspectiva. Dito isso, me apresento.

Meu nome é Carolina Tomaz Barbosa, sou uma mulher branca, cis, latino-americana, e feminista, que luta pela igualdade de gênero e oportunidade para todos e justiça social. Sempre estudei em escolas particulares e fiz economia em uma faculdade com a vertente neoclássica, o que fez com que sempre questionasse o “ser economista”, pois nunca concordei com a visão de mundo que aprendi na faculdade. No entanto, essa formação me permitiu trabalhar em diferentes áreas, como empresas privadas, multinacionais e oitos anos no setor público, onde me apaixonei com o fazer política pública e servir a população. Contudo, ao mesmo tempo em que me encantei com o propósito, me decepcionei de como funciona o sistema. Por conta da decepção, resolvi tirar um período sabático, onde deixei minha vida no Rio e me tornei cidadã planetária. Viajei e morei em diversas cidades do Brasil e do mundo, o que me permitiu conhecer diferentes culturas e experimentar diferentes lentes sobre o mundo. Atuei, muitas vezes como voluntária, em diversos projetos socioambientais regenerativos, além de fazer diversos cursos ligados ao tema. Até que em 2019 fui fazer uma

especialização em Desenvolvimento Sustentável na África do Sul, onde me posicionei de vez como a pessoa e profissional que iria atuar nesta área. Voltei para o Brasil e trabalhei com projetos sociais em comunidades vulneráveis e Organizações não governamentais em Porto Alegre/RS, onde vivenciei a realidade da pobreza e marginalização do nosso país. Tal fato reforçou ainda mais o meu desejo de atuar por um mundo mais justo, próspero, digno e sustentável para todos, seres humanos e não humanos. Assim, resolvi cursar o mestrado, para juntar minha experiência profissional e de vida com o “mundo da academia”. Pelas minhas características e inquietudes multidisciplinares, o Design Estratégico foi a opção que mais se encaixou nos meus anseios, que são “como criar futuros desejáveis” de forma colaborativa, inovadora e sustentável.

Com isso, me apresento e apresento uma de minhas inquietações que guiam minha jornada pessoal e profissional, que é: *como promover uma cultura regenerativa em prol de um mundo justo, equalitário, próspero, resiliente e sustentável para todos*. Por uma cultura regenerativa eu entendo uma cultura que coloque a vida e o bem-estar de todos os seres que vivem neste planeta no centro das ações e tomadas de decisão. Por esse motivo, uma cultura que seja justa, ou seja, no qual todos tenham os mesmos direitos e deveres, sem privilégios por conta de seu gênero, cor, etnia, características e cultura, e que preze a equidade em todos os espaços. Por um mundo próspero, defendo um mundo onde todos tenham acesso a todos os recursos e riquezas disponíveis, e que não fique apenas concentrado nas mãos de alguns, enquanto outros não tem nada. E finalmente, resiliente para que tenhamos a capacidade de lidar com as adversidades, tanto sociais, econômicas e ambientais para que se alcance a sustentabilidade. Ou seja, um status de equilíbrio, segurança e bem-estar.

Depois de caminhar por diferentes áreas - empresas, governos, organizações não governamentais e projetos regenerativos - percebi que mais do que uma mudança de um sistema econômico ou político, é necessária uma mudança cultural, incluindo uma nova forma de fazer design. É preciso adotar uma cultura de design que vai além da busca de soluções, mas que questiona nosso modo de vida atual, e que traz de volta nosso entendimento ecossistêmico sobre o planeta, como uma espécie que faz parte deste ecossistema, e não que tem poder sobre. Logo, um design que atue para regenerar nossa relação conosco, com nossa comunidade e com a natureza.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>1.1 Problema de pesquisa e objetivo</b>	<b>4</b>
<b>1.1.1 Objetivo geral e objetivos específicos</b>	<b>7</b>
<b>1.2 Justificativa</b>	<b>8</b>
<b>2 MÉTODOS DE PESQUISA APLICADOS</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Métodos aplicados</b>	<b>13</b>
2.1.1 Vivência de campo - experiência	13
2.1.2 Observação participante - Imersão RegenerARTIVISTAS	20
2.1.3 Revisão Bibliográfica não-sistemática	22
2.1.4 Experimentação - Aplicação dos movimentos do DER	26
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Cultura Regenerativa</b>	<b>33</b>
<b>3.1.1 Pensamento sistêmico e complexo</b>	<b>38</b>
<b>3.1.1.1 Pensamento sistêmico e a espiritualidade</b>	<b>42</b>
3.1.2 Bem Viver	44
3.1.3 Ecofeminismo	49
<b>3.2 Design Regenerativo</b>	<b>55</b>
<b>3.4 Design Estratégico</b>	<b>60</b>
<b>3.4.1 Co-design</b>	<b>63</b>
<b>3.4.1.1 Co-design sentipensante</b>	<b>67</b>
<b>4 SENTIPENSAÇÃO NO CAMPO</b>	<b>74</b>
<b>4.1 Imersão Vila Planetário – Co criação da OSC Instituto Misturaí</b>	<b>74</b>
4.1.1 Aprendizados e reflexões do processo	87
<b>4.2 Imersão RegenerARTivistas</b>	<b>91</b>
4.2.1 Aprendizados e reflexões do processo	96
<b>5 PROPOSTA DE UM DESIGN ESTRATÉGICO REGENERATIVO</b>	<b>100</b>
<b>5.1 Experimentação do DER pela turma do BIHAT</b>	<b>114</b>
5.1.1 Aprendizados e reflexões do processo	121
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>135</b>
<b>ANEXO I - IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS E PRÁTICAS DOS SEIS PRINCÍPIOS ORGANIZADORES PARA A ESCOLHA DE MÉTODOS E ABORDAGENS BASEADOS EM COMPLEXIDADE</b>	<b>143</b>

**ANEXO II - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA UM DESIGN DE CULTURAS  
REGENERATIVAS (WAHL, 2020)**

## 1 INTRODUÇÃO

O mundo está vivendo um momento crucial em relação a sua sustentabilidade, que está sendo evidenciada pelas crises que acontecem em diferentes dimensões: sociais, ambientais e econômicas - chamado por Morin (1990) de polícrises<sup>1</sup>, que significa uma pluralidade de crises interdependentes. Os sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais vigentes não sustentam mais a vida na Terra, principalmente, por serem sistemas que são baseados em um paradigma mecanicista, cartesiano, patriarcal e capitalista (SHIVA, 1998; MIES & SHIVA, 2014).

Os desafios do século XXI são complexos, e ficaram mais visíveis com a pandemia COVID-19. A pandemia evidenciou as injustiças sociais e seus altos índices de desigualdade, como aponta o relatório '*World Inequality Report, 2022*'. O relatório destaca que enquanto a metade mais pobre da população mundial tem acesso a 2% da riqueza total, os 10% mais ricos, são donos de 76% da riqueza global. De acordo com o relatório, não falta riqueza no mundo. Todavia, ela está concentrada nas mãos de poucos. Um problema que poderia ser resolvido mediante uma redistribuição de riquezas. Segundo os analistas do relatório, 1,6% da renda global seria o suficiente para investimentos massivos e relevantes nas áreas de educação, saúde e transição para a sustentabilidade (CHANCEL, PIKETTY *et al.*, 2022). A distribuição desigual de riqueza é evidenciada também pelo número de pessoas que passam fome no mundo, que hoje corresponde a 9,8% da população mundial, na qual 29,3% vivem em situação de insegurança alimentar. Esses números cresceram principalmente após o início da pandemia, que levou mais 350 milhões de pessoas para essa condição de pobreza extrema (FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO, 2022). No Brasil, em 2021, quase 63 milhões de pessoas estavam vivendo abaixo da linha de pobreza no país, com uma renda inferior a R\$ 497 por mês, o que representa 29,6% da população do Brasil (NERI, 2022).

Como afirma Geels (2013), essa crise social evidencia que o capitalismo, como modelo econômico, não é um modelo que promove uma sociedade justa e próspera para todos, mas apenas para uma minoria da população. Ademais, além de promover uma cultura individualista, competitiva, consumista, ele é um modelo que vem

---

<sup>1</sup> O teórico francês Edgar Morin discorreu sobre o termo pela primeira vez na década de 1990. Depois, por ocasião da pandemia e em entrevista ao jornal Le Monde em 20 de abril de 2020, Morin reativou o termo atribuindo a ideia de que estaríamos vivendo uma série de crises ao mesmo tempo.

provocando grandes destruições no meio ambiente e colocando um risco não apenas a biodiversidade do planeta, mas também qualidade de vida humana. Além da pandemia, que evidenciou os problemas sociais, a crise climática vem indicando que ainda teremos muitos desafios pela frente (GEELS, 2013). O capitalismo é baseado em uma cultura ganha-perde, de exploração e competição, onde o objetivo é o enriquecimento através do lucro (RAWORTH, 2019).

Segundo Vandana Shiva (1998), o modelo capitalista vem de uma lógica patriarcal de exploração, que teve ascensão na Europa durante os séculos XV e XVII com a revolução científica e foi fortalecido pela revolução industrial que “lançou as bases de um modo patriarcal de desenvolvimento econômico no capitalismo industrial” (SHIVA, 1988, p. xiv). Esse paradigma vem de uma ciência que promoveu uma abordagem reducionista e mecanicista, inspirada principalmente nos modelos de Descartes e Newton, que olhavam os sistemas a partir de suas partes e não de suas relações. Ambos afirmavam que os sistemas podiam ser estudados como fenômenos isolados, independentemente de seus componentes e de seu ambiente (PREISER, 2019).

Posto isso, a ciência moderna entende o mundo como uma coleção de componentes independentes e assume o comportamento de linearidade entre essas unidades, assumindo que essas relações podem ser reversíveis. Essa visão de mundo promovida pela ciência moderna leva à suposição de que é possível controlar as variáveis de um processo decisório e conhecer seus resultados, e se não funcionar, fazer de novo e consertar (ROGERS *et al.*, 2013; PREISER, 2019). Ademais, esse tipo de pensamento mecanicista que enxerga o mundo como uma grande máquina que pode ser remanejada e consertada, separou o sentir da ciência (MATURANA, 2003). Como afirma Maturana (2003), com a valorização do chamado pensamento lógico, a intuição e as emoções foram desconsideradas dentro do pensamento científico moderno.

Essa abordagem reducionista e mecanicista é limitada e encaminha para efeitos desastrosos nas esferas social, política, econômica e ambiental (PREISER, 2019), pois desfigura as percepções complexas da realidade (ROGERS *et al.*, 2013; PREISER, 2019). Efeitos que já podem ser sentidos e estão cada vez mais evidentes, como é o caso da crise climática.

Segundo o ‘*Sexto Relatório de Avaliação*’ (2022), do Painel Intergovernamental para a Mudança de Clima (IPCC), órgão das Nações Unidas que lida com as

mudanças climáticas, nas próximas décadas a mudança climática irá afetar drasticamente a vida do planeta, não só dos seres humanos, mas do planeta em geral. Dentre as consequências que já estamos vivenciando estão: escassez de alimento e água, condições meteorológicas extremas (como seca, enchentes e ciclones), desastres naturais, doenças e grande fluxo de migrações. Essas mudanças afetam não só a vida humana, mas também diversas espécies de nossa flora e fauna. Os estudos apontam que até 2075 a crise climática poderá reduzir a biodiversidade em até 75%. Ainda segundo o relatório do IPCC, mais de 400 milhões de pessoas serão afetadas pela falta de água e um máximo de 80 milhões estarão expostos à fome. A crise climática é uma ameaça à paz, à segurança, à sustentabilidade e ao desenvolvimento humano. Dentro desse cenário, a população mais pobre é a mais afetada, sendo as mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência os grupos que mais sofrem as consequências dos impactos gerados pela mudança climática (IPCC, 2022).

Tal fato, corrobora a vertente destrutiva e desigual que o sistema patriarcal-capitalista promove, no qual aumenta a injustiça social (SHIVA, 1998; MIES & SHIVA, 2014). Os países com população mais pobre são os que mais sofrem as consequências da crise climática, sendo que são os que menos emitem os gases de efeito estufa que são responsáveis pelo aquecimento global. Os Estados Unidos, país referência no conceito de país “desenvolvido” é o país com a maior pegada de carbono, responsável por 14,5% do total global de emissão dos gases de efeito estufa (BRUCKNER, HUBACEK, SHAN *et al.*, 2022). A classificação de países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos” é uma herança do sistema colonialista no qual o relatório do IPCC reconhece como um padrão histórico e contínuo de promoção da desigualdade. Além de ressaltar essa herança histórica de um sistema degenerativo, o relatório alerta que as decisões que as sociedades tomarem agora serão determinantes para saber se nossa espécie prosperará ou, simplesmente, sobreviverá, no decorrer do século XXI (IPCC, 2022).

Dentro das decisões que precisam ser tomadas está: como queremos projetar o mundo daqui para frente? Vamos continuar projetando sistemas e modelos que estão destruindo o planeta, acabando com seus recursos naturais, extinguindo sua biodiversidade, e criando sociedades cada vez mais individualistas, consumistas e desiguais? Ou vamos projetar em favor da vida em todas suas formas? Ou seja, vamos continuar promovendo uma cultura degenerativa que está acabando com a

vida de tantas espécies, inclusive humana, ou vamos rever nossos passos a fim de promover uma cultura que busca regenerar tudo aqui que vem sendo destruído? Incluindo a relação com nós mesmos.

Diante disso, este trabalho visa promover uma reflexão sobre um Design Estratégico Regenerativo. Um design orientado para fomentar uma cultura regenerativa ao longo da jornada projetual para lidar com as complexidades e desafios do nosso século.

Este não é o primeiro trabalho do PPG de Design Estratégico da Unisinos, que traz a proposta de um Design Estratégico pelas lentes de um design regenerativo. No ano de 2022, Natalí Garcia (2022) conduziu uma pesquisa em seu trabalho de mestrado, onde explorou a interseção entre o Design Regenerativo e o Design Estratégico, utilizando o conceito das Três Ecologias de Guatarri, cujo título foi: *'Regeneração e as Três Ecologias de Guattari: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico'* (GARCIA, 2022). É relevante destacar que esse estudo desempenha um papel significativo na presente pesquisa, dado que participei ativamente da pesquisa de campo realizada por Natalí. Outro trabalho que é importante destacar foi de Douglas Pastori (2010), que explorou o campo do Design Estratégico para a Sustentabilidade em seu trabalho: *Habitar a Terra – Cartografia de um encontro entre conceitos do Design Estratégico para a Sustentabilidade de Ezio Manzini, da Ecosofia de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, e da Ecologia Cognitiva de Pierre Lévy.*

### **1.1 Problema de pesquisa e objetivo**

Diante da intenção em provocar uma reflexão sobre um Design Estratégico Regenerativo (DER), o **problema de pesquisa** que orienta este trabalho é:

**Que mudanças uma cultura regenerativa pode trazer para o Design Estratégico?**

O Design Estratégico, como defende Manzini, é orientado para a sustentabilidade e inovação social (MANZINI,2017). Wahl defende que diante dos desafios do nosso século precisamos ir além da sustentabilidade, precisamos regenerar (WAHL, 2020). Quando Wahl fala sobre regeneração ele não destaca apenas a questão ambiental, mas também a social e cultural, que será a maior ênfase deste trabalho. Ademais, ressalta-se que Manzini (2008) já destacava que para

promover um design que visa alcançar a sustentabilidade ambiental, é preciso começar com a mudança de mentalidade e hábitos das pessoas, da sociedade.

O termo sustentabilidade é um termo que causa, ainda, muitas controvérsias. Conforme aponta Blewitt (2008), não existe um consenso sobre o conceito de sustentabilidade, assim como para desenvolvimento sustentável. Sustentabilidade é um conceito que tem diferentes definições de acordo com o ponto de vista de diferentes grupos de pessoas, acadêmicos e instituições. Assim, importante evidenciar que para este trabalho será adotado o conceito apresentado no Relatório de Brundtland, também conhecido como '*Our CommonFuture*', publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, que diz que:

Sustentabilidade é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades (BRUNDTLAND, 1987, p. 15, tradução da autora).

E segue a visão defendida por Blewitt, que aponta que 'sustentabilidade' pode ser entendida como um objetivo a ser alcançado, e o 'desenvolvimento sustentável' um processo, na qual parte de um pressuposto de que alcançar o equilíbrio é algo dinâmico e mutável (BLEWITT, 2008). Assim, **esta pesquisa adota a regeneração como um caminho para chegar a esse equilíbrio sustentável.**

Regeneração como um caminho, está alinhado ao conceito de regeneração de Daniel Wahl (2020), na qual regeneração é um processo de renovação e crescimento que torna possível a evolução contínua da vida em todos os níveis - tanto dos sistemas naturais e ecológicos, como os sistemas sociais, econômicos e culturais. Logo, a regeneração pode ser vista como um processo de transformação que cria condições propícias para que a vida floresça em sua diversidade, adaptabilidade e resiliência.

Assim, seguindo esta linha, **este trabalho adota a ideia de sustentabilidade como um objetivo de equilíbrio ecossistêmico a ser alcançado.** Sendo que diante do contexto atual de degeneração dos nossos sistemas, **é preciso regenerar para se alcançar esse objetivo.**

Sendo assim, esta pesquisa defende a regeneração como um caminho fundamental para o design estratégico percorrer, principalmente diante do contexto atual, na qual a humanidade tem utilizado os recursos naturais além da capacidade

do planeta de se regenerar<sup>2</sup> (EARTH OVERSHOOT DAY, 2023). Está claro que o design precisa começar a atuar para a regeneração e não para a sustentar um ecossistema que já não se sustenta mais. Não é mais questão de reduzir danos, mas de recuperar os danos causados ao planeta.

Logo, para alcançarmos futuros desejáveis de um planeta que seja justo, próspero e resiliente para todo o ecossistema é necessário promovermos um design que fomente uma cultura regenerativa. Ou seja, que coloque o bem-estar, o cuidado com a vida de todos no centro das tomadas de decisão.

Ao destacar o conceito de regeneração, este trabalho intenciona evidenciar a necessidade atual de projetarmos futuros, considerando não apenas a sobrevivência da espécie humana, mas de todo o ecossistema do qual fazemos parte. Sendo assim, o Design Estratégico Regenerativo (DER) proposto por este trabalho busca ressaltar as relações e dinâmicas da natureza como inspiração para as jornadas projetuais, além de destacar o sentir, conectado com a espiritualidade, a cultura do Bem Viver e o ecofeminismo como pilares de uma cultura regenerativa.

Manzini descrevia o design estratégico para a sustentabilidade como uma abordagem destinada a criar soluções sustentáveis que reduzissem o consumo de recursos ambientais e regenerassem a qualidade dos contextos de vida. Ele enfatizava o potencial regenerativo das soluções como um critério central de sustentabilidade (MANZINI, 2008). No entanto, embora os termos "sustentabilidade" e "regeneração" tenham suas raízes na questão ambiental, este trabalho dará maior ênfase à dimensão social. Isso não significa que a dimensão ambiental seja negligenciada; pelo contrário, ela é fundamental. De nada adianta trabalhar a dimensão social se não temos um planeta que sustente a vida. Por esse motivo, este trabalho fala sobre inovação socioambiental, na qual essas duas dimensões devem ser trabalhadas de forma integrada.

O conceito de Design Regenerativo ainda é novo, sendo Daniel Wahl e o grupo Regenesys um dos principais porta-vozes desse design. Por ser um conceito novo, e ainda em construção, uma das intenções dessa pesquisa é contribuir para o avanço deste conceito, que se fundamenta nos sistemas vivos, e coloca a vida no centro das

---

<sup>2</sup> Overshoot day, ou dia de Sobrecarga da Terra, é o termo que tem sido utilizado para marcar o dia do ano em que a humanidade utilizou recursos naturais da Terra acima de sua capacidade de regeneração. Em 2022, a data de 28/07 marcou esse dia, quando precisaríamos de mais de um planeta para continuar atendendo todas as demandas de consumo humano (<https://www.overshootday.org/>).

ações e tomadas de decisão. Além do **design regenerativo**, serão explorados neste trabalho conceitos fundantes, como: **co-design sentipensante, ecofeminismo, e bem viver**. Tais conceitos são os pilares que fundamentam a proposta de DER aqui apresentada e que serão aprofundados na seção da ‘Fundamentação teórica’.

Assim, essa pesquisa intenciona propor uma nova lente para o Design Estratégico, uma lente com o intuito de fomentar uma cultura regenerativa em seus processos projetuais.

Dentre as características do DER apresentada, é proposto adotar um design inspirado nos sistemas vivos, com a natureza como mentora, que é o princípio básico tanto da ontologia do Bem Viver, como da epistemologia do Ecofeminismo. Além disso, esta pesquisa destaca a característica do sentipensar do designer, que reconhece a subjetividade do designer e sua influência durante a jornada projetual, além de ressaltar as emoções, criação de vínculos e o sentir para agir.

E finalmente, seguindo a proposta de fomentar uma cultura regenerativa, como uma nova lente para o Design Estratégico, o DER proposto seria orientado para a regeneração e inovação socioambiental, com um olhar mais amplo para todo o ecossistema. Tais características estão resumidas na Figura 1 e serão apresentadas em mais detalhe no próximo capítulo.

Figura 1 - Design Estratégico x Design Estratégico Regenerativo



Fonte: Elaborado pela autora

Além dos conceitos que fundamentam a proposição de um DER, neste trabalho serão apresentados também alguns movimentos para orientar essa jornada projetual regenerativa. São oito movimentos que foram elaborados a partir da experiência de campo da autora e da pesquisa bibliográfica que ancorou esta pesquisa, apresentada na fundamentação teórica. Sendo o Design Estratégico a base de design que baliza os movimentos propostos.

### 1.1.1 Objetivo geral e objetivos específicos

Posto isto, o **objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de um Design Estratégico Regenerativo**. Um design que tem como base o Design Estratégico, mas que incorpora conceitos de uma cultura regenerativa. Sendo que dentre esses conceitos, esta pesquisa irá explorar os temas: bem viver, ecofeminismo, e co-design sentipensante. E como **objetivos específicos** essa pesquisa se propõe a:

- a) **apresentar e explorar o conceito de uma cultura regenerativa**, incluindo os conceitos de bem-viver e ecofeminismo, e incorporando a espiritualidade dentro do pensamento sistêmico;
- b) **aprofundar o conceito de design regenerativo**, a fim de propor novas abordagens para o design estratégico;
- c) **propor movimentos a serem seguidos para um Design Estratégico Regenerativo**, a fim de que funcionem como uma **bússola orientadora** desse processo projetual;
- d) **experimentar a aplicação desses movimentos**, a fim de sentipensar a proposta

Para atender a esses objetivos, esta pesquisa está organizada em seis capítulos distintos. O primeiro capítulo consiste na introdução, na qual são apresentados o contexto que motivou a realização deste estudo, o problema de pesquisa e seus objetivos, bem como a justificativa para a escolha do tema. Em seguida, o segundo capítulo aborda os métodos de pesquisa empregados, os quais incluem a vivência de campo realizada pela autora, a observação participante durante uma imersão relacionada ao tema de estudo, a revisão bibliográfica não sistemática dos conceitos pertinentes e a experimentação dos movimentos propostos para promover um DER (Design Estratégico Regenerativo).

No terceiro capítulo, é apresentada a fundamentação teórica, proporcionando um embasamento conceitual sólido para a pesquisa. O quarto capítulo detalha as vivências experimentadas pela autora durante duas imersões que sustentam o presente estudo, descrevendo os aprendizados e reflexões obtidos ao longo desses processos. O quinto capítulo aborda a proposta de um DER, apresentando os movimentos sugeridos para orientar a jornada projetual e a experimentação desses movimentos.

Por fim, o sexto capítulo contempla as considerações finais, nas quais são apresentadas as conclusões e reflexões que emergiram a partir dos resultados obtidos, bem como possíveis direcionamentos futuros para a pesquisa.

## **1.2 Justificativa**

A história do Design, conforme destaca Manzini (2017), começou a tomar forma e ganhar notoriedade na época da Revolução Industrial. O Design industrial despontava como uma nova cultura e prática para lidar com a inovação tecnológica que estava pulsando no mundo ocidental. Apesar do design sempre ter estado presente em toda a história da humanidade e sua cultura, foi com a Revolução Científica e o Renascimento que o modo de design ganhou terreno e começou a ser disseminada como atividade especializada para o desenvolvimento de produtos. Nessa época, o design era voltado, exclusivamente, para projetar máquinas e soluções para a fabricação em série de bens (MANZINI, 2017).

Foi nesse período que o homem, incutido pelo pensamento científico, e uso da razão, começou a interferir de forma mais direta na natureza. Como destaca Shiva (1998), a revolução industrial, imbuída pelo pensamento reducionista, patriarcal e capitalista passou a enxergar a natureza como provedora de matérias primas e fonte ilimitada de recursos, e as pessoas, como fonte de mão de obra (SHIVA, 1998; ESCOBAR, 2022). Neste cenário, a cultura de design vigente, projetava as máquinas e produtos sem considerar, e nem conhecer, os impactos ambientais e sociais (MANZINI, 2017). Por conseguinte, hoje o planeta e a sociedade sofrem as consequências desse paradigma dirigido por essa cultura reducionista-patriarcal-capitalista (SHIVA, 1998; MIES & SHIVA, 2014), e que reflete um design degenerativo. Pois atende as demandas do capital sem considerar o bem-estar do ecossistema em que faz parte. Como alertam Mies e Shiva (2014):

Como o planeta e os seres humanos evoluirão para o futuro depende de como entendemos o impacto humano no planeta. Se continuarmos a entender nosso papel como enraizado no velho paradigma do capitalismo-patriarcal – baseado em uma visão de mundo mecanicista, uma economia competitiva industrial centrada no capital e uma cultura de dominação, violência, guerra e irresponsabilidade ecológica e humana – nós testemunharemos o rápido desdobramento da crescente catástrofe climática, extinção de espécies, colapso econômico e injustiça e desigualdade humanas.” (MIES & SHIVA, 2014, p. ix – tradução da autora)

Diante do contexto atual, em que estamos imersos em uma cultura degenerativa, é necessário que o design busque promover uma cultura regenerativa, cuja vida e o bem-estar de todo o ecossistema seja o objetivo principal. Conforme defende Wahl, hoje é necessário um design que vá além do desejo de recuperar os recursos naturais que foram destruídos pela ação humana nos últimos séculos, é necessário um design que resgate nosso senso de comunidade, e nossa conexão e comunhão com a natureza. Valores e saberes que muitos povos indígenas ainda carregam consigo dentro de suas visões sobre espiritualidades e formas de viver. Para o autor, uma cultura regenerativa deve ter um olhar para o futuro, mas a partir do resgate dos valores espirituais de conexão dos saberes ancestrais, só assim alcançaremos um planeta que seja justo, próspero, resiliente e sustentável para todos (WAHL, 2020).

Por valores espirituais essa pesquisa considera a cosmovisão apresentada pelos povos indígenas, que ensina que tudo no mundo está inter-relacionado e que toda ação tem uma consequência no ecossistema. Para essa cultura a interconexão e interdependência de todos os seres é que trazem a harmonia para o planeta (WAHL, 2020). Para fundamentar o conceito de espiritualidade deste trabalho é adotado a definição de Brené Brown, professora e pesquisadora que em seu livro '*A arte da imperfeição*' define espiritualidade como uma prática que ajuda as pessoas a se conectarem com algo maior do que elas mesmas e a encontrar significado, propósito e perspectiva em suas vidas (BROWN, 2020).

Esse sentimento de interconexão e interdependência é o que o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh chama de “interser” (THICH NHAT HANH, 1995, p. 113, tradução da autora). E, é a partir desse resgate de entendimento de que somos todos parte desse ecossistema planetário e que cada ser e relação tem seu papel, que precisamos resgatar nosso senso de comunidade planetária.

Dentro dessa perspectiva, o Design Estratégico é uma abordagem que já vem caminhando nesta direção. Pois se trata de uma disciplina que se fundamenta na epistemologia do pensamento sistêmico e complexo, e percebe que a colaboração é fundamental para alcançarmos soluções inovadoras a fim de projetarmos cenários futuros desejáveis (WAHL, 2020). Logo, uma excelente base para propormos o DER que é o objetivo deste trabalho.

## 2 MÉTODOS DE PESQUISA APLICADOS

Este trabalho adota a pesquisa de caráter **qualitativa, exploratória e experiencial**, cuja intenção é **apresentar novas características para a abordagem do Design Estratégico**, que neste trabalho será denominado como **Design Estratégico Regenerativo (DER)**. Sendo que sua natureza é tanto de **caráter aplicado, como teórico**, pois visa explorar uma nova proposta para o Design Estratégico e descrever os movimentos que foram dados a fim de se alcançar a proposta do DER aqui apresentado.

Por se tratar de um método de **pesquisa abductiva**, que parte de uma premissa de um Design Estratégico orientado para uma cultura regenerativa, optou-se por antes de apresentar a fundamentação teórica do trabalho, apresentar os métodos aplicados no desenvolvimento desta pesquisa.

Para alcançar a proposta de um DER, essa pesquisa se valeu de diferentes métodos e procedimentos, como a **vivência experiencial, observação participante, revisão bibliográfica não sistemática, e a experimentação da proposta**. Pelo fato de a vivência no campo ter acontecido antes da intenção formal da pesquisa, mesmo que tenha características da pesquisa-ação e do *design research*, ela não pode ser classificada como um método, por isso aqui será abordada como uma **pesquisa experiencial**.

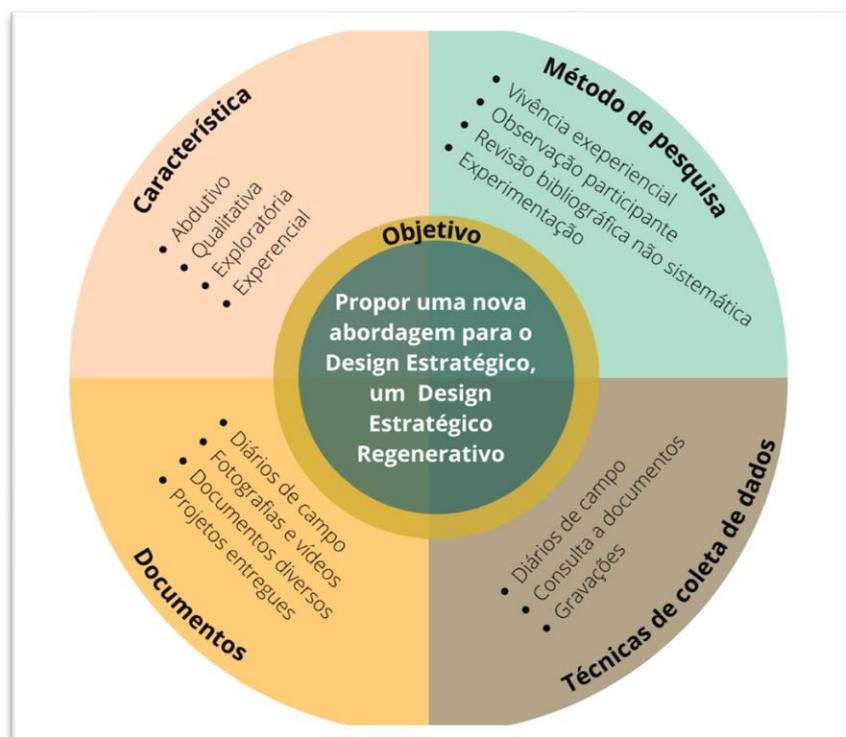
A jornada desta pesquisa passou por diferentes percursos. Começou antes do mestrado, com a **vivência de campo** da autora com projetos sociais e as **trocas de experiências** com outros ativistas e estudiosos do tema 'cultura regenerativa', até a **revisão bibliográfica não sistemática** sobre a temática e que fundamentou a proposta do DER, objeto desta pesquisa. E termina com a **experimentação** dos movimentos propostos neste trabalho por um grupo de alunos de graduação, movimentos que propõem guiar o DER.

Como apresentado anteriormente, este não é o primeiro trabalho do PPG de Design Estratégico da Unisinos que propõe uma exploração do Design Estratégico pelas lentes de um design regenerativo. Apesar do presente trabalho não ser uma continuidade da pesquisa apresentada por Garcia, o cerne é o mesmo: aprofundar e explorar o conceito de design regenerativo e articulá-lo

com o Design Estratégico. Ademais, tive a oportunidade de participar da pesquisa de campo da pesquisa da Natalí. A pesquisa de campo foi uma imersão em um sítio no interior de São Paulo, na qual foram apresentados e testados os princípios e movimentos projetuais para um Design Estratégico Regenerativo proposto pela autora.

Dado esse contexto, optou-se por apresentar os métodos de pesquisa que formam o arcabouço deste trabalho antes da fundamentação teórica, que ancora toda esta pesquisa. Nas próximas sessões, serão apresentados os métodos utilizados, que estão representados de forma sintética na figura abaixo (Figura 2).

Figura 2 – Síntese dos métodos de pesquisa aplicada



Fonte: Elaborado pela autora

## 2.1 Métodos aplicados

### 2.1.1 Vivência de campo - experiência

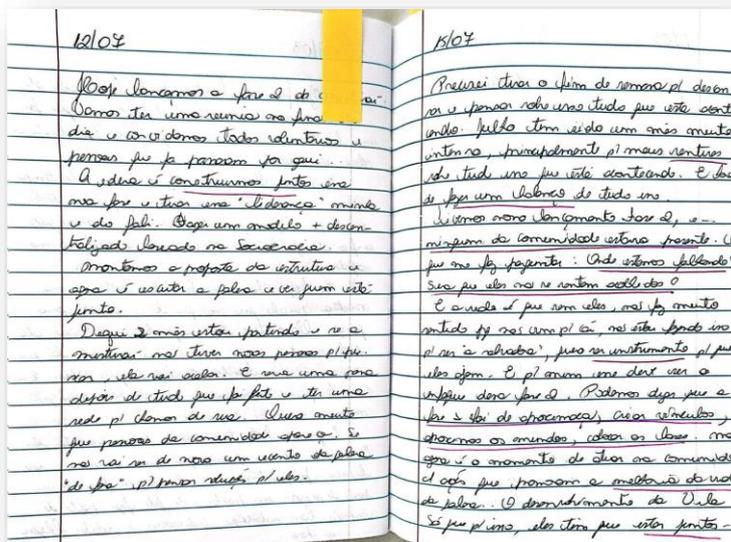
Parte dessa pesquisa começou em 2019, quando me mudei para a Vila Planetário em Porto Alegre/RS e, junto com amigos, cofundei a Organização da Sociedade Civil (OSC) Misturai<sup>3</sup>. Na época, eu não tinha ainda a intenção de fazer um mestrado, mas já tinha a intenção de investigar sobre como elaborar projetos de forma mais participativa e sustentável. O objetivo era desenhar projetos, apoiados em uma cultura regenerativa, para o desenvolvimento social e econômico de comunidades vulneráveis para promover um desenvolvimento sustentável local. Apesar de ter praticado um processo de co-design junto aos moradores locais, **não houve um método de pesquisa intencional**. Logo, para este trabalho, essa experiência é apresentada como uma **vivência de campo experienciada**. Sendo assim, não há a intenção de detalhar o processo de design dessa experiência, mas trazer os elementos que foram importantes para a fundamentação da proposta do DER apresentada nesta pesquisa.

Como documentação dessa experiência, usarei, além dos registros da minha memória, o **diário** que escrevi na época, onde relatava o processo, os aprendizados, frustrações e celebrações do meu dia a dia com essa experiência, além de **fotos, vídeos, e atas de reuniões** (Figura 3 e 4). Sendo que o diário é a melhor fonte de dados sobre as experiências vividas naquela época, pois ali relatava não só os sentimentos, mas as observações sobre o processo.

---

<sup>3</sup> Site: <https://misturai.com/>

Figura 3 – Diário de 2019



Fonte: Documento pessoal da autora

Figura 4 – Atas de reunião e relatório de atividades

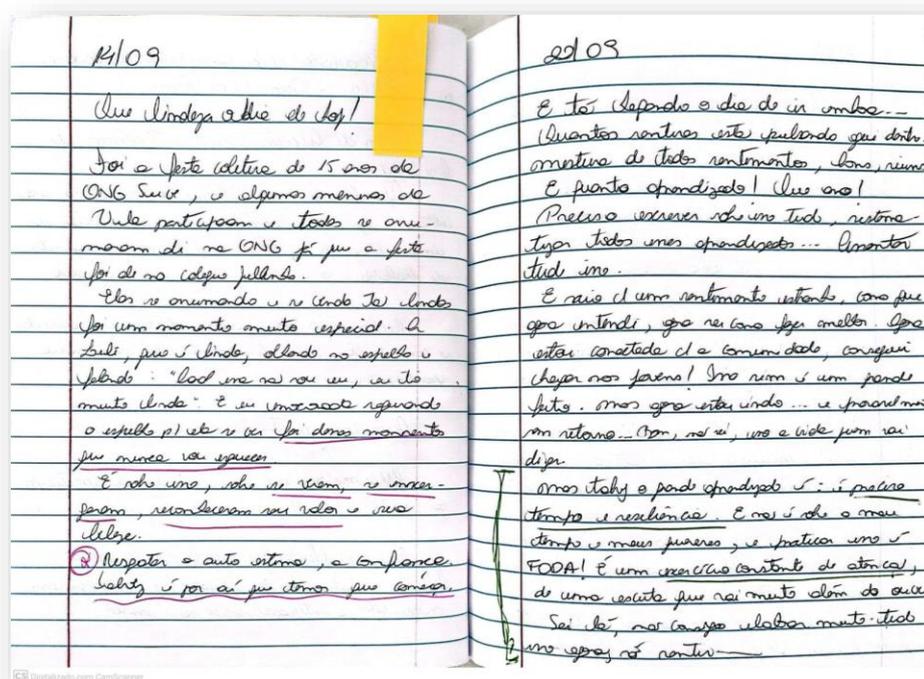


Fonte: Documentos da autora

A Antropóloga Florence Weber ressalta a importância dos registros em diários como instrumento de registro das experiências de campo. E apresenta três tipos de diários: o diário de campo, que é o instrumento específico utilizado nas pesquisas etnográficas, o diário de pesquisa e o diário íntimo (WEBER, 2009). Neste caso, eu considero que se trata de uma mescla entre um diário íntimo, pois não havia uma intenção formal de pesquisa e o diário era utilizado para refletir sobre tudo que estava experienciando, anotar as aprendizagens e

os pontos que percebia que precisavam ser melhorados no processo de cocriar projetos sociais junto aos beneficiados. Este instrumento, junto com as **atas de reuniões** da época, **registros fotográficos e vídeos**<sup>4</sup>, se tornou fundamental para resgatar os aprendizados da época, e que hoje fazem parte da proposta que este trabalho intenciona apresentar. Nele estão registros de conversas, questionamentos, emoções, reflexões e as aprendizagens que a vivência na Vila Planetário me trouxe e que se tornaram cruciais para minha forma de fazer design, principalmente em comunidades socioeconomicamente mais vulneráveis.

Figura 5 – Diário de 2019



Fonte: Documento pessoal da autora

Para narrar a experiência e os aprendizados proporcionados pela fundação da OSC Misturaí junto com a vivência na Vila Planetário, foi utilizado o método de investigação **“escrevivência”**. Um método de investigação e

<sup>4</sup> No canal de Youtube da Misturaí é possível ver alguns vídeos que contam a história da OSC: <https://www.youtube.com/@misturaipoa9380>

produção de conhecimento, principalmente, das Ciências Humanas e Sociais baseado no termo apresentado pela escritora Conceição Evaristo (SOARES & MACHADO, 2017). O termo foi cunhado por Conceição Evaristo, em sua dissertação de mestrado em 1995, e aponta duas dimensões: a vida que se escreve na vivência de cada pessoa, e como cada um escreve o mundo que enfrenta.

A escrevivência da imersão na Vila Planetário teve como objetivo relatar as vivências prévias desta autora de modo a trazer minha subjetividade para as atuais vivências de pesquisa apresentada, considerando todas as camadas, especialmente os sentires para a reflexão.

O termo surgiu a fim de dar voz às mulheres negras, que antes escravizadas e subjugadas não tinham voz, muito menos a letra e a escrita (DUARTE & NUNES, 2020). E como diz Conceição Evaristo no livro *'Escrevivência: a escrita de nós'* (2020), escrevivência traz essa força por ser:

Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos (DUARTE & NUNES, 2020)

Apesar de não ser uma mulher negra e nem de origem vulnerável socioeconomicamente, uma das minhas principais motivações em trabalhar com projetos sociais é potencializar e amplificar a voz, a visibilidade e a autonomia para muitas dessas pessoas que não têm suas vozes ouvidas, não são vistas e não tem uma autonomia sobre suas vidas. Logo, a proposta de Conceição Evaristo ressoa muito com a proposta desta pesquisa, não só como método, mas como intenção ativista de uma cultura regenerativa, que neste trabalho traz um enfoque para as mulheres (ecofeminismo) e a decolonialidade (bem viver).

Ademais, Soares e Machado (2017), no artigo *“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social*, apresenta o conceito de “escrevivência”, como “método de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade aplicada” (SOARES & MACHADO, 2017, p. 206). Segundo as autoras, o método da escrevivência

ocorre quando há a narrativa de histórias particulares que remetem a experiências coletivas. Quando a pessoa que narra a história assume o lugar de um eu coletivo e evoca a voz de um “nós” compartilhado. Para isso Soares<sup>5</sup> (SOARES & MACHADO, 2017), identifica três elementos que compõem a escrevivência: o corpo, a condição e a experiência.

Sendo esses três elementos parte do campo de experiência desta autora em sua experiência na Vila Planetário com a Misturaí. Como essa vivência aconteceu em 2019, para essa pesquisa precisei recorrer às memórias, diários, fotos, vídeos e documentação que me fizessem reviver aquele pedaço de minha história. Em um processo escrever a partir de minha narrativa, as experiências vividas e os aprendizados que conecto a proposta de DER apresentado neste trabalho.

Ademais, as memórias resgataram os sentires vividos naquela época e que orientaram o caminho que a Misturaí foi tomando, e que caracteriza um processo de experimentação em design de projetos sociais. Isso porque o processo foi feito a partir da escuta, sentires e tentativas para se desenhar uma melhor proposta de OSC que fosse feita para e pelas pessoas que viviam, e ainda vivem, naquela comunidade. As figuras 6 e 7 trazem alguns dos registros desses momentos de construção coletiva, e a figura 8 a sistematização dos processos e projetos construídos.

---

<sup>5</sup> Este artigo foi feito pela primeira autora, então é sobre seu processo de escrevivência. A segunda autora foi sua orientadora de pesquisa que apoiou na produção do artigo.

Figura 6 – Vídeos e fotos de reuniões e momentos da Misturái



Fonte: Youtube Misturái Poa e fotos da autora

Figura 7 – Fotos de reuniões na comunidade e ata de reunião



Fonte: Arquivo e fotos da autora

Figura 8 – 1º Relatório da Misturaí - 2019



Fonte: Arquivo da autora

Essa vivência de campo experienciada teve um papel relevante para destacar a importância de um co-design sentipensante dentro da proposta de um DER. Cujo principal suporte teórico foi a pesquisa de Maria Cristina Ibarra (2021), que escreveu sua tese de doutorado sobre processos participativos e colaborativos com pessoas fora do design a fim de propor “outras formas de perceber e praticar o design” (IBARRA, 2021, p. 235). Em sua tese, Ibarra apresenta sua pesquisa com um grupo de moradores de Santa Teresa (bairro do Rio de Janeiro), o Coletivo Santa sem Violência (CSSV). Um coletivo que foi formado com o intuito de pensar soluções para lidar com os altos índices de violência do bairro (IBARRA, 2021). A autora destaca que fazer a pesquisa e a experiência que viveu junto ao coletivo é o que ela considera um design sentipensante. Uma palavra que segundo ela:

sintetiza a união da mente e o corpo e, ao mesmo tempo, abre muitas possibilidades, entre elas a de refletir sobre decolonidade no design. Ela [a palavra] questiona vários conceitos como a modernidade, o eurocentrismo, a objetividade, a neutralidade, a separação sujeito/objeto, razão/emoção e natureza/cultura, entre outras. (IBARRA, 2021, p. 15)

Todavia, meu processo de pesquisa seguiu o caminho inverso ao dela. Sua jornada imersiva junto ao coletivo foi, primeiramente, a fim de aplicar os métodos de pesquisa que queria explorar e dissertar em sua pesquisa de doutorado. Já em minha pesquisa precisei resgatar o que vivi como experiência no processo de um co-design sentipensante (que em sua tese, Ibarra chama de design participativo sentipensante), sendo que encontrei em sua pesquisa a fundamentação teórica do que experienciei, o que trouxe mais robustez e clareza para minha dissertação.

Em seu trabalho de pesquisa, Ibarra (2021) apresenta seu estudo fundamentado nos conceitos do *Design Anthropology* e design participativo (que neste trabalho utilizarei o termo 'co-design') para propor o Design Participativo Sentipensante. Logo, para a fundamentação teórica deste trabalho em relação ao co-design sentipensante, partirei do seu trabalho proposto, que destaca:

um design que se constrói à medida que os designers se relacionam com o mundo e, não necessariamente, um processo de design que é determinado a priori por uma metodologia rígida que pode ser “aplicada” a qualquer situação. Ou seja, é um design em que o corpo é valorizado tanto quanto (ou mais) do que a mente. (IBARRA, 2021, p. 9)

Ressaltando que este trabalho não tem como objetivo detalhar o processo de co-design da Misturaí na Vila Planetário, mas apresentar as aprendizagens e reflexões do que foi vivido e experienciado durante este processo, através da escrevivência em um diário íntimo e registros do processo, como insumo para a proposição de um DER. As reflexões e aprendizagens com o processo, serão apresentados no 'CAP 4 – SENTIPENSAÇÃO NO CAMPO, na seção 4.1 - Imersão Vila Planetário – Cocriação da OSC Misturaí.

#### 2.1.2 Observação participante - Imersão RegenerArtivistas

Além da vivência de campo na Vila Planetário, outros fatores também contribuíram para essa pesquisa, como a imersão decorrente da pesquisa de campo da Natalí Garcia para sua dissertação de mestrado. Em sua dissertação, Garcia (2022) tinha como objetivo explorar uma aproximação do Design

Regenerativo com o Design Estratégico, através das Três Ecologias de Guattari como enquadramento projetual. Como parte de seu trabalho, ela reuniu 9 pessoas, no mês de junho de 2022, durante 4 dias na Serra da Cantareira, em São Paulo/SP, para experimentar os princípios e movimentos projetuais, além de promover uma metaprojeção, de um Design Regenerativo. Para isso, ela escolheu um lugar em meio a floresta da Mata Atlântica, em uma Área de Preservação Ambiental onde pudemos vivenciar o contato com a natureza e estabelecer e aprofundar a criação de vínculos.

Figura 9 – Fotos da Imersão na Serra da Cantareira

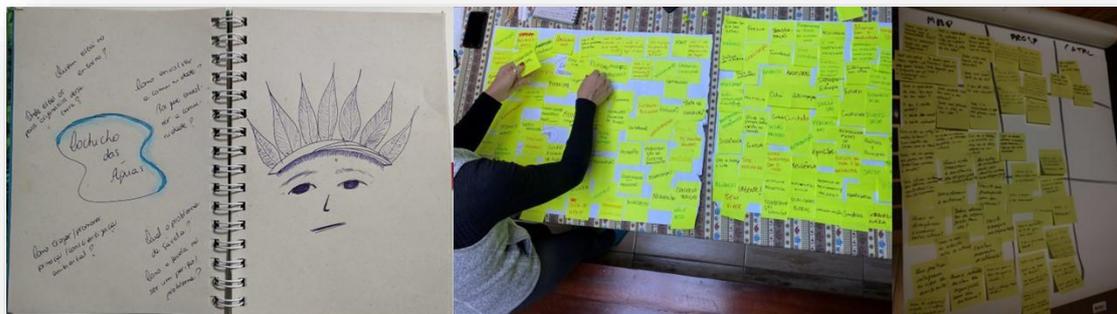


Fonte: Arquivo compartilhado RegenerARTIVISTA

Por também ser tema de minha pesquisa, nesta imersão, além de experimentar e vivenciar a proposta de design apresentada pela Natalí, tive a oportunidade de participar como **observadora participante**, a fim de observar as trocas, reflexões e entendimentos dos demais participantes sobre o tema design regenerativo. Para isso fiz registros em meu **diário de campo**, um caderno que foi entregue para que registrássemos nossas emoções, reflexões e inspirações ao longo da imersão, além de **fotografias do material produzido e**

**vídeos.** A própria **dissertação da autora**, com o relato da experiência serviu como fonte de dados para reviver esta imersão.

Figura 10 – Fotos meu caderno e alguns documentos produzidos



Fonte: GARCIA, 2022

A **observação participante** é um método de pesquisa que tem como inspiração a etnografia, no qual é feita uma descrição e análise dos fenômenos sociais observados dentro de um grupo de pessoas. O objetivo é compreender a cultura, os hábitos, relações e estruturas dentro daquele grupo, sendo que para isso há uma participação direta do pesquisador no ambiente investigado (SANTOS, 2018). No caso da imersão, eu estava participando da atividade e observando o grupo com o qual estava convivendo naqueles 4 dias a fim de perceber seus hábitos, cultura e reflexões sobre a temática ‘regeneração’.

É um método de caráter indutivo e abduutivo que tem como objetivo compreender a dinâmica do grupo, suas implicações e conclusões a partir da aplicação do método proposto. Neste sentido, o próprio **design** é também um método que apoia esta investigação, pois dentro de sua proposta está a observação e análise do processo baseado na prática (MURATOVISKI, 2016). Como a imersão foi uma pesquisa exploratória, nada estava consolidado, ou pré-determinado, e todo o processo foi uma experimentação que foi se adaptando ao longo da jornada imersiva.

Ao adotar a abordagem do design durante a imersão, segui alguns princípios essenciais do método etnográficos, como: (i) o convívio direto e

participativo do pesquisador com o grupo pesquisado, (ii) evitar julgamentos e preconceitos em relação ao grupo observado, (iii) observar as coerências entre discurso e ação, (iv) não ter hipóteses pré-definidas com o intuito de validá-las, e (v) não interferir na dinâmica do grupo observado (SANTOS, 2018). Tais princípios também foram adotados pela Natalí durante a imersão, na qual conduziu o processo de forma aberta e foi adaptando e ajustando de acordo com o andamento do processo. Segundo Santos (2018), no design é preciso saber lidar com o imprevisível, por isso abandonar o controle e mergulhar no ambiente de ação e reação com diferentes tipos de estímulos e interferências.

No caso da imersão, como eu era uma das participantes, procurei participar de forma ativa a fim de contribuir com a pesquisa da colega, mas também observando as interações e os processos que estavam sendo conduzidos, e os resultados que estavam sendo alcançados. No capítulo 'CAP 4 – SENTIPENSAÇÃO NO CAMPO, na seção 4.2 - Imersão RegenerARTivistas, serão apresentadas as reflexões, aprendizagens e inspirações que essa imersão trouxe para esta pesquisa.

### 2.1.3 Revisão Bibliográfica não-sistemática

A escolha da **Revisão Bibliográfica Não-sistemática (RBNS)** ocorreu por se tratar de um tema ainda novo, o design regenerativo no âmbito acadêmico, e, portanto, ainda pouco explorado. Assim, optei por me basear em poucos autores especialistas no tema, e a partir deles, explorar outros conceitos ligados ao que esse trabalho entende como 'cultura regenerativa' e 'design regenerativo'.

Mesmo com a intenção de adotar uma RBNS, foi feita uma pesquisa nas bases de dados<sup>6</sup> 'EBSCOhost' e CAPES, utilizando os conceitos chaves apresentados nessa pesquisa, como: **design regenerativo, design estratégico, cultura regenerativa, ecofeminismo, bem viver, sentipensar, design sentipensante.**

---

<sup>6</sup> As pesquisas aconteceram no dia 19/01/2023.

Os termos foram utilizados de forma combinadas e nos idiomas português e inglês, sendo que ‘bem viver’ em espanhol também. Os resultados são referentes a busca em revistas acadêmicas, e nos quadros 1 e 2 estão os resumos desta consulta, e demonstra o ineditismo da proposta deste trabalho. Por esse motivo, o ineditismo, essa é uma das intenções desta pesquisa, aprofundar a temática e inseri-lo no ambiente acadêmico. Importante ressaltar que para o termo ‘cultura regenerativa’, as referências que foram encontradas, em sua maioria, referiam-se à área de biologia e medicina. Nos quadros abaixo são apresentados os resumos estatísticos da busca feita nas duas bases de dados, sendo que alguns artigos estão presentes nas duas.

Quadro 1 - Consulta base de dados EBSCOhost

Palavra(s)	Nº de ocorrências	Palavra(s)	Nº de ocorrências
design regenerativo	7	regenerative design and regenerative culture	4
regenerative design	1304	design regenerativo e ecofeminismo	0
design estratégico e design regenerativo	0	design regenerativo e bem viver	0
strategic design and regenerative design	1	regenerative design and ecofeminism	0
strategic design and regenerative culture	0	regenerative design and buen viver	1
cultura regenerativa	1	design estratégico e sentipensar	0
regenerative culture	836	design e sentipensante	1
design regenerativo e cultura regenerativa	0	strategic design and sentipensar	0

Fonte: Elaborado pela autora – para essa pesquisa foram consideradas apenas as publicações em revistas acadêmicas.

Na pesquisa da EBSCOhost, o único artigo encontrado com as palavras chaves: ‘strategic design’ and ‘regenerative design’ foi um artigo sobre a aplicação da economia circular em projetos paisagísticos de territórios mal resolvidos – *‘Regenerativescapes: Incremental Evaluation for the Regeneration of Unresolved Territories in East Naples’* (CERRETA, et al., 2020). Com as palavras ‘regenerative design’ and ‘regenerative culture’, os 4 artigos referiam-se a área da medicina, já a combinação das palavras ‘regenerative design’ and ‘buen vivir’ trouxe um artigo que trata da apresentação de um modelo de formação transdisciplinar no Equador com base no Bem Viver - *Training Transdisciplinary Educators: Intercultural Learning and Regenerative Practices in Ecuador* (JAVIER et al., 2019).

E, finalmente, os termos ‘design’ and ‘sentipensante’ trouxeram um artigo que questiona o ensino universitário, no cenário colombiano, das ciências sociais e a visão de Fals Borda sobre uma sociologia sentipensante - *Manifiesto por una sociología sentipensante* (MARÍN GOMES & HOYOS URREA, 2020).

Quadro 2 - Consulta base de dados CAPES

Palavra(s)	Nº de ocorrências
design regenerativo	2
regenerative design	3
cultura regenerativa	1
design sentipensante	0

Fonte: Elaborado pela autora – para essa pesquisa foram consideradas apenas as publicações em revistas acadêmicas.

Na pesquisa no catálogo de teses e dissertações da CAPES com a palavra “design regenerativo” apareceram duas dissertações. Uma dissertação é a da Natalí Garcia (2022), que cito neste trabalho e a outra de Marcos Araújo, da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) no curso de Direito - A transição para a economia circular e a embalagens em geral nas cidades sustentáveis (ARAUJO, 2020).

Quando a palavra do buscador é ‘regenerative design’, além das duas anteriores, temos a tese de Marila Gebara, da Universidade federal de Santa Catarina (UFSC), no programa de Arquitetura e Urbanismo - Guias de projeto regenerativo para campus universitário (GEBARA, 2020).

Com o termo ‘cultura regenerativa’, apenas uma dissertação, de Taisa Mattos, da UERJ do Programa psicossociologia de comunidade ecologia social - *Ecovilas: A construção de uma cultura regenerativa a partir da práxis de Findhorn, Escócia* (MATTOS, 2015).

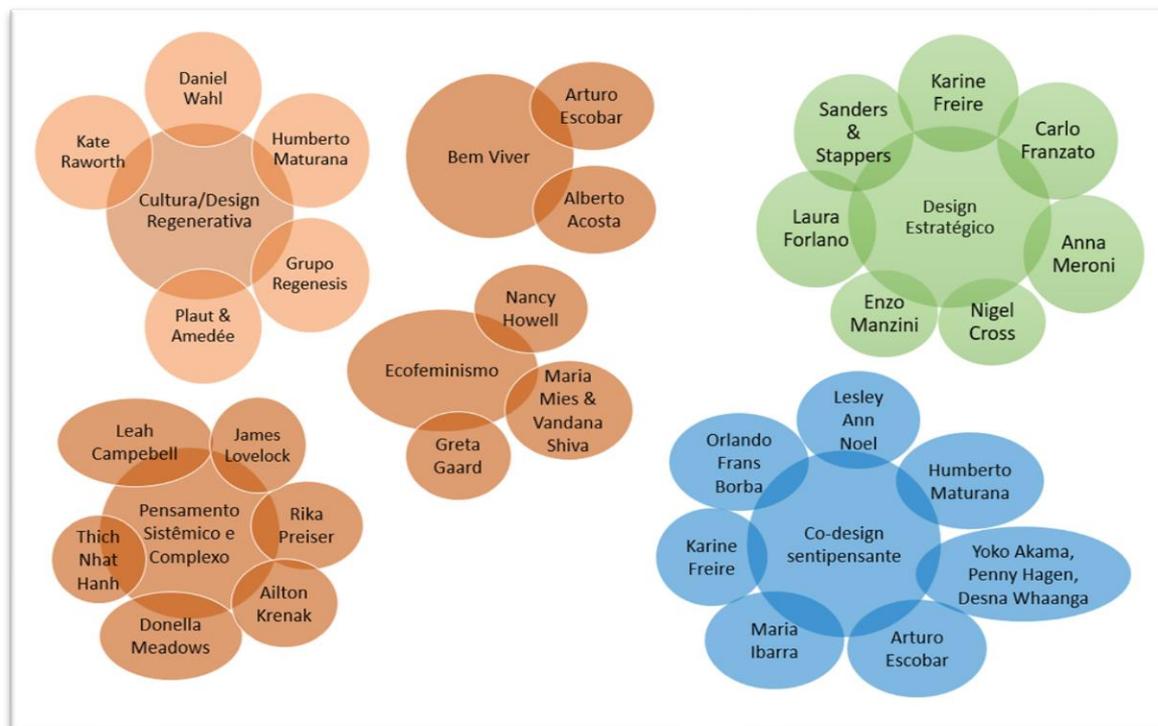
Segundo uma pesquisa realizada por Meira (2021), na qual faz uma revisão sistemática dos conceitos ‘Design Regenerativo’, ‘Desenvolvimento Regenerativo’ e ‘Sustentabilidade Regenerativa’, são poucos os trabalhos acadêmicos que têm se dedicado ao uso do termo "regeneração" em sua

expansão para além do campo da Medicina e da Biologia. Sua pesquisa de revisão sistemática de literatura coletou dados entre os meses de julho e agosto de 2021, e utilizou base de indexação Scopus, utilizando as palavras-chaves: "regenerative design", "regenerative development" e "regenerative sustainability" (MEIRA, 2021). Dessa pesquisa, a autora encontrou 54 artigos, o que estão correlacionados com a proposta de regeneração e desenvolvimento sustentável. Tal fato comprova que esse tema ainda é um território fértil e pouco explorado na academia.

Sendo assim, por não ter, ainda, muitas pesquisas sobre o tema proposto por este trabalho, foi adotado o método de **revisão bibliográfica não sistemática**. A pesquisa partiu de autores que são referências no tema 'cultura regenerativa' e 'design regenerativo', como Wahl, Plaut e Amedée e o grupo Regenesis. Outros autores foram destacados, que apesar de não falarem explicitamente sobre cultura regenerativa e design regenerativo, seus conceitos e estudos fundamentam a proposta de uma cultura regenerativa que esta pesquisa almeja apresentar, como: ecofeminismo, bem viver e design sentipensante.

Ressalta-se que o Design Estratégico é a base de design deste trabalho. E, neste campo, já existem diversas pesquisas e trabalhos na área. Para essa pesquisa, os principais autores de referência são: Franzato (2015), Freire (2014, 2015, 2017, 2022), Manzini (2016, 2017) e Meroni (2008). A Figura 11, abaixo, apresenta o mapa dos autores que ajudaram a fundamentar essa pesquisa.

Figura 11- Mapa de autores



Fonte: Elaborado pela autora

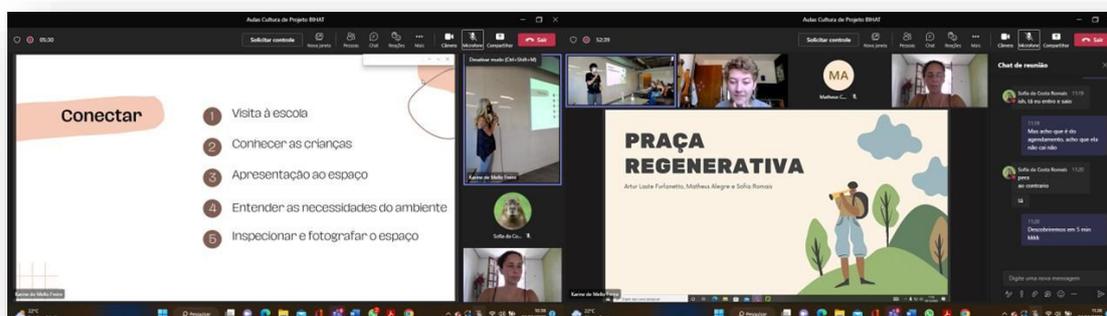
#### 2.1.4 Experimentação - Aplicação dos movimentos do DER

E, por fim, a última atividade de pesquisa que contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa foi a **experimentação** dos movimentos propostos neste trabalho para a promoção de um DER. Essa experimentação ocorreu durante a segunda etapa da disciplina Cultura de Projeto, com uma turma de graduação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologia (BIHAT) da Unisinos. Uma das práticas dessa disciplina é a elaboração de um projeto. Para isso, dois grupos de alunos utilizaram a metodologia proposta de DER.

A experimentação do DER pela turma do BIHAT teve o intuito de observar a aplicação dos movimentos propostos por essa pesquisa a fim de refletir sobre a observação e realizar os ajustes necessários. Ressalta-se que a proposta não foi fazer um processo de co-design com eles, mas apresentar os movimentos prontos para que eles o experimentassem. Para que, a partir daí, eu pudesse

observar como foi o processo e coletar as impressões que tiveram ao utilizar os movimentos sugeridos pelo DER aqui proposto.

Figura 12 - Apresentação dos projetos feitos a partir dos movimentos DER



Fonte: Print da autora das telas das apresentações finais dos projetos - Teams

Érico Franco Mineiro (2016) elaborou sua tese de doutorado na qual apresenta uma abordagem de design baseada na experimentação como adequada para as práticas em design pós-industrial. Em sua pesquisa, ele defende, apoiado por Bürdek (2010), que a experimentação é uma das partes que são intrínsecas ao design, sendo difícil imaginar um design que não seja de alguma forma experimental (MINEIRO, 2016). Como mostra o autor, a experimentação em design vem sendo um tema de pesquisa de duas principais correntes teóricas: a prática reflexiva, de Donald Schön (1983; 1988; 1992), e a pesquisa sobre Gestão de Desenvolvimento de Produtos e Serviços (GDPS), que tem explorado a experimentação nas grandes organizações industriais e prestadora de serviços (MINEIRO, 2016).

O autor também explica que a experimentação em design difere da experimentação científica, já que ela não é extremamente analítica e não se apoia em nenhum rigor científico. Assim como ela se difere da experimentação técnica e da experimentação artística (MINEIRO, 2016). Ele reconhece que, apesar das diferenças, existem algumas partes que se conectam, como a produção de conhecimento, que é promovido pela experimentação científica, e as reflexões conceituais, que são aplicadas pela experimentação artística.

Schön (1992), dentro da abordagem da prática reflexiva, propõe ciclos experimentais compostos por três movimentos: 'ver-mover-ver'. No primeiro movimento 'ver', os designers se ambientam da situação. No 'mover', os designers agem. A partir dali, 'veem' novamente as consequências resultantes do agir, da projeção (SCHÖN, 1992).

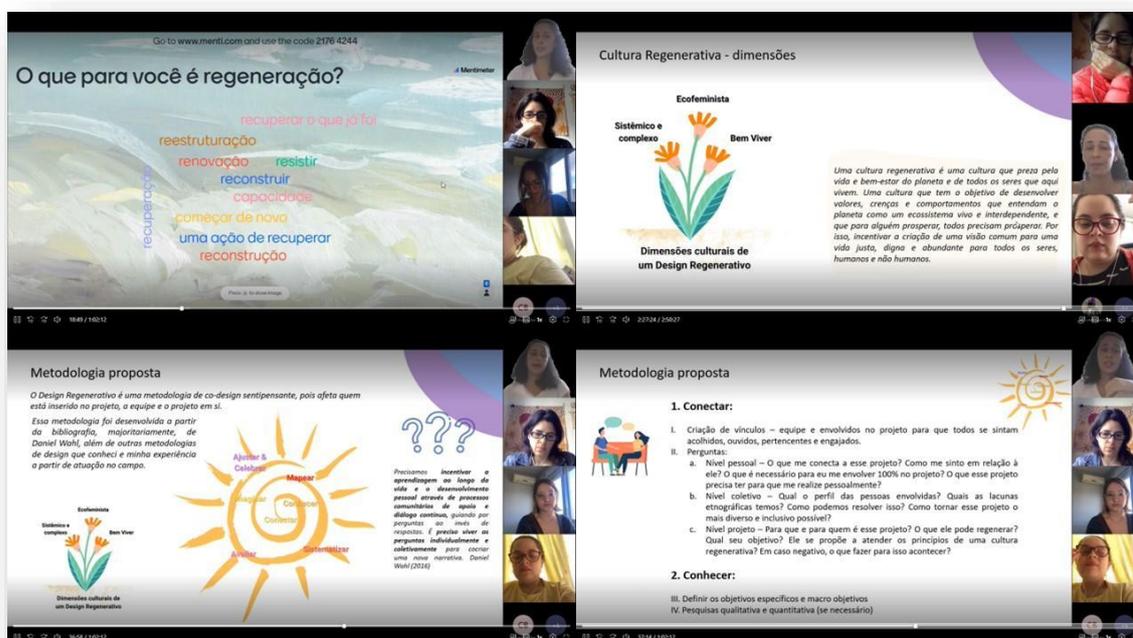
O autor destaca que dentro das práticas-reflexivas existem três tipos de experimentos: experimentos exploratórios, experimentos propositivos (ou mover) e experimentos de teste de hipótese (SCHÖN, 1983). Nesta pesquisa será adotado o experimento propositivo, pois consiste em uma ação deliberada que tem um objetivo em mente, e está relacionado com práticas inventivas (SCHÖN, 1983).

Posto isto, este trabalho entende a prática apresentada ao grupo de alunos do BIHAT como um processo de design de um **experimento propositivo**, onde atuo como uma **observadora participante** do processo.

A escolha da turma de Cultura de Projeto do BIHAT para experimentar o método foi decorrente da oportunidade de estar fazendo meu estágio docente, 2º semestre de 2022, nesta atividade acadêmica. A atividade acadêmica foi ministrada pela professora Karine Freire, que orientou este trabalho. A professora Karine vinha promovendo e observando junto com as turmas desse curso uma proposta de uma cultura de design sentipensante. As observações sobre essa pesquisa e a proposta pedagógica de fomentar o sentir e a intuição durante o processo de design foi publicado no artigo '*Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes*' apresentado no *Pivot Conference Proceedings* de 2021 (FREIRE & DEL GAUDIO, 2021). A atividade acadêmica tinha como objetivo estimular um design orientado pelo "diálogo amoroso e pela escuta atenta, um diálogo horizontal que respeita cada ser humano em sua diversidade de comportamentos e pensamentos" (FREIRE & DEL GAUDIO, 2021, p. 271).

Assim, optei por experimentar a aplicação DER com esse grupo de alunos que já estavam recebendo uma formação de design que tinha um enfoque no sentir e no uso da intuição durante o processo projetual. Para isso, fiz uma apresentação para a turma do que é o DER, os movimentos que ele propõe e os convidei para que experimentassem o método na elaboração de seus projetos.

Figura 13 – Apresentação do DER para a turma de Cultura de Projetos do BIHAT



Fonte: Apresentação da autora

A proposta de projeto para a atividade acadêmica era projetar uma praça regenerativa e feminista para a escola EMEF Saint Hillaire, uma escola pública localizada na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Os projetos foram apresentados para um grupo de crianças que fazem parte do projeto Laboratório Vivo, um projeto extensionista conduzido pelo grupo de pesquisa do *Seeding lab*<sup>7</sup>, junto com a professora da escola, Maria Gabriela Pires de Souza. As crianças deram seus *feedbacks* sobre o que acharam dos projetos e levaram para apresentar as ideias à direção da escola.

A atividade acadêmica Cultura de Projeto aconteceu de forma remota, através da ferramenta Microsoft Teams, e os alunos trabalhavam em seus projetos durante o horário de aula. Com isso, tive a oportunidade de observar o

<sup>7</sup> O Seeding Lab é um grupo de pesquisa do curso de pós graduação de Design da UNISINOS, para maiores informações acessar: <http://unisinos.br/seedinglab/>.

andamento das propostas de projetos, além de prestar as assessorias necessárias durante o percurso. Para a fase de conexão, proposta pelo DER, os alunos fizeram uma visita de campo antes de iniciar a ideação de seus projetos. Nessa visita eles conheceram a escola, o espaço da praça e as crianças que fazem parte do Laboratório Vivo, e que seriam os clientes de seus projetos. Outro momento de encontro aconteceu durante a Feira do Livro de Porto Alegre, onde as crianças iriam apresentar um livro que escreveram. Para esses encontros presenciais, como eu não estava em Porto Alegre, foram feitos registros de fotos, vídeos e tive os relatos dos alunos de como foram os encontros para eles.

Figura 14 – Visita dos alunos a EMEF Saint Hillaire



Fonte: Karine Freire - Fotos da turma (foi utilizado efeito artístico na foto para proteger a imagem das crianças)

A aplicação do DER pelos alunos me ajudou a refletir mais profundamente sobre os movimentos propostos. Foram dois grupos formados por três pessoas em cada grupo, e a análise desta experimentação está no Cap 5 – seção 5.1 – Aprendizagens e reflexões do processo.

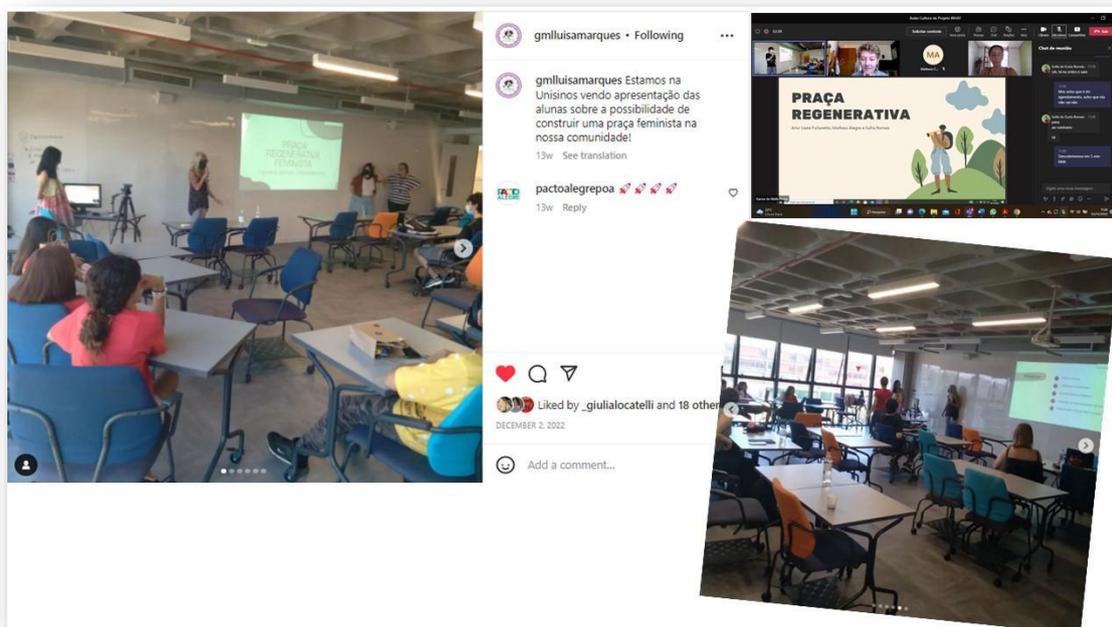
Como coleta de dados para análise desta observação, tenho meu **diário de campo**, as **gravações das aulas**, e os materiais com os **projetos** apresentados por eles, dois projetos, uma praça musical e uma proposta de um modelo de 'smart city' para a praça.

Figura 15 – Diário de campo, trabalho alunos e aulas



Fonte: Documentos da autora

Figura 16 – Registro das crianças do Grupo Mediadores de Leitura Luisa Marques (GMLLM) em sua página de Instagram sobre os projetos e apresentação de um dos grupos.



Fonte: Instagram do GMLLM e registro da autora

Neste capítulo foram apresentadas as metodologias de pesquisa que fundamentaram este trabalho, na sua intenção de incorporar uma cultura regenerativa no Design Estratégico, em uma proposição de um Design Estratégico Regenerativo (DER). No próximo capítulo, será apresentada a fundamentação teórica que âncora este trabalho e explora os conceitos apresentados nesta pesquisa. Também será apresentado os conceitos de cultura regenerativa, pensamento sistêmico e complexo, bem-viver, ecofeminismo, e design regenerativo. Além do design estratégico e o design sentipensante. Todos esses conceitos foram fundamentais para alcançar a proposição do DER e os movimentos propostos para aplicar em projetos que tem a intenção de fomentar uma cultura regenerativa.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Cultura Regenerativa

*Uma velha história sufi captura lindamente nosso momento histórico: Era uma vez um homem que era famoso em sua aldeia e região por sua sabedoria. Dois jovens jackanapes decidiram testá-lo. “Vamos pegar um passarinho”, disse um para o outro. “Vamos perguntar a ele se está vivo ou morto. Se ele disser que está vivo, vou esmagá-lo em minhas mãos. Se ele disser que está morto, vou deixá-lo voar e provar que ele está errado.” Quando se aproximaram do sábio, o jovem gritou: “Velho, escondido em minhas mãos está um pássaro. Você tem uma grande sabedoria. Você pode me dizer se está vivo ou morto?” O sábio olhou-o nos olhos e com um sorriso gentil respondeu: “Está em suas mãos”. (MANG, HAGGARD, REGENESIS, 2016)*

Daniel Wahl, designer regenerativo e autor do livro ‘Design de Culturas Regenerativas’, afirma que é necessária uma profunda transformação cultural para lidarmos com os desafios do mundo atual (WAHL, 2020). É preciso tratar as causas e não apenas os sintomas e para isso é necessário redefinirmos nossa forma de viver. Uma cultura regenerativa, ao contrário das culturas vigentes, valoriza a colaboração, ao invés da competição e a fartura partilhada, ao invés da escassez. Por estarmos há muitos séculos vivendo uma cultura que podemos chamar de degenerativa, precisamos começar a fomentar um design regenerativo. Neste design, a sustentabilidade deve ser vista como um resultado, uma meta (mesmo que inalcançável), na qual para alcançá-la precisamos antes regenerar o que vem sendo destruído, o que inclui as relações dos seres humanos consigo mesmo, com sua comunidade e com a natureza. Um design regenerativo “cria culturas de contínuos aprendizados e transformações em resposta, e antecipação e à mudança inevitável” (WAHL, 2020, p. 59). Assim, trabalhar com projetos regenerativos requer uma mudança da forma que lidamos com a economia, sociedade, e com o meio ambiente (WAHL, 2020), pilares do desenvolvimento sustentável.

Para projetar cenários futuros sustentáveis, a humanidade precisa adotar uma cultura regenerativa, a fim de promover um desenvolvimento que preze pelo cuidado de sua espécie e do planeta. Para isso, é necessário um design regenerativo com uma proposta que contraponha o paradigma atual (WAHL, 2020), que é baseado no pensamento reducionista-mecanicista, patriarcal e capitalista (SHIVA, 1998; MIES & SHIVA, 2014), a fim de fomentar uma cultura sistêmica e colaborativa, equitativa e inclusiva e que vise uma sociedade para o bem-viver. Por cultura, esse trabalho

entende, como o conjunto de saberes, valores, crenças e costumes de uma sociedade/comunidade, que tanto influência como é influenciada pelo contexto em que está inserida, ela pode ditar comportamentos, e mudar ao longo do tempo.

A cultura é produto e produtor da sociedade. Apesar de não ser universal, e ter diferentes dimensões, ela pode ter alguns valores humanos em comum (CANEDO, 2009; GODOY & SANTOS, 2014; OLIVEIRA & ALVES, 2015). E, por mais que saibamos que no mundo existem diferentes culturas e formas de ver o mundo, a proposta de um design regenerativo pode ser uma forma de unir valores, crenças e costumes que sejam universais no sentido de promoção de vida e bem-estar para todos.

Assim, este trabalho, apoiado nas ideias do Grupo Regenesys (2016), e Whal (2020), defende que uma cultura regenerativa é uma cultura que preza pela vida e bem-estar do planeta e de todos os seres que vivem nele. Uma cultura que tem o objetivo de desenvolver valores, crenças e comportamentos que percebem o planeta como um ecossistema vivo e interdependente, e que para alguém prosperar, todos precisam prosperar. Por isso, incentiva a criação de uma visão comum para uma vida justa, digna e abundante para todos os seres, humanos e não humanos, no qual nos reconectemos com a natureza como natureza.

Em seu livro 'Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo', Raworth (2019), faz uma retrospectiva sobre a história da economia junto com a ciência e destaca que nos últimos séculos, com o avanço da ciência, começamos um processo de separação da nossa espécie da natureza. E destaca, que essa segregação começou na era moderna, século XVII, quando a ciência passou a focar no que chamava de "progresso". Nessa época, houve a valorização das ciências exatas e do racionalismo para contrapor o pensamento religioso. Para explicar a vida e os fenômenos naturais, os cientistas começaram a questionar os dogmas da igreja. Neste cenário, destacaram-se pensadores como Isaac Newton e René Descartes, que defendiam que o mundo poderia ser entendido como uma grande máquina, e, por isso, possível de prever, controlar e consertar, surgindo assim o pensamento reducionista, com sua proposta mecanicista, cartesiana e linear (RAWORTH, 2019).

Ainda, segundo a autora, fundamentado nesse tipo de pensamento a ciência da era moderna se desenvolveu, e ganhou mais força com o Iluminismo. O Iluminismo, defendia o uso da razão para tratar das questões políticas, econômicas e religiosas, e por ser o homem a espécie provida da razão, a espécie considerada como superior.

Nesse contexto, a natureza era algo à parte e que existia para servir as necessidades humanas. A visão do homem como ser superior, especialmente o homem branco ocidental, foi retratada na obra de Leonardo da Vinci, o Homem Vitruviano, no qual o homem está no centro de tudo, e representa bem o pensamento daquela época (RAWORTH, 2019).

Maturana (2003) afirma que esse distanciamento, incentivado pela predominância da razão sobre o sentir e intuir, faz parte também da cultura patriarcal. Uma cultura que estimula e valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação dos recursos, e a justificação racional do controle e dominação dos outros pela apropriação da verdade. O patriarcado tem entre seus fundamentos a violência e que está tão presente em nosso modo de vida que incorporamos até na nossa linguagem - mesmo quando queremos falar algo positivo, como por exemplo, “lutar contra a pobreza” (MATURANA, 2003, p. 31), como se todos nossos atos precisassem decorrer de um esforço e uso da força.

A cultura patriarcal impõe uma hierarquia que exige obediência, baseada no controle, na qual uma convivência ordenada exige autoridade e subordinação, que exista superioridade e inferioridade, poder e fraqueza ou submissão, e diante disso estamos sempre dispostos a tratar todas as relações, humanas ou não, nesses termos (MATURANA, 2003). Assim, podemos deduzir que o patriarcado, assim como o capitalismo, são paradigmas contrários a uma cultura regenerativa, pois são baseados em uma perspectiva ganha-perde-perde, na qual poucos ganham, muitos perdem, inclusive o meio ambiente.

Essas visões de mundo moldaram o pensamento e a cultura ocidental dos últimos séculos, fomentando um paradigma que nos separa e coloca a natureza como fonte de matéria prima para a produção de bens de consumo. Dentro dessa perspectiva separatista, passou-se a explorar os recursos naturais, humanos e não humanos dentro do modelo capitalista (ACOSTA, 2016). O capitalismo é um modelo econômico que tem como premissa a acumulação de capital baseada no lucro, propriedade privada e liberdade econômica. Um modelo que visa a exploração de recursos sem considerar suas finitudes e impactos sistêmicos, para atender uma sociedade consumista e individualista, e que deixou de ser apenas um modelo econômico para se tornar uma forma de vida, a cultura capitalista (RAWORTH, 2019).

Essa cultura capitalista, que promove uma cultura do individualismo, consumismo, exploração infinita dos recursos naturais e o desejo de lucro e crescimento contínuo tem levado o planeta a riscos ambientais que pode nos para situações extremas de sobrevivência nas próximas décadas (RAWORTH, 2019; WAHL, 2020). Além da perda de biodiversidade, a crise climática, e seus efeitos, podem levar a humanidade a vivenciar desastres ambientais que terão consequências na vida de todos, principalmente da população mais vulnerável do planeta (IPCC, 2022).

Como exposto, a humanidade hoje está imersa em uma cultura degenerativa, uma cultura que tem raízes em um sistema patriarcal, racista, consumista, competitivo e individualista. Uma cultura que degenera tanto os recursos naturais, como as relações, em decorrência de um sistema econômico que nasceu baseado na exploração para o enriquecimento de poucos. Logo, este trabalho defende que um design regenerativo deve projetar cenários que promovam a sustentabilidade da vida, com o intuito de proporcionar uma vida digna, justa e próspera para todos. Para isso, Morin (2000) defende que é preciso uma nova consciência social e política, uma consciência sistêmica de preservação planetária que fomente uma cultura que gere um senso de pertencimento, responsabilidade e solidariedade global, um senso de cidadania planetária (MORIN, 2000). O conceito de 'cidadania planetária' foi apresentado por Morin (2000) com a intenção de que as pessoas assumam seu papel e responsabilidade diante do planeta em que vivem, criando vínculos mais fortes com sua comunidade e o meio ambiente. E compreendam que seu destino é multifacetado, ou seja, seus destinos individual, social, histórico, econômico, religioso, tecnológico e ambiental estão todos conectados (MORIN, 2000). É necessário fomentar um sentimento de cuidado, respeito e honra por todos os seres a fim de perseguir uma cultura regenerativa que sustente a vida.

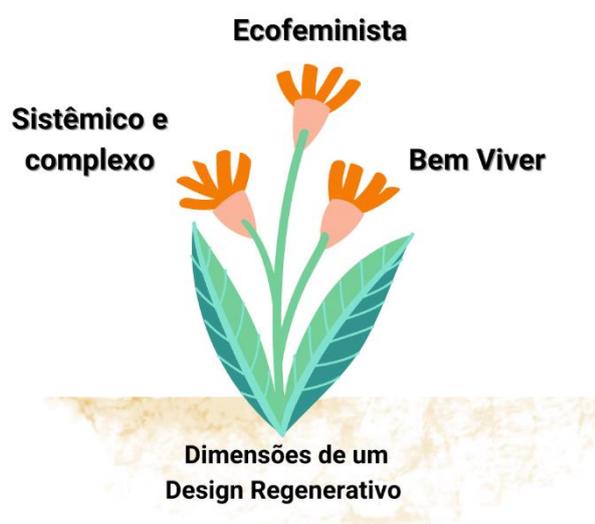
Para estimular uma cultura regenerativa, além das características apresentadas por Daniel Wahl, esse trabalho irá propor três dimensões que considera vital para promover um design regenerativo. Um design que está imbuído pelo pensamento sistêmico e complexo dos sistemas vivos, e inclui a espiritualidade nesta abordagem, que promove uma cultura para o Bem Viver, que significa uma cultura baseada na solidariedade, senso de comunidade, partilha justa e a valorização dos saberes e fazeres locais, e que adota a epistemologia ecofeminista, na qual, conecta o ativismo feminista e ambiental.

Essas três dimensões estão diretamente interrelacionadas, e, como ponto comum, tem a promoção de uma consciência ecossistêmica de conexão e cuidado tanto com a natureza, quanto com sua comunidade. Conexão, que está intimamente relacionada com o nosso sentir e com a nossa espiritualidade, pois a espiritualidade traz a consciência de nos reconhecermos como apenas uma parte de uma totalidade muito maior do que nós, e que nos conecta com algo além do aspecto material.

O mestre budista vietnamita Thich Nhat Hanh chama essa interconexão e intercomunicação entre todos os seres, de todos os reinos, e não só da Terra, mas de todo universo, de 'interser' (1995). O interser nos aponta que a ecologia e a espiritualidade caminham juntos, e "são o caminho para a mesma unicidade de existência em e através dos relacionamentos (WAHL, 2020, p. 51).

A espiritualidade, que neste trabalho transpassa as três dimensões propostas, nos conecta com o nosso ser e a forma que nos relacionamos no e com o mundo, e como sentimos e somos afetados por essa conexão. Observar nosso sentir dentro dessa totalidade é fundamental em um processo de co-design sentipensante (que será apresentado mais adiante), que destaca o "agir com o coração usando a cabeça" (GÓMEZ, 2021, p. 510). Logo, a proposta de Design Estratégico Regenerativo apresentado nesta pesquisa sugere um processo projetual no qual essas três dimensões sejam consideradas em um processo de design.

Figura 17: Dimensões de um design regenerativo



Fonte: Elaborado pela autora

### 3.1.1 Pensamento sistêmico e complexo

*“... por isso eu digo: respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (KRENAK, 2022).*

Como já mencionado anteriormente, o mundo, ainda hoje, adota como paradigma uma forma reducionista de lidar com os problemas e desafios que encontra. Esse paradigma reducionista comporta um pensamento linear e mecanicista, herança da era moderna, que cresceu durante a Revolução Industrial e o Iluminismo. Essa cosmovisão entende o mundo como uma grande máquina que pode ser consertada, e dividido em partes para se alcançar as soluções necessárias (RAWORTH, 2019; WAHL, 2020).

Contudo, nas últimas décadas, fomos percebendo que essa forma de ver o mundo não é a mais adequada, e muito menos corresponde à realidade do mundo em que vivemos. Nosso planeta não é uma máquina, ele é um ecossistema, um organismo vivo (LOVELOCK, 2016). Diante disso, todos os atores e elementos que fazem parte desse ecossistema planetário apresentam uma relação de interdependência. Logo, para promover um design que visa a regeneração é preciso olhar e entender essas relações a fim de buscar soluções que sejam melhor aplicadas dentro do contexto analisado.

No livro ‘Thinking in Systems: A Primer’, Donella Meadows (2009), uma das principais referências sobre pensamento sistêmico e complexo, argumenta que o pensamento sistêmico é uma forma de entender a natureza complexa e interconectada do mundo. E afirma que as abordagens tradicionais de resolução de problemas geralmente falham em abordar as causas básicas dos problemas porque se concentram nos sintomas, e não nos sistemas subjacentes. Por esse motivo, Meadows defende que o pensamento sistêmico é uma maneira de entender as interconexões e interdependências entre diferentes elementos de um sistema e como as mudanças em uma parte de um sistema podem afetar outras partes (MEADOWS, 2009).

Meadows ressalta que adotar um pensamento sistêmico é crucial para entender e mudar os problemas do mundo, principalmente os desafios atuais como a crise climática, pobreza e desigualdade social. Ela explica que o pensamento sistêmico não é apenas entender os sistemas, mas também modificá-los. Pois, ao entender como os diferentes sistemas interagem entre si, é possível entender suas relações e ver como eles podem ser alterados para alcançar os objetivos desejados. Ademais, destaca que pequenas mudanças são capazes de um grande impacto no sistema como um todo, e se conseguirmos identificar essas pequenas mudanças é possível fazer grandes alavancagens no sistema, o que ela chama de “pontos de alavancagem” (MEADOWS, 2009)

Campbell (2022), autora do artigo ‘Systems thinking for humanitarians: an introduction for the Complete Beginners’, explica que os sistemas são definidos por suas inter-relações e suas funcionalidades. Segundo a autora, o termo ‘pensamento sistêmico’ foi cunhado em 1987 por Barry Richmond, e não tem um método definido, por não haver muita previsibilidade sobre seu comportamento. Enquanto o pensamento sistemático (ou não sistêmico) lida com ordem e métodos, o sistêmico lida com relações (CAMPBELL, 2022).

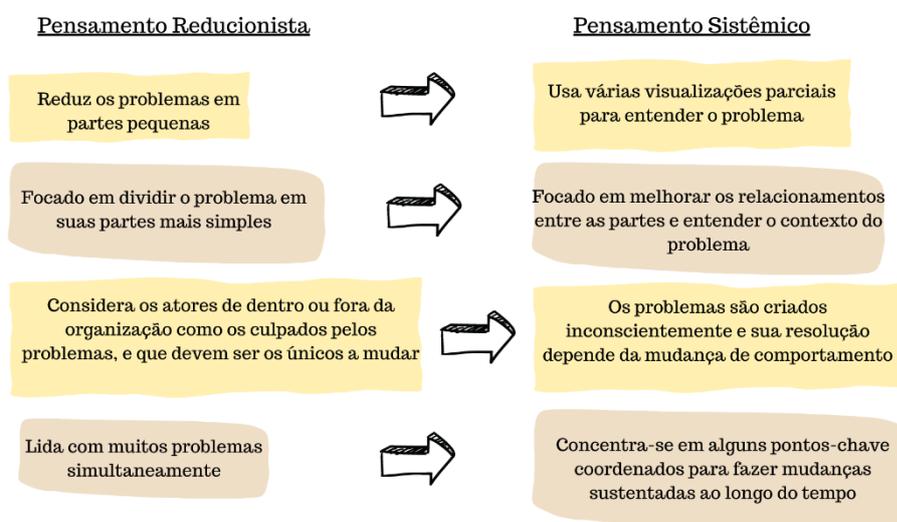
Dentro dos sistemas acontecem os *feedbacks*, que podem ser de dois tipos, *feedbacks* de reforço (ou positivo), ou balanceado (ou negativo). Dentro dos *feedbacks* de reforço, podem acontecer duas situações que podem criar um ciclo vicioso que pode levar o sistema ao colapso, pois quanto mais se tem mais se recebe, e quanto menos se tem, menos se recebe. Já os *feedbacks* balanceados são aqueles que trazem estabilidade para o sistema, mantendo sua saúde. Nos sistemas complexos esses *feedbacks* interagem um com o outro o tempo todo, afetando o comportamento dos elementos que fazem parte desse sistema de forma imprevisível (RAWORTH, 2019). Trabalhar com sistemas complexos é acolher a incerteza, as mudanças e a imprevisibilidade (WAHL, 2020).

Como apontam Meadows (2009), Raworth (2019) e Wahl (2020), o pensamento reducionista, acredita que é possível tratar uma determinada situação de forma isolada, separando o problema do contexto e, assim, consertá-lo. O mundo é dinâmico e interconectado. Logo, uma ação interfere em outras ações, por conseguinte não tem como separar as partes sem interferir no todo. Diante da complexidade de um ecossistema, a abordagem reducionista além de não ser útil para tratar uma questão

complexa, pode ser prejudicial, pois não observa as relações e os impactos de causa e efeito em seu sentido mais amplo.

O pensamento reducionista procura encaixar todas as questões estudadas e analisadas dentro de *frameworks* ou métodos, aplicando ferramentas que muitas vezes não abordam toda a complexidade do problema e não são adaptados para sua realidade. Apresenta uma abordagem linear simplista de causa e efeito, que pode ser útil para lidar com situações complicadas, mas não complexas. Já o pensamento sistêmico assume que as relações de causalidade são dinâmicas, na qual um componente do sistema afeta outros de diferentes e inesperadas maneiras (MEADOWS, 2009; RAWORTH, 2019; WAHL, 2020; CAMPBELL, 2022). Abaixo, na figura 18, temos as principais diferenças entre os dois tipos de pensamento elaborados por Campbell (2022).

Figura 18: Evolução do Pensamento reducionista para o Pensamento sistêmico



Fonte: CAMPBELL, 2022 (traduzido pela autora)

Apesar do pensamento sistêmico e complexo não apresentar uma metodologia definida, Campbell (2022) desenvolveu um conjunto de seis princípios a fim de guiar um pensamento sistêmico para lidar com problemas e situações complexas, são eles:

1. *As diferentes partes de um sistema estão inter-relacionadas, e esses relacionamentos têm consequências* - este princípio trata de ver como as partes

de um sistema funcionam juntas. O pensamento sistêmico promove uma visão holística, o que significa o todo sem perder a nuance do detalhe;

2. *A mudança em um lugar cria mudança em outro, e essas as mudanças podem ser diferentes no tempo, espaço e escala* – isso significa que uma mudança em uma parte levará a mudanças em outros lugares, ou seja, uma ação nunca está isolada;
3. *Para mudar um sistema, devemos entender sua estrutura porque isso é o que impulsiona seu comportamento* – se não houver mudança na estrutura, não haverá mudança nos resultados - sendo a estrutura, a natureza das relações entre diferentes elementos, seus padrões, dependências e causalidade. Para promover as mudanças é necessário primeiro entender o que faz com que o sistema funcione;
4. *É preciso entender os padrões recorrentes na estrutura de um sistema, em vez de tentar resolver eventos individuais* – antes de resolver algo é preciso primeiro olhar para a dinâmica das relações e seus padrões;
5. *Perspectivas e modelos mentais moldam nossa visão do sistema* – o pensamento sistêmico abraça as múltiplas perspectivas, já que cada pessoa é afetada de forma diferente por um evento;
6. *Os sistemas estão sempre mudando, muitas vezes levando a resultados inesperados* – sistemas estão sempre se movendo e mudando, logo é preciso seguir o fluxo e observar a dinâmica que acontece para tentar antecipar ou até evitar consequências indesejáveis. É preciso ser flexível e adaptável.

Além dos princípios apresentados por Campbell, que nos ajudam a navegar pela complexidade, Rika Preiser, pesquisadora sobre pensamento sistêmico e complexo, com o intuito de apoiar pesquisadores, formuladores de políticas e profissionais nas incertezas dos desafios de um ecossistema complexo, apresenta seis recursos organizadores de um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), que são apresentados no ANEXO I ao final deste trabalho (PREISER, 2019). A autora apresenta um SAC como sistemas com entradas e saídas não lineares, com comportamento muitas vezes inesperado e dependente do contexto que está inserido e com uma diversidade de elementos que permitem a adaptação às condições de mudança.

Mesmo ciente que a complexidade é uma ciência por si mesma complexa e que construir modelos podem reduzir a complexidade dos fenômenos. Preiser (2019) desenvolveu um quadro sistematizando algumas características comuns para analisar um SAC. A proposta desses recursos organizadores não é fornecer estratégias finais infalíveis, mas ajudar os pesquisadores a estudar os ecossistemas complexos. Apesar de entender os desafios de um modelo para um observar um SAC, Preiser defende que sem algumas regras e métodos para lidar com a complexidade, um sistema pode desmoronar (PREISER, 2019).

Ao perceber o mundo como esse ecossistema vivo, interconectado e interdependente, é possível perceber que todos os problemas e desafios que vivenciamos afeta a todos os seres, em diferentes partes do planeta. E, como vimos, muitos desses problemas e desafios são decorrentes da forma reducionista e mecanicista de atuar, no qual não considerou o sistema e suas características como um todo. Para Wahl (2020), ao analisar um sistema, ao invés de olhar para suas partes, é necessário entender esse sistema e suas relações e a partir dali explorar soluções ganha-ganha-ganha a fim de melhorar a saúde geral e a sustentabilidade daquele sistema como um todo.

#### 3.1.1.1 Pensamento sistêmico e a espiritualidade

Como apresentado, o pensamento sistêmico é uma abordagem holística para entender sistemas complexos e suas interações. Ele enfatiza a interconexão de todas as coisas e a importância de considerar todo o sistema, e não apenas suas partes individuais. Tal forma de pensar é muito parecida com o conceito de espiritualidade em muitas culturas, como as indígenas, por exemplo. Os dois conceitos podem ser correlacionados na medida em que ambos encorajam uma perspectiva holística e um foco na interconexão. Já que ambas as abordagens encorajam os indivíduos a considerar o quadro maior e o impacto de suas ações como um todo. Wahl destaca que a cultura indígena sempre percebeu o mundo e suas interconexões, não como uma forma de entender o mundo, mas como uma forma de viver em harmonia com o mundo (WAHL, 2020).

Brené Brown em seu livro *'A arte da imperfeição: Abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo'* (2020) explora o conceito de espiritualidade

como uma forma de nos conectarmos com nós mesmos e com os outros, e encontrar significado e propósito em nossas vidas. Ela fala sobre como a espiritualidade não está necessariamente ligada à religião, mas sim sobre encontrar um senso de conexão e pertencimento ao mundo.

Ao reconhecer que somos seres participantes em um todo dinâmico e interconectado, nós nos percebemos como interseres, termo cunhado pelo monge budista Thich Nhat Hanh (1995). Segundo Wahl, a palavra interser nos traz uma mudança de percepção de si e do outro, indo na contramão de uma narrativa da separação imposta pela cultura ocidental vigente, e traz uma nova narrativa sobre da humanidade com a comunidade mais ampla da vida, com a natureza (WAHL, 2020). Essa cosmovisão está diretamente alinhada e em conexão com a perspectiva ecofeminista, na qual todos os seres são iguais, pois todos são natureza. Por essa razão, não há motivo para separação, hierarquia e subjugação sobre diferentes corpos, independente do gênero, cor, etnia, cultura e espécies, que pela perspectiva ecofeminista é uma das causas raízes de nossas crises atuais (SHIVA, 1988; HOWELL, 1997).

O interser faz parte da cultura e sabedoria ancestral. Como aponta Acosta (2016), segundo a cultura indígena do Xingu, o mundo é habitado por muitas espécies de seres, não apenas do reino animal e vegetal, mas também os minerais, a água, o ar e a própria Terra possuem espírito e inteligência próprias. E por isso, devemos compreender que a relação de todos os seres do planeta deve ser encarada como uma relação social, entre sujeitos.

Krenak (2022) em seu livro 'O Futuro é Ancestral', traz uma passagem que ilustra bem esse conceito, e como nosso impacto no meio ambiente impacta a nós mesmos:

Dizem que a quantidade de água que existe na biosfera do planeta Terra agora é a mesma de bilhões de anos atrás, quando se formaram os ecossistemas terrestres que a gente aprecia. Diante desse argumento, alguém pode dizer: "Ora, se a água nunca diminuiu, qual o problema?"

Acontece que ao transformarmos a água em esgoto ela entra em coma, e pode levar muito tempo para que fique viva de novo. O que estamos fazendo ao sujar as águas que existem há 2 bilhões de anos é acabar com a nossa própria existência. Elas vão continuar existindo aqui na biosfera e, lentamente, vão se regenerar, pois os rios têm esse dom. Nós é que temos uma duração efêmera que vamos acabar secos, inimigos da água, embora tenhamos aprendido que 70% de nosso corpo é formado por água. Se eu desidratar inteiro vai sobrar meio quilo de osso

aqui, por isso eu digo: respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos (KRENAK, 2022).

Dentro dessa cosmovisão ecossistêmica, temos o Bem Viver, uma ontologia que se fundamenta “no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seres” (ACOSTA, 2016, p. 15). Logo, defende que o centro das atenções em um processo de tomadas de decisão e elaboração de projetos não devem ser apenas focados nos humanos, mas no “ser humano vivendo em comunidade e harmonia com a Natureza” (ACOSTA, 2016, p. 27). Esse entendimento sobre a vida, natureza e suas interrelações, que trazem esse caráter sagrado e espiritual, também está presente no Ecofeminismo, que trata a Terra como nossa ‘grande mãe’. A mãe que nos dá vida, nos nutre e nos sustenta, papel desempenhado pela natureza e pelas mulheres (MIES & SHIVA, 2014).

Essas três dimensões, Pensamento Sistêmico, Bem Viver e Ecofeminismo não apenas conversam entre si, mas se complementam. Além de apresentar uma mesma base espiritual que os atravessa, na qual evidenciam a conexão relacional entre todos os seres como uma força única e sagrada. Por esse motivo, são as três dimensões, que neste trabalho, apresento como as bases fundamentais de uma cultura regenerativa. Uma cultura que visa fomentar uma nova forma de estar e atuar neste planeta, em uma proposta de um design que visa promover a regeneração.

### 3.1.2 Bem Viver

*“Dentro do capitalismo não há solução para a vida; fora do capitalismo há incertezas, mas tudo é possibilidade. Nada pode ser pior que a certeza da extinção. É tempo de inventar, é tempo de ser livre, é tempo de viver bem.” Ana Esther Ceceña*

Com o intuito de estimular o debate e apontar o farol para outros caminhos, diferentes dos que comumente já conhecemos, este trabalho pretende trazer outras cosmovisões como proposta de fomentar uma cultura regenerativa. Uma delas é o conceito, ainda em construção, do Bem Viver.

Acosta (2016), autor do livro ‘*O Bem Viver*’, político, economista e um dos responsáveis por incluir na Constituição do Equador os ‘Direitos da Natureza’, apresenta o Bem Viver, ou *Buen Vivir* (em sua língua original), como uma visão de mundo e sociedade que vem como contraponto à cultura capitalista. Essa expressão tem origem nos povos originários andinos, mais especificamente do Equador e Bolívia, onde são chamados de *Sumak Kawsay*, em quéchua, e *Suma Qamaña* em Aymara, respectivamente. Culturas que falam sobre uma sociedade com fortes vínculos comunitários, baseado na solidariedade e no compartilhar e onde a natureza é vista como sujeito, e não como objeto (ACOSTA, 2016).

Assim, o Bem Viver parte da proposta de uma relação harmoniosa e equilibrada entre os seres humanos e o planeta, que se referenciam como ‘Mãe Terra’. Esse movimento tomou forma a partir das lutas sociais dos povos indígenas, camponeses, afro descendentes, ambientalistas, e das mulheres e jovens que queriam propor de forma coletiva uma nova forma de vida (GUDYNAS & ACOSTA, 2011; ACOSTA, 2016).

Segundo Escobar (2016), essa cosmovisão surge, principalmente, para contestar a ideia ocidental de desenvolvimento e progresso. Seu sistema econômico tem como fundamento critérios como a dignidade humana e a justiça socioambiental. Ainda segundo o autor, o Bem Viver desloca a centralidade do saber ocidental dominante, e defende a diversidade de saberes locais, o valor da vida humana e não humana, e uma visão ecossistêmica planetária. Apesar de ter nascido na América Latina e ser oriundo da população rural, hoje não se trata mais de uma filosofia apenas dos povos andinos, mas uma proposta de visão de mundo que tem influenciado outras correntes de pensamento e visa influenciar os debates globais questionando a cultura capitalista de extrativismo, progresso linear e crescimento, além do conceito imposto sobre desenvolvimento (ESCOBAR, 2016).

Acosta (2016) nos lembra que a proposta de desenvolvimento e progresso, como conhecemos, se institucionalizou em 1949 no início da Guerra Fria pelo presidente norte-americano Harry Truman, onde ele em seu discurso dividiu o mundo em “países desenvolvidos” e “países subdesenvolvidos”. Nessa divisão, deixou clara a mensagem que todos os países deveriam então alcançar o desenvolvimento e progresso. Nessa época, fortalecido pelo mesmo presidente, o neoliberalismo e o capitalismo se destacaram como modelo econômico eficaz para se alcançar esse progresso. Assim, a partir da segunda metade do século XX, o mito do progresso que

embalava a humanidade desde o século XVIII ganhou ainda mais força e passou a ser a meta que deveria ser alcançada por todos os países (ACOSTA, 2016).

Foi nesse mesmo período que nascia o indicador econômico que passaria a guiar o mundo, o Produto Interno Bruto (PIB), publicado pela primeira vez em 1953 (RAWORTH, 2017). O PIB é um indicador econômico que mede a soma de todos os bens e serviços produzidos em uma área geográfica em um determinado período, e virou o parâmetro de desenvolvimento global, uma ferramenta que os países utilizam para medir o desempenho de sua economia, e comparar seu progresso em relação às outras nações. Os países que apresentam o PIB mais alto, são considerados como nações desenvolvidas, não considerando os aspectos ambientais, sociais e culturais (ACOSTA, 2016).

Acosta (2016) ressalta que muitos desses países desenvolvidos, acumularam suas riquezas no período das colonizações, explorando povos, países e culturas para enriquecimento próprio. Os países “desenvolvidos” continuaram intervindo e explorando os países “subdesenvolvidos”, que mantiveram e ainda mantêm um ato de subordinação e submissão a esses países, muito decorrente da história colonizadora que foram submetidos, onde os resquícios desse modelo dominador prevalece. Por conseguinte, criou-se então uma estrutura de dominação dicotômica, que classifica o mundo em desenvolvido-subdesenvolvido, avançado-atrasado, civilizado-primitivo. Por isso, a meta dos países “subdesenvolvidos” deveria ser alcançar o progresso para se tornar uma nação “desenvolvida” e vivenciar os benefícios do progresso proporcionados pela cultura capitalista.

Esse modelo capitalista que estimula a produção de bens para atender uma sociedade consumista é o que tem colocado nosso planeta em risco, e acabado com nossa natureza e marginalizado cada vez mais as pessoas mais pobres e vulneráveis (ACOSTA, 2016). Acosta ainda afirma que a difusão global desse modo de vida faz parte da nossa cultura e imaginário coletivo. Isso faz com que mesmo as pessoas que não tenham condição financeira de atingir esses padrões de consumo impostos queiram alcançá-lo, valorizando mais o ter do que a qualidade de vida e bem-estar (ACOSTA, 2010).

Por conta desse contexto, surgiu o movimento do *Buen Vivir*, que neste trabalho será traduzido para Bem Viver. O movimento surge a partir de um continente “subdesenvolvido”, a América Latina, que foi colônia espanhola e portuguesa durante séculos e por isso replica esse *modus operandis* de progresso determinado pelo

ocidente europeu e norte-americano. Acosta (2016) explica que, o Bem Viver questiona a ética do “viver melhor” defendido pela cultura capitalista, que propõe uma cultura de consumismo, crescimento ilimitado e competição. Todavia, o Bem Viver não nega os avanços e as tecnologias conquistadas até o momento, e nem as contribuições dos pensadores ocidentais. Mas procura promover o “diálogo permanente e construtivo de saberes e conhecimentos ancestrais com a parte mais avançada do pensamento universal, em um processo de contínua descolonização da sociedade” (ACOSTA, 2016, p. 209).

Na visão indígena (base do Bem Viver), não existe o processo linear de tempo e as classificações dicotômicas. Eles abraçam o momento presente a partir do que existe, do que foi construído, incluindo a história que levou a humanidade até o ponto em que está. No entanto, por ser uma abordagem holística que preza por uma conduta ética e espiritual vai sempre defender a saúde, justiça e sustentabilidade (ACOSTA, 2016).

Acosta (2016) diz que a cultura do Bem Viver, por ter origem nos povos indígenas, que valorizam a natureza, o agir em comunidade e honram os saberes e tradições locais, tem em sua essência ser decolonial e feminista, pois parte de uma cosmovisão não ocidental e não capitalista que propõe uma nova cultura civilizatória. Além disso, adota uma visão não antropocêntrica, que inclui homem na natureza e reconhece o valor da natureza independente do seu uso pelo ser humano, pois saber que ela é fundamental para sustentar a vida no planeta.

Isso implica que todos os seres vivos têm o mesmo valor ontológico apesar de sua diversidade. Tal fato não coloca a natureza como um elemento intocável, mas que os cultivos, pesca e criação de animais devem ser considerados dentro de uma perspectiva ecossistêmica saudável, o que significa com um olhar sistêmico sobre seus impactos e relações com os demais sistemas para que não prejudique o equilíbrio da vida (ACOSTA, 2016).

Segundo Escobar, essa cosmovisão não se limita apenas aos povos originários latino-americanos, mas também é encontrada na Índia, onde é chamada de swaraj, e inspirou o ativismo de Gandhi e da ecofeminista Vandana Shiva, e como ubuntu na África. O Bem Viver não é uma proposta monocultural, mas um conceito plural que vem de um esforço coletivo para sustentar novas formas de organização da vida (ESCOBAR, 2016). Acosta (2016) define Bem Viver como:

O Buen Vivir é um conceito plural – melhor seria falar de “bons viveres” ou “bons conviveres” – que surge especialmente das comunidades indígenas, sem negar as vantagens tecnológicas do mundo moderno ou as possíveis contribuições de outras culturas e saberes que questionam diferentes pressupostos da modernidade dominante. O Buen Vivir, como é fácil de entender, nos obriga a repensar a forma atual de organização da vida, no campo e na cidade, nas unidades produtivas e nos espaços de convivência sociais, nos centros educativos e de saúde, etc (ACOSTA, 2016, p. 211)

O autor afirma que o principal valor do sistema econômico defendido pela cultura do Bem Viver é a solidariedade, ou seja, ao contrário do capitalismo, ela caminha em direção oposta à competição e exploração com um fim de acúmulo. Uma economia solidária propõe trocas e relações de colaboração que proporcione a suficiência sustentada pela reciprocidade. Dentro dessa perspectiva, o trabalho tanto produtivo como reprodutivo são reconhecidos, defendendo a inclusão e igualdade de gênero dentro do espaço do trabalho (ACOSTA, 2016).

Nesse sentido, o trabalho é parte importante do processo de dignificação das pessoas, onde o desemprego não é tolerado, logo há um acordo coletivo em como distribuir as atribuições dos trabalhos de acordo com o que cada um pode contribuir. O trabalho não é contado pelas horas trabalhadas, mas por permitir que todos tenham sua contribuição laboral a fim de promover o suficiente para todos. O objetivo não é produzir mais, mas viver bem. Logo, no Bem Viver não ocorre nem a exploração da natureza e seus recursos naturais (chamados de matérias-primas pelo capitalismo), e a exploração do ser humano (chamado de mão-de-obra pelo capitalismo) (ACOSTA, 2016).

Para ilustrar os fundamentos do Bem Viver, Acosta (2016) apresenta alguns exemplos de práticas econômicas de algumas comunidades indígenas:

- *Minka* (minga): prática ancestral que se caracteriza por uma organização coletiva para atender um objetivo comum, uma espécie de mutirão comunitário para atender os interesses e necessidades da comunidade. As mingas demonstram uma maturidade da comunidade que atuam de forma coletiva para resolver juntos problemas comuns, sem esperar ajuda “de fora”.
- *Ranti-Ranti*: um intercâmbio que não se apega ao tempo e nem valores, é uma prática genuína do dar e receber baseada em uma ética dos valores culturais. Se trata de realizar uma atividade de forma solidária, onde “primeiro você e depois eu”.

- *Chukchina, chalana ou challina*: prática de coletar os restos da colheita e compartilhar. Essa prática visa atender todos que participaram do trabalho da colheita e os mais vulneráveis que não têm acesso ao alimento. Nada é desperdiçado.

Essas três práticas apresentadas representam alguns costumes que inspiraram o Bem Viver, como a importância de viver em comunidade e a responsabilidade em produzir o necessário e o suficiente para atender a necessidade de todos, sem explorar a natureza. O trabalho é dignificado, e todos fazem sua parte com um senso de colaboração coletiva, sendo que o que é produzido é compartilhado de forma justa. Tais práticas demonstram uma cultura de relações solidárias, recíprocas e corresponsável entre os indivíduos, comunidades e a natureza que devem ser a base de um design regenerativo.

Assim, o Bem Viver se propõe a ser um movimento de “mudança civilizatória” (ACOSTA, 2016, p. 231), mas uma mudança que não tem fim, e que atua de acordo como o contexto de cada território, com o objetivo de construir de forma colaborativa um mundo que seja “sustentável, justo, igualitário, livre e, seguramente, mais humano” (ACOSTA, 2016, p. 231). É uma cosmovisão que busca alternativas a partir dos saberes locais e resgatando os saberes e tradições indígenas como uma proposta decolonial (GUDYNAS & ACOSTA, 2011).

### 3.1.3 Ecofeminismo

*“A ciência moderna, como observamos anteriormente, tem uma visão de mundo que apoia e é apoiada pelo sistema sociopolítico-econômico do patriarcado capitalista ocidental que domina e explora a natureza, as mulheres e os pobres.” Vandana Shiva, 1988.*

Vandana Shiva, uma das mais notórias ecofeminista e defensora da cultura do Bem Viver, já em 1988 em seu livro *‘Staying Alive: Women, Ecology and Development’*, já alertava que o discurso de progresso era a nova “roupagem” do projeto patriarcal ocidental de uma pós-colonização (SHIVA, 1988). Para a autora, o colonialismo é uma condição necessária para o crescimento do capitalismo, que é baseado na “exploração ou exclusão das mulheres (ocidentais e não-ocidentais), na

exploração e degradação da natureza, e na exploração e erosão de outras culturas” (SHIVA, 1988, p. 1 – tradução da autora).

Posto isso, o ecofeminismo vincula o impacto das ações humanas à crise ambiental. Essa abordagem conecta o ativismo feminista e ecológico, destacando a preocupação da dominação dos homens sobre as mulheres e a natureza. O ecofeminismo surgiu como parte do movimento feminista da década de 1970 e recebeu esse nome de Françoise d'Eaubonnes, quando em 1974 clamou por uma revolução feminista para garantir a sobrevivência ecológica global.

d'Eaubonnes, em suas publicações afirmava que a cultura patriarcal era a responsável pela destruição do meio ambiente que estava deixando o planeta inabitável para as futuras gerações. Defendia o fim do poder masculino e a instauração de relações igualitárias não só entre homens e mulheres, mas também entre humanos e natureza (HOWELL, 1997). Nessa época, além do movimento feminista que vinha ganhando força desde a década de 60, muitas feministas abraçaram também a causa ambiental, passando a ser um movimento de interseção entre a pesquisa feminista com os vários movimentos por justiça social e defesa do meio ambiente. Além de denunciar evidências e opressões vinculadas ao gênero, raça, espécie e culturas (GAARD, 2011). Muitas ecofeministas defendiam que a dominação da mulher estaria relacionada conceitualmente e historicamente com a dominação da natureza e por isso era necessário juntar as duas lutas (WARREN, 1990).

Dentro da perspectiva ecofeminista existem algumas divergências tanto de conceito, como de entendimento. Contudo, neste trabalho não entrarei nessa questão. Esta pesquisa será guiada pela perspectiva de Howell (1997), na qual o ecofeminismo é abordado como uma epistemologia que defende os direitos dos seres humanos e natureza de forma igual. Uma epistemologia que percebe as mulheres, os outros povos excluídos, e a natureza como vítimas de opressão, exploração e injustiça. Portanto, para embasar melhor o conceito abordado neste trabalho, serão apresentados quatro princípios básicos, apresentados pela autora, que moldam o pensamento ecofeminista (HOWELL, 1997).

O primeiro princípio defende que a transformação social é necessária em prol da sobrevivência e da justiça para a promoção da igualdade, diversidade cultural, não-violência, e estabelecimento de instituições não hierárquicas, não competitivas e totalmente participativas. Para isso, é necessário a substituição do poder hierárquico por relações de reciprocidade e solidariedade, a fim de formar um movimento

descentralizado que promova objetivos comuns, e se oponha a todas as formas de opressão e dominação.

Já o segundo princípio diz que a transformação social deve incluir uma transformação intelectual, e rejeita a lógica normativa que se baseia no dualismo e em hierarquias estereotipadas. Acredita-se que o pensamento dual promove atitudes e comportamentos que privilegiam certas visões de mundo, civilizações e principalmente a dominação de pessoas sobre pessoas e pessoas sobre natureza. Logo, o ecofeminismo defende um pensamento holístico, integral e sistêmico.

O terceiro princípio adota a ciência da ecologia como base, no qual a natureza deixa de ser tratada como uma mercadoria, ou um objeto que existe para atender aos seres humanos, e é valorizada por sua virtude intrínseca. Ao contrário do que defende o capitalismo, que percebe a natureza unicamente como fonte de matéria-prima, logo passível de exploração. A perspectiva ecológica defende a importância da diversidade para a sobrevivência, logo todas as espécies são importantes para a saúde e o equilíbrio biológico da nossa biosfera.

E por fim, o quarto princípio, que defende não só a diversidade de espécies, mas também a diversidade humana. Assim, as mulheres, pessoas de cor e os pobres devem ser reconhecidos por seu valor intrínseco e subjetividade. Além da diversidade cultural, sexual, religiosa e outras que trazem algum tipo de dominação hierárquica.

A dimensão espiritual também faz parte da abordagem ecofeminista, e está alinhada com a perspectiva dos povos indígenas que reconhecem a Mãe Terra como um ser sagrado, resgatando as crenças ancestrais que respeitavam e honravam a natureza e seus ciclos, reconhecendo que sua sobrevivência vinha dela. Todavia, a imagem da natureza como essa “mãe que nutre”, durante a era moderna, foi sendo substituída pela visão da natureza como uma fornecedora de matérias primas para atender as necessidades humanas. Fato que se consolidou com a Revolução Industrial e o capitalismo, quando tudo passou a ser interpretado como uma máquina, que somado com a cultura patriarcal, entendia que controlar a natureza era controlar a mulher, já que se percebia uma associação direta entre as imagens de mulher e natureza (HOWELL, 1997).

Segundo as autoras, Mies e Shiva (2014), essa visão reducionista pode ser observada nas práticas de monocultura, criação de animais, e na lógica de padronização de produção das fábricas, que consideram a diversidade como algo que “atrapalha”. Sendo que o objetivo do capitalismo é produzir para vender, em uma

lógica exploratória e linear, no qual eficiência é produzir muito com custos baixos, ou seja, explorando recursos humanos e não humanos, com o objetivo do lucro. Essa cosmovisão tira a sacralidade da natureza e dos seres humanos, evidenciando que o produzir bens vem acima do bem-estar e da espiritualidade do ser. Sendo a espiritualidade a conexão entre o ser humano e a natureza em seu sentido amplo (MIES & SHIVA, 2014).

Mies e Shiva, no livro '*Ecofeminism*' (2014), afirmam que a forma como a mulher é tratada na sociedade diz muito sobre a cultura patriarcal ocidental. Uma cultura que coloca o homem, principalmente branco de origem europeia, como um ser superior, e por isso com poder sobre a natureza e outras culturas e grupos de pessoas, promovendo comportamentos de exploração e destruição, desvalorizando pessoas não brancas, indígenas e mulheres. Elas ainda defendem que esses grupos tratados como tipos inferiores de ser humano, passam a ser vistos como peças de uma engrenagem capitalista, na qual é necessária mão de obra barata para fazer o sistema funcionar.

Assim, o ecofeminismo correlaciona o comportamento do homem branco de opressão, subjugação e exploração, como o mesmo tanto sobre o meio ambiente, como sobre as mulheres e demais grupos raciais. O discurso de "modernização" e "desenvolvimento" é a abordagem da retórica masculina para a degradação do mundo natural e uma desculpa para explorar a população mais vulnerável (MIES & SHIVA, 2014).

As mulheres e a natureza são provedores de vida e detentoras da energia feminina que é uma energia de cuidado, colaboração e não violência. O ser humano não pode viver sem a natureza, assim como não pode sobreviver sem o cuidado da mãe nos primeiros meses de vida. No entanto, como Mies e Shiva (2014) afirmam, a sociedade patriarcal não as percebe dessa forma, e a desconexão com a energia feminina é uma das raízes de todo comportamento competitivo, agressivo e dominador dos homens. Os homens brancos - forma como as autoras chamam os homens brancos, heterossexuais, de origem europeia, com ações colonizadoras, e que assumem um comportamento patriarcal - são egoístas em suas crenças e no senso de poder, o que os torna cegos e desconectados para o que é essencial. Como resultado, estão trazendo o mundo para essa crise socioambiental que estamos vivendo (MIES & SHIVA, 2014). Gaard afirma que a cultura patriarcal é uma das grandes responsáveis pela desigualdade social, sem acesso à educação, trabalho e

condições de vida dignas. Nesse contexto, as mulheres acabam sendo uma das maiores vítimas das crises atuais, como a crise climática (GAARD, 2015).

Durante a COP 26, que aconteceu em novembro de 2021, o presidente da Conferência, Alok Sharma afirmou que clima e gênero estão intimamente interligados, e 80% das pessoas que se deslocam devido aos desastres naturais, são meninas e mulheres (ONU, 2021). Estudos revelam que dentro da crise climática, as mulheres são os grupos mais prejudicados, como destaca o relatório da ONU 'A dimensão de gênero no Big Push para a Sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira' (OLIVERA, PODCAMENI, LUSTOSA e GRAÇA, 2021):

Por exemplo, as mulheres em situação de pobreza, muitas vezes mulheres negras, chefes de família, costumam viver em zonas mais remotas ou periféricas e com menos infraestrutura, tendendo a ser mais impactadas por enchentes ou tempestades. Por outro lado, a sobrecarga sobre as mulheres implica também uma redução de tempo disponível para educação, capacitação, autocuidado, acesso a empregos remunerados e conseqüentemente impactam de forma negativa a possibilidade de geração de renda e mobilidade social. Assim, as mudanças do clima reforçam ainda mais a pobreza do tempo das mulheres (OLIVERA et al., 2021, p.24)

Em sua pesquisa sobre o ecofeminismo e mudança climática, Gaard (2015), mostra que as mulheres estão entre os grupos de pessoas que mais são afetadas pela crise climática, já que fazem parte do grupo da população mais marginalizada e vulnerável. Tal fato ressalta as desigualdades de gênero onde mulheres e crianças têm 14 vezes mais chances de morrer em desastres ecológicos do que os homens.

Para exemplificar temos alguns casos como o ciclone Gorky em 1991, no qual 90% das mortes foram de mulheres e crianças, e o tsunami em Aceh, Sumatra, onde mais de 75% dos que morreram eram mulheres. O fato de as mulheres serem uma das principais vítimas das crises climáticas pode ser atribuído à falta de acesso a recursos, informações e habilidades de formação produzidas pela desigualdade social. Os traços biológicos também tornam as mulheres mais vulneráveis, como menstruação, gravidez, parto. Além disso, supõe-se que mulheres e crianças permaneçam em casa em situações de desastres ambientais aguardando o retorno masculino com a decisão de evacuar, já que em muitas famílias somente os homens têm poder de decisão e ação (GAARD, 2015).

Por esse motivo, este trabalho defende um design estratégico regenerativo, que abraça a dimensão ecofeminista a fim de promover uma sociedade mais justa para

todos os seres vivos, tanto humanos, como não humanos. E a escolha em trabalhar com a abordagem ecofeminista ao invés da feminista, foi por entender que a opressão que as mulheres sofrem são as mesmas que o meio ambiente sofre. Ademais, a abordagem ecofeminista vai além dos direitos das mulheres, ao abraçar os direitos da natureza, ela inclui todos os seres, incluindo grupos de diferentes etnias e culturas, e pessoas com deficiências. Isso traz uma perspectiva mais ampla de diversidade e inclusão na busca de uma sociedade mais justa e equânime.

O ecofeminismo traz de volta a espécie humana para dentro da natureza, indo na contramão, como foi apresentado, da cultura patriarcal, ciência moderna e do capitalismo. E defende um olhar de respeito e cuidado com todos os seres que fazem parte desse ecossistema planetário. Além de relacionar a ciclicidade da vida através dos ciclos da natureza e das mulheres, seres que geram vida e reproduzem, como fundamentais para a sobrevivência da nossa biosfera e sociedade.

Vandana Shiva, em seu livro '*Ecofeminism*' (2014) defende que é necessária uma nova cosmovisão, e que ela venha principalmente dos movimentos de base, e rejeitem os modelos impostos pela perspectiva europeia-capitalista-patriarcal dos países ditos desenvolvidos. Ela defende que os países e povos mais oprimidos, desenvolvam seu próprio modelo de bem viver, capaz de promover sua soberania, dignidade, prosperidade respeitando a natureza e em conexão com ela, com sua Mãe Terra (MIES & SHIVA, 2014).

As três dimensões apresentadas neste capítulo são os pilares que vão fundamentar a proposta desta pesquisa de um design estratégico que fomente uma cultura regenerativa. Elas são cosmovisões que se correlacionam e complementam no sentido de se criar uma sociedade mais justa, próspera e digna, respeitando os limites planetários. O ecofeminismo e o bem viver são muito próximos. Ambos colocam a natureza como sujeito e não como objeto, percebendo-a como um sistema vivo e interconectado que sustenta a vida. Sendo que o ecofeminismo aponta, a partir de estudos, a relação entre o patriarcado no domínio da natureza e da mulher, e apresenta estudos científicos que relacionam o machismo com o capitalismo (MIES & SHIVA, 2014). Logo, romper com essa cultura, e adotar uma postura ecofeminista, é fundamental para se alcançar uma cultura do bem viver.

### 3.2 Design Regenerativo

*"A colaboração não é apenas uma opção agradável, é uma necessidade para a criação de culturas regenerativas." Daniel Wahl, 2020, p. 121*

O Design Regenerativo é um conceito que vem sendo utilizado por alguns autores, como Daniel Wahl e o grupo Regênese, que é formado por Pamela Mang e mais um grupo de pessoas que são pioneiros no campo da permacultura e design ecológico. Esses autores são os que fundamentaram o conceito de Design Regenerativo deste trabalho, e que juntos com os demais conceitos apresentados compõem a proposta de um Design Estratégico Regenerativo.

Wahl é consultor, educador e ativista na área de regeneração, autor do livro 'Design de Culturas Regenerativas'; e o grupo Regênese, é uma organização que é referência no campo de desenvolvimento regenerativo. Este grupo descreve Design Regenerativo como uma abordagem que visa aumentar a capacidade dos seres vivos de co-evoluir, para que nosso planeta continue a expressar seu potencial de diversidade, complexidade e criatividade (MANG, HAGGARD, REGENESIS, 2016).

Daniel Wahl, em seu livro, traz duas reflexões que considera vitais sobre como criar uma cultura regenerativa. A primeira é sobre quais as mudanças individuais e coletivas são necessárias para criar um futuro para a qual se vale a pena viver. A outra, sobre como podemos criar uma narrativa coletiva para nos mantermos inovadores, criativos e colaborativos (WAHL, 2020). Essas perguntas nos provocam a pensar nas transformações locais e globais necessárias para redesenhar nossa forma de viver na Terra.

A busca pela regeneração decorre de um alerta de que nosso modo de viver não é mais sustentável, que nossos sistemas políticos, econômicos e sociais não são mais capazes de sustentar a vida no planeta. Como defende Wahl (2020), hoje precisamos ir além de um desenvolvimento sustentável, é preciso promover um desenvolvimento regenerativo, que visa capacitar e estimular competências para que as pessoas, comunidades e outros sistemas naturais possam ter a habilidade de renovar, evoluir e prosperar seus ecossistemas (WAHL, 2020). O termo "desenvolvimento regenerativo" foi utilizado pela primeira vez em 1995 pelo grupo Regênese (PLAUT & AMEDÉE, 2018).

O questionamento sobre a sustentabilidade da vida, principalmente humana, na Terra, vem sendo pauta decorrente nos últimos anos, principalmente com o agravamento da crise climática. Em uma conferência sobre ‘Saberes para uma cidadania planetária’, que ocorreu em Fortaleza em 2016, Leonardo Boff defendeu que:

se não buscarmos uma nova civilização a Terra poderá continuar, mas sem nós. Nós, os humanos e as outras espécies que habitam o planeta Terra, precisamos criar condições para que ele continue vivo e buscar soluções conjuntas para os problemas da humanidade. É necessário evitarmos bifurcações (MORAES, 2016, p. 1).

Boff ressaltou que "temos um destino comum. Se esta nova civilização não nascer, vamos nos extinguir de crise em crise", e que "a crise nos força buscar alternativas que incluam todos os seres vivos" (MORAES, 2016, p. 1).

Nesse sentido, o design regenerativo é um design centrado no ecossistema, e não no ser humano (PLAUT & AMEDÉE, 2018). O design centrado no humano reproduz a ideia do Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci, em uma perspectiva antropocêntrica no qual a espécie humana está no centro de tudo (RAWORTH, 2019). Sendo que para promover um planeta saudável e sustentável, precisamos projetar para atender a necessidade de todo o ecossistema planetário. Para Plaut e Amedée (2018) para promover um design regenerativo, é necessário que estejamos constantemente atentos ao pensamento e a capacidade de sentir o que é emergente, essencial e capaz de evoluir em nós mesmos, na comunidade que fazemos parte e nos outros sistemas vivos que convivem conosco no mesmo habitat (PLAUT & AMEDÉE, 2018).

Wahl nos lembra que todas as tradições espirituais e textos sagrados retratam sobre a relação eu-mundo. Nesse sentido, é importante resgatar o amor inato pela vida (biofilia), que presa pela empatia, colaboração e abundância compartilhada. No sentido espiritual, precisamos entender o mundo como um interser, um ser vivo onde todas as partes estão interconectadas e são interdependentes. Portanto, precisamos sair do pensamento individual e egocêntrico e promover diálogos dentro da nossa diversidade, compreendendo que o diverso traz riqueza e não separação (WAHL, 2020).

Assim, desde o século passado, diversos cientistas passaram a contestar o paradigma apresentado pela ciência moderna, e perceberam que ao contrário de um sistema linear e mecanicista, os sistemas, da qual fazemos parte, são dinâmicos e

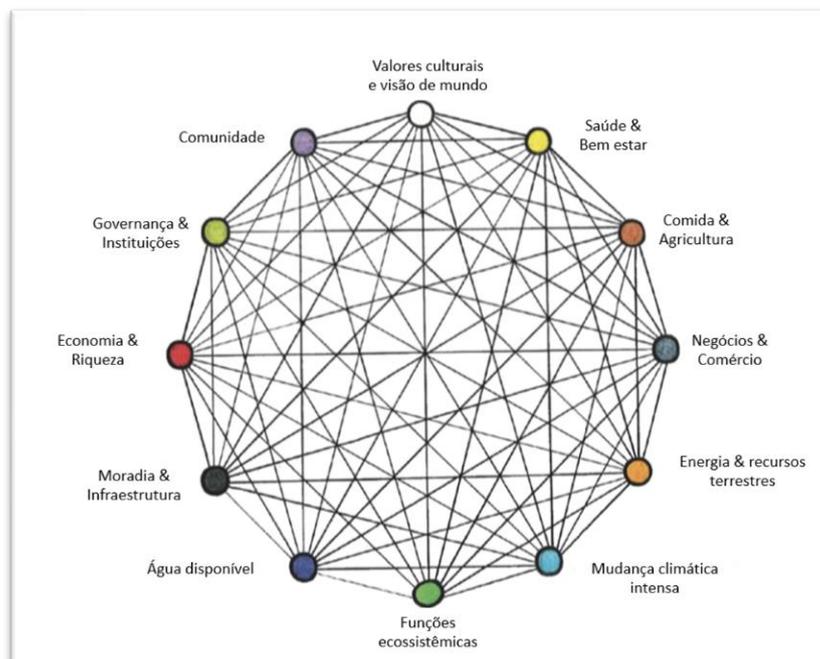
relacionais (PREISER, 2019). Como afirma Wahl, esse olhar sistêmico já faz parte da cultura dos povos originários, mas a cultura ocidental e moderna suprimiu essa forma de entender o mundo. A ciência contemporânea, pelo paradigma da complexidade, tem se aproximado da ontologia dos povos originários, resgatando formas de ver o mundo que já estão presentes na cultura desses povos há milênios. Diferente do paradigma reducionista e mecanicista, nos sistemas vivos não há a previsão e o controle, é preciso prestar atenção às interações e aos relacionamentos sistêmicos a fim de apoiar sua resiliência e saúde. Trabalhar com sistemas complexos é aceitar a incerteza, a mudança e a imprevisibilidade (WAHL, 2020), características que devem estar incorporadas em um design regenerativo.

Entender o planeta Terra como esse sistema vivo e interconectado é crucial para lidar com os problemas e sistemas atuais (WAHL, 2020). Os povos originários já se referenciam a 'Mãe Terra' como um sujeito, e no mundo científico James Lovelock (2016) foi o primeiro a defender a Terra como esse organismo vivo, com a teoria de Gaia. Lovelock defendia que o planeta é um organismo que se autorregula através de mecanismos de feedback e interações diversas (LOVELOCK, 2016). Logo, dentro do sistema vivo de Gaia, as crises ambientais causadas principalmente pelas mudanças climáticas têm provocado efeitos irreversíveis na biosfera do planeta e conseqüentemente na dimensão socioeconômica de nossa sociedade. Já que dentro dos sistemas vivos e complexos, todas as relações são interdependentes e estão interconectadas.

Em seu livro, '*Design de Culturas Regenerativas*' (2020), Daniel Wahl, apresenta as 12 dimensões chaves necessárias para um olhar holístico na promoção de um design regenerativo (Figura 2). Essas dimensões foram elaboradas pelo *Institute for the Future* (IFF) que trabalham com cenários futuros através do Modelo Sistêmico Mundial (MSM). São elas: valores culturais e visão de mundo, saúde e bem-estar, comida e agricultura, negócios e comércio, energia e recursos naturais, mudança climática, sistemas ecossistêmicos, água disponível, moradia e infraestrutura, economia e saúde, governança e instituições, comunidades. Todas essas dimensões, que estão diretamente interconectadas e relacionadas, segundo o modelo, são condições vitais para se criar um sistema humano próspero e viável em qualquer escala. Todavia, para se aprofundar um pouco mais em uma dessas dimensões, a Organização Mundial de Saúde (OMS), na Carta de Ottawa (1986), afirma que como condição essencial de saúde devem ser incluídos "paz, abrigo,

educação, comida, renda, um ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade” (WAHL, 2020, p. 122), o que contempla um total de 21 dimensões.

Figura 19: Modelo Sistêmico Mundial (MSM) do IFF



Fonte: WAHL, 2022 (traduzido pela autora).

Apesar de considerar todas essas dimensões importantes para a proposta de um design regenerativo, neste trabalho escolhi trabalhar com dimensões mais amplas, que foram apresentadas anteriormente na seção ‘3.1 Cultura Regenerativa’, que são: pensamento sistêmico e complexo, bem viver, e ecofeminismo. Essas três dimensões encontram-se mais a nível cultural, como pilares de valores fundamentais para uma cultura regenerativa, mas contemplam as vinte uma aqui apresentadas quando aplicados em projetos organizacionais.

Contudo, como defende Wahl (2020), por mais que essas vinte e uma dimensões nos orientem a observar o ecossistema, o cerne de um design regenerativo, seu pilar fundamental, deve ser a natureza. Para isso, é necessário observar sua organização e dinâmica como fonte de inspiração e aprendizado, para a criação de um design criativo e estratégico na promoção de um ecossistema saudável, resiliente, adaptável e sustentável. Segundo o autor, a natureza como um sistema vivo nos ensina a importância das interações e dos relacionamentos sistêmicos que são os geradores de resiliência e saúde de todo o ecossistema, principalmente, em

decorrência da pluralidade, diversidade e redundância de seus atores em múltiplas escalas. A interdependência e interconectividade entre todos os atores do nosso ecossistema planetário, faz com que impactos relevantes dentro de um sistema, afete direta e indiretamente outros sistemas (WAHL, 2020).

Wahl (2020) destaca que esse entendimento de interser, entende a espécie humana como mais um dos atores que fazem parte da natureza, da teia da vida do nosso planeta, e faz parte da cultura indígena há milênios. Uma cultura que traz saberes e modo de vida que ignoramos durante séculos para priorizar os conhecimentos científicos de base eurocêntrica. Os povos originários, ou seja, os povos que habitavam as Américas, Oceania e África, antes da colonização europeia tinham seus estilos de vida, suas formas de ver o mundo e suas culturas muito mais integradas à natureza e sustentável do que a nossa. São povos que sabem que preservar o ambiente em que vivem, e viver em comunidade, é vital para preservar suas vidas. Preservar não somente a vida das suas gerações, mas também das gerações futuras (WAHL, 2020).

Os nativos norte-americanos iroqueses, por exemplo, tomavam suas decisões sempre com um olhar de como elas afetariam a vida das sete gerações seguintes (WAHL, 2020). Essa visão de cuidado e responsabilidade com o futuro deve permear um design regenerativo que além de se preocupar com a situação atual do planeta, olha para quais as condições socioecológicas queremos deixar às gerações futuras.

Segundo Plaut e Amedée (2018), quando há o entendimento que as ações locais têm impacto direto e indireto em outras partes, o design regenerativo percebe a potência do agir local. Assim, ele parte de uma perspectiva local, do território, entendendo que essa localidade faz parte de um todo, logo terá alcance global. A consciência espacial promove um sentimento de intimidade com o território, o que traz o sentimento de pertencimento e promove um senso de responsabilidade e cuidado. Segundo os autores, tais sentimentos podem ser o motor gerador impulsionador do design regenerativo e promover as transformações culturais, econômicas, sociais e ambientais necessárias para se cocriar um lugar melhor para se viver (PLAUT & AMEDÉE, 2018). Todavia, essas transformações precisam ser tomadas de forma coletiva, em comunidade, em um processo de co-design.

Um processo de co-design onde os designers especialistas e difusos, a partir de um desejo de construir um mundo mais sustentável, cocriem projetos, sistemas e artefatos através de um design regenerativo, cujo objetivo seja a preservação da vida,

no sentido de uma vida justa, próspera, saudável e sustentável para todos. Como citou Leonardo Boff na Conferência 'Saberes para uma cidadania planetária', segundo Edgar Morin, já não podemos continuar atenuando os problemas ou retardando a busca de suas soluções. É preciso tentar encontrar um ponto de partida, um novo começo, promovendo uma política de civilização e uma política de humanidade (MORAES, 2016).

### **3.4 Design Estratégico**

O Design Estratégico é uma abordagem que diz respeito à produção de sentido, tanto em níveis individuais como coletivos, e busca agir, através da projeção de cenários orientados à inovação e sustentabilidade (FRANZATO *et al.*, 2015). Sendo que vai além de uma proposta produto-serviço, sua proposição envolve criar estratégias que considerem todo o ecossistema onde atua. O Design Estratégico é sobre produto, serviço e sistema, e é uma metodologia capaz de contribuir em uma transição para a sustentabilidade, promovendo tanto estratégias de ecoeficiência quanto mudanças no comportamento social (MERONI, 2008). Zurlo (2010) defende o Design Estratégico como um processo aberto de design, e que seja observado o contexto no qual o projeto está sendo aplicado, o que permite um caráter mais inovador e criativo. Nessa mesma linha, Freire (2015) vê essa metodologia como um percurso projetual que pode adotar diferentes formas, e por isso o papel do designer é facilitar o processo seguindo o percurso que se apresentará, e como as pessoas dialogarão com esse percurso. Mais do que solucionar problemas, o Design Estratégico deve problematizar as questões e os sistemas vigentes (FREIRE, 2017).

Meroni (2008) apresenta o Design Estratégico como uma disciplina que lida com as questões emergentes e complexas, é uma metodologia que não se foca apenas em resolver o problema, mas entender o problema e sua raiz, trazendo muitas vezes mais perguntas do que respostas. Ele valoriza as iniciativas de base, que nascem de baixo para cima e são impulsionadoras de inovação social. Para atender futuros desejáveis, trabalha com a projeção de cenários a partir de visões compartilhadas e interesses comuns, por isso é uma metodologia de co-design, já que acredita no formato de cocriação para alcançar propostas criativas e inovadoras.

Por esse motivo, o processo dialógico está presente em toda o percurso a fim de capacitar e facilitar a capacidade de imaginar e orientar a sensibilidade coletiva

para uma interpretação compartilhada de cenários futuros, criando plataformas e ferramentas que apoiem as pessoas a tomarem decisões e naveguem diante de cenários incertos (MERONI, 2008).

Então, mais que uma proposta de resolver problemas, o Design Estratégico rompe com a lógica reducionista e mecanicista e abraça a complexidade, instigando os designers a irem mais fundo na raiz dos problemas, questionar o conhecido, imaginar possibilidades futuras considerando os impactos em todo o ecossistema, e cocriarem ferramentas e metodologias que possam auxiliar além do problema apresentado.

O Design Estratégico emerge diante dos desafios e complexidades da atualidade, e migra de uma cultura que era focada apenas na indústria, para uma cultura que considera todo o sistema em que está inserida. Nas últimas décadas o design tem passado por grandes mudanças e evoluído junto com as demandas e desafios do mundo. Se antes era uma abordagem cujo principal objetivo era projetar produtos, estando presente, principalmente, nas indústrias, hoje ele está presente em diversos outros campos de atuação, como serviços e sistemas. O Design Estratégico está alinhado aos desafios do nosso século e atento a ajudar a promover as transições necessárias para se alcançar a sustentabilidade. É um design orientado para a problematização e solução, onde o resultado não são apenas os produtos, serviços e artefatos de comunicação, mas as ferramentas e metodologias aplicadas para a produção de sentido (MANZINI, 2017).

Diante do exposto, o Design Estratégico, por todas as características que apresenta, é uma metodologia capaz de ressignificar sua abordagem a fim de incluir a proposta de um design regenerativo. Assim, esse trabalho adota o Design Estratégico como base fundante de um design regenerativo, e propõe o Design Estratégico Regenerativo. O DER propõe que o Design Estratégico incorpore a cultura regenerativa, com uma proposta de evoluir em sua abordagem, incluindo a questão da sustentabilidade, por exemplo, sugerindo que o processo projetual vise a regeneração como uma mudança cultural. Ademais, o DER enfatiza os sistemas vivos como pilar de sua abordagem, sendo a natureza sua inspiração.

Outro ponto a se destacar, é que o DER não separa o cuidado e olhar das questões ambientais das questões sociais. Logo, atua para promoção de inovações socioambientais, e não apenas sociais. E destaca o sentir, o intuir e o corpo para o processo de co-design, que nesse trabalho usará o termo sentipensante, termo que

vem sendo explorado por alguns autores, como Escobar (2016), Ibarra (2020, 2021) e Freire (2021), para dar ênfase ao sentir para agir. Ressalta-se que dentro da jornada projetual do Design Estratégico o sentir e a subjetividade do designer fazem parte do processo de design. Contudo, por se tratar de algo que ainda não está explícito nas bibliografias de design, este trabalho optou por destacar esse processo, e o termo sentipensar, pois entende que é fundamental para a projeção de uma cultura regenerativa.

O DER sai de uma visão centrada apenas no humano, para uma visão mais ecossistêmica, cujo objetivo é atuar para o bem do planeta, atento as questões socioambientais do nosso ecossistema. Como defende Forlano, é necessária uma proposta de design no qual o meio ambiente também tem agência e deve ser considerado no processo de design, é preciso uma cultura de design que inclui o bem-estar de todos os seres, humanos e não humanos (FORLANO, 2017).

Segundo Manzini, esse olhar mais sistêmico do design se torna ainda mais relevante diante das evidências dos limites planetários, a interconectividade e interdependência dos sistemas, e o rápido crescimento da conectividade social. Tal fato é ainda mais importante, quando se reconhece o papel do design como responsável pelos produtos e serviços que temos hoje, cujo objetivo era somente produzir bens para atender uma sociedade consumista. Ainda segundo o autor, até o século XX, o design, assim como os outros sistemas sociais, adotava somente o paradigma capitalista, cujo objetivo era produzir, sem muita atenção a questão ambiental, a fim de atender as necessidades cada vez maiores de consumo da população. Sem um aspecto crítico e sistêmico, seu objetivo era apenas desenvolver produtos e serviços que atendessem as demandas de um mercado em crescimento exponencial. Esse *modus operandis* do design, e que hoje está sendo questionado, nasceu no século XVIII, na Europa com o propósito de atender a Revolução Industrial (MANZINI, 2016), ou seja, era uma cultura de design voltada para o que chamam de inovação e progresso (FORLANO, 2017).

No entanto, com a evolução da história, o design também evoluiu e hoje tem uma atuação também no redesenho de organizações e ecossistemas. Principalmente para criar ecossistemas mais inclusivos, diversos e resilientes, e que possam transformar nossa cultura, sociedade, economia, modelos de governo, política, cidades etc. Para isso, o design passou a adotar uma abordagem mais participativa,

na qual o processo projetual deixa de ser elaborado apenas pelo designer, e passa a ser feito de forma colaborativa.

Nigel Cross (DORST & CROSS, 2001) e Manzini (2017) defendem que o design é uma habilidade natural humana, logo todos nasceram providos dela. Nesse sentido, todos fazemos design. Logo, todos temos habilidade e capacidade de projetar soluções para nossa realidade e demanda. Sendo que os designers que não passaram por uma formação formal em design, ou seja, os designers não especialistas, Manzini (2017) chama de designers difusos. E dentro dessa perspectiva, um processo de cocriação passa a ser uma metodologia de co-design, onde além do designer especialista, outros atores, os designers difusos, participam do processo projetual de um artefato, serviço, organização e sistemas. Logo, todos somos designers e capaz de questionar e pensar juntos soluções para nossas questões vigentes.

Como defende Daniel Wahl, “viver as questões em conjunto é sobre como aplicar inteligência coletiva à transformação cultural, cocriando uma nova história sobre por que vale a pena sustentar a humanidade e uma visão poderosamente contagiante de um futuro próspero para toda a vida.” (WAHL, 2020, p. 310). E na proposta de um design regenerativo que tem uma jornada projetual aberta e que dita o processo de design, destacar o sentipensar ao longo do processo é um elemento chave neste design.

#### 3.4.1 Co-design

Sanders e Stappers (2008) apresentam o co-design como uma evolução natural do design das últimas décadas no qual o design passou a se aproximar mais do seu usuário final, com a abordagem design centrado no usuário, no qual percebe o usuário como sujeito no processo de criação. A colaboração e participação são os principais ingredientes de processos criativos e inovadores a fim de fazer sentido para as pessoas que participam e para os grupos de pessoas que representam (SANDERS & STAPPERS, 2008). Logo, podemos entender a colaboração como um dos elementos chaves dos processos de co-design.

Uma cultura que fomenta a colaboração é aquela que estimula que todas as pessoas de um grupo trabalhem juntos para atingir um mesmo objetivo. Quando falamos de colaboração, é importante fazer uma distinção de outro termo que é muito

utilizado para trabalhos em conjunto, a cooperação. Apesar de terem o mesmo prefixo “co”, que indica ação conjunta, e algumas pessoas os adotarem como sinônimos, eles não são (DAMIANI, 2008). O verbo cooperar é derivado da palavra *operare*, que em latim significa operar, executar; enquanto colaborar vem da palavra *laborare*, que significa trabalhar, produzir. Dito isso, podemos entender que cooperar significa trabalhar junto, mas não necessariamente ao longo do processo e nem com o mesmo objetivo. Uma pessoa pode cooperar com um projeto, com uma atividade pontual. Já uma pessoa que colabora com um projeto, ela participa do processo desde o início, desde a tomada de decisão, passando pela execução até atingir o objetivo final.

A colaboração demanda que as pessoas trabalhem em conjunto, em um processo de cocriação, estabelecendo laços de confiança, co-responsabilidade, apoio e cuidado uns com os outros, tomando as decisões de forma conjunta e não hierárquica. Ao trabalhar em conjunto, as pessoas trocam conhecimentos, experiências, habilidades que acabam sendo internalizadas em seus comportamentos (DAMIANI, 2008). Segundo Damiani (2008), essas trocas, além de enriquecer os indivíduos, faz também com que os projetos sejam mais criativos, inovadores e resilientes. Daniel Wahl (2020) destaca que viver as perguntas de forma conjunta e buscar as soluções de forma colaborativa é aplicar a inteligência coletiva à serviço da transformação cultural, e a base de um design regenerativo.

Ademais, em um mundo globalizado e interconectado, a oportunidade de trabalhar com diferentes pessoas, culturas e saberes é cada vez mais fácil. Atualmente, as trocas e trabalhos colaborativos tem acontecido entre empresas, governos, organizações e permitido potencializar a criatividade e inovação. Todavia, como argumenta Sanchez (2012), para a colaboração acontecer é preciso que as pessoas tenham um objetivo e uma linguagem em comum. Uma cultura colaborativa não é tão simples de se adotar, já que é um processo de tomada de decisões compartilhadas e que demanda uma comunicação transparente e honesta (SANCHEZ, 2012). O processo de design, é um processo dialógico contínuo, onde o objetivo em comum precisa estar acima das diferenças pessoais, e o diálogo e confiança são um dos pilares fundamentais. Uma cultura colaborativa, que inclui a participação desde o momento de ideação, anda em direção oposta a uma cultura individualista, que hoje é a cultura predominantes.

Este trabalho adota o termo cocriação para processos de criatividade coletiva, e o termo co-design como uma instância da cocriação. Essa metodologia apesar de só recentemente receber o nome de co-design, vem sendo praticada desde a década de setenta, onde os designers de desenvolvimento de sistema convidavam os usuários para participar das suas pesquisas de desenvolvimento (SANDERS & STAPPERS, 2008).

Nessa época o design participativo também estava sendo discutido em outras áreas, mas ganhou destaque em 1972, quando Nigel Cross publicou o livro '*Design Participation*', que é um compilado de artigos que foram apresentados em uma conferência realizada pela *Design Research Society*, em 1971, chamada '*Design Participation*'. Os artigos foram escritos por pessoas de diferentes áreas, incluindo economia, arquitetura, e engenharia mecânica. Tal fato apontava que o design já estava começando a migrar para uma abordagem mais ampla, não mais focada apenas no produto. No prefácio do livro, Cross (1972, apud SANDERS & STAPPERS, 2008) já apontava para o futuro que o design deveria começar a caminhar:

designers profissionais em todos os campos falharam em sua responsabilidade assumida de prever e projetar os efeitos adversos de seus projetos. Esses efeitos colaterais prejudiciais não podem mais ser tolerados e considerados inevitáveis se quisermos sobreviver no futuro [...] certamente há necessidade de novas abordagens para o design se quisermos deter os problemas crescentes do mundo feito pelo homem e a participação do cidadão na tomada de decisões poderia fornecer uma reorientação necessária. Daí este tema da conferência de "participação do usuário no design. (Cross, 1972, p. 11)

O design participativo, nessa época, ainda não fazia parte dos processos de design, e menos ainda de outras áreas, mas era algo que algumas pessoas já conseguiam vislumbrar como um próximo passo para o design. Entre essas pessoas, estava o futurista e inventor social, Robert Jungk, que também contribuiu para este livro, e entre seus comentários finais escreveu (SANDERS & STAPPERS, 2008):

poderíamos falar não (só) de participação no momento da decisão, mas de participação no momento da geração da ideia [...] Podemos começar a preparação para esta mudança radical. Como prognosticador, não acho que essa mudança ocorrerá antes do final do século. Teremos que sofrer primeiro com a falta de previsão de nossos pais e antepassados. Depois disso, algo radicalmente diferente pode vir, mas não por si só: tem que ser preparado. (Cross, 1972, p. 122)

Na América Latina, principalmente na Colômbia, esse olhar também começou despontar. Fals Borda, pesquisador e sociólogo, e seus colegas em uma proposta de

tornar a pesquisa mais participativa, percebendo que o pesquisador não é um sujeito neutro, e que a forma de interagir com os entrevistados influencia no processo de pesquisa, começou aplicar uma nova metodologia, a “investigação-ação-participativa” (IAP). Para Ibarra (2020), a IAP é uma forma de design participativo a fim de formalizar metodologias alternativas de investigação e ação, na qual foca nos problemas regionais e locais com o objetivo de promover processos emancipatórios dos envolvidos nos projetos e pesquisas (IBARRA, 2020).

Em um processo de co-design, Sanders e Stappers, (2008) destacam a importância dos designers difusos ao longo de todo o processo, e acreditam que essa metodologia participativa é necessária e capaz de realmente provocar alguma mudança no mundo. Os autores destacam que essa abordagem de design vai contra os princípios adotados pela cultura capitalista, onde é preciso existir uma hierarquia, uma liderança que irá guiar os demais, trazendo a ideia do mais capaz, mais forte, mais inteligente (SANDERS & STAPPERS, 2008). Por isso, adotar um design participativo é algo que rompe com nosso *modus operandis* atual e estimula uma cultura regenerativa, pois ele vai além de consultar os atores envolvidos em um projeto, ele dá voz igual a todos envolvidos no processo, promovendo um verdadeiro percurso colaborativo.

Diante do exposto, esta autora entende que o co-design por si, já rompe com uma cultura competitiva e hierárquica inculcada pelo capitalismo. Pois é um processo de escuta igualitária dos atores que fazem parte de um ecossistema, com o objetivo de cocriar projetos de forma colaborativa com o intuito de buscar soluções comuns. Um DER, requer esse olhar sistêmico, inclusivo, onde todos tenham voz, ou seja, sem distinção de gênero, raça, religião e cultura, sendo que a partir desses diferentes olhares, histórias e perspectivas, alcance o objetivo de chegar a uma solução que promova o bem viver de todos.

Todavia, como afirmam Sanders e Stappers (2008), apesar de todos participarem como designers no processo de co-design, o designer especialista ainda é o responsável por sistematizar o processo e desempenhar o papel crítico que dá forma às ideias, assumindo algumas vezes o papel do pesquisador também. Cabe ao designer elaborar as metodologias e ferramentas que vão promover o espaço de cocriação. Sendo que, dentro desse processo de cocriação o designer precisa estimular a criatividade em quatro principais fases: (i) criação, motivado pela inspiração, (ii) produção a partir das habilidades e competências, (iii) adaptação a fim

de elaborar de forma mais apropriada, (iv) execução, no sentido de entregar o esperado (SANDERS & STAPPERS, 2008).

O designer atua como facilitador a fim de estimular o processo criativo ao longo desses quatro níveis, e com o objetivo de criar a melhor experiência para que as pessoas expressem suas criatividade (SANDERS & STAPPERS, 2008). Para isso, segundo Ann Noel (2020), o designer precisa desenvolver algumas habilidades básicas, como aprender a fazer as perguntas certas, entender as informações passadas, criar conceitos, elaborar protótipos e comunicar ideias de forma clara (ANN NOEL, 2020). Portanto, um dos papéis principais do designer em uma jornada de co-design é criar ferramentas, metodologias e desenvolver processos que permitam que todas as pessoas que queiram participar ou executar um projeto tenha as melhores condições para isso (SANDERS & STAPPERS, 2008).

Como apresentado, o co-design é um dos pilares fundamentais do Design Estratégico, e na próxima seção este trabalho irá apresentar o conceito de co-design sentipensante. O intuito é além de destacar a colaboração e participação na jornada projetual, destacar também a importância da intuição e do sentir ao longo do processo. O co-design sentipensante é um conceito que vem sendo explorado por alguns autores, como Escobar (2016), Ibarra (2020, 2021) e Freire (2021), com o intuito de destacar e deixar mais evidente o sentir o processo durante o processo de design para depois apresentar as ferramentas e metodologias cabíveis.

O sentir, e a conexão com o campo em um processo de co-design aberto dinâmico e vivo já faz parte da metodologia do Design Estratégico. Contudo, esse trabalho destaca esse termo, pois entende que é fundamental ressaltar a importância das emoções, intuições e vínculos, ao longo da jornada projetual de um DER, sentipensar o processo.

#### 3.4.1.1 Co-design sentipensante

Sentipensar é uma palavra utilizada por pessoas afrodescendentes ribeirinhas da Colômbia, e que foi disseminada em meados da década de 80 pelo sociólogo Orlando Fals Borda. Seu significado é “agir com o coração usando a cabeça” (GÓMEZ, 2021 p. 510). Segundo Patrícia Gómez, no capítulo ‘Sentipensar’ do livro ‘*Pluriverso: um dicionário pós-desenvolvimento*’ (2021), trazer o coração para suas práticas cotidianas, traz uma promessa revolucionária para esses povos, e questiona a

separação feita pela ciência moderna capitalista entre mente e corpo, razão e emoção, humano e natureza, secular e sagrado, vida e morte. Abraçar a unicidade é algo inerente não apenas aos povos ribeirinhos da Colômbia, mas a todas as culturas que adotam essa cosmovisão holística e que honram a natureza. Assim, o sentipensar nos provoca a reimaginar formas de fazer e atuar que não tenham sido inteiramente colonizadas, pois valoriza as pessoas, saberes e territórios locais (GÓMEZ, 2021). Projetar a partir dos recursos disponíveis, acessíveis e alinhados com a realidade, saberes e cultura local.

Sobre o sentir e observar nossas emoções, Maturana (2003) destaca que a ênfase no racional consciente, acabou por nos cegar para nossas emoções e sentimentos, que foram negados pela ciência moderna. Assim, a fim de romper, ou pelo menos minimizar, essa influência mecanicista-patriarcal-capitalista no design, alguns autores vêm questionando a forma de fazer design, principalmente processos colaborativos e participativos (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Segundo as pesquisadoras Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019), as metodologias de co-design pré-formatadas e ferramentas já prontas, muitas vezes acabam por moldar o processo, deixando-os pouco criativos e inovadores, principalmente quando não estão abertos verdadeiramente à escuta dos envolvidos e ao contexto e ambiente em que estão inseridos. Ademais, segundo as autoras, as metodologias existentes, em sua maioria, são processos de origem eurocêntrica e com raízes industriais que estão focados em resolver problemas e replicar soluções para otimizar o processo. Para elas, as metodologias centradas no ser humano continuam reproduzindo um mecanismo linear projetual. Metodologias que foram desenvolvidas por um grupo pouco diverso de pessoas, em sua maioria europeia e norte americana, e que são replicados como modelos projetuais colaborativos infalíveis. E defendem que esses processos desconsideram a importância da escuta profunda, o reconhecimento das características, habilidades e lacunas do grupo, os contextos históricos e ambientais, e as imprevisibilidades e mudanças comuns que acontecem em um processo em que muitas pessoas, com diferentes lentes e saberes, trabalham juntas (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019) começaram a problematizar esse design replicável em suas práticas de co-design, principalmente após trabalharem com grupos de pessoas que geralmente são marginalizadas e pouco ouvidas. Além de perceberem que as metodologias existentes eram muito colonialistas e pouco

inclusivas, durante suas jornadas de co-design, elas observaram o quanto é importante desenvolver laços de conexão e afetos antes, durante e depois do processo. Essas conexões permitem que as pessoas envolvidas no projeto se sintam à vontade para se expressar e contribuir com o projeto, trazendo um maior envolvimento e sentimento de pertencimento aplicado. Segundo elas, essa é a base de um design decolonial, ou seja, que questiona modelos impostos, principalmente quando de uma cultura diferente de onde se está atuando (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Como explicam as autoras, os processos de design, por terem raízes industriais, acabam por replicar a lógica do modelo de produção. Uma lógica que prioriza o desenvolvimento de metodologias que precisam ser universais, replicáveis e eficientes, seguindo a lógica colonialista e capitalista eurocêntrica. Apesar de dentro de um processo de co-design centrado no humano, existir a etapa de empatia; elas questionam como é aplicada essa empatia. Explicam que para desenvolver uma escuta empática, é preciso primeiro, que os designers se reconheçam como sujeitos (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

As autoras defendem que antes de serem facilitadores de um projeto, os designers são pessoas que possuem suas histórias, experiências, tendências, preconceitos, valores e características, fatores que podem interferir em um processo de escuta verdadeiramente empática. Em um processo de co-design, onde não existe esse reconhecimento da subjetividade e a reflexão sobre ela e suas lacunas, há o risco de uma imposição de lentes e tendências desses designers no processo (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Ann Noel, vem desenvolvendo trabalhos e pesquisas para que a subjetividade e o olhar do designer sejam reconhecidos e considerados dentro de um processo de design. “Para iniciar a conversa sobre inclusão, precisamos refletir sobre a exclusão” (ANN NOEL & PAIVA, 2021, p. 63), por isso entender o designer como sujeito que carrega consigo sua história, traumas, experiências e o contexto socioeconômico em que está inserido é fundamental para iniciar um processo de design de fato inclusivo e participativo.

Para montar uma equipe diversa e plural é preciso olhar, principalmente, para quais as vozes que estão faltando, e mesmo que essas vozes não façam parte da equipe, reconhecer que elas existem e que deverão ser consideradas no projeto. Esse já é um passo importante na prática de uma verdadeira empatia (ANN NOEL & PAIVA,

2021). Para promover esse cuidado e reflexões durante a jornada projetual, Ann Noel desenvolveu a ferramenta 'Alfabeto crítico para designer', um baralho que guia os designers entre a teoria e a prática de design, incentivando um olhar mais inclusivo no processo (ANN NOEL, 2021). Esse baralho é uma das ferramentas sugeridas para o desenvolvimento de um DER.

O ato de incluir pessoas que geralmente são excluídas no processo de co-design é uma forma de questionar os modelos de design atuais. A partir do momento que um projeto está aberto a incluir novos saberes, fora dos padrões tradicionais, ou seja, saberes de pessoas que geralmente são marginalizadas, o design rompe com um padrão eurocêntrico e passa a adotar uma postura decolonial. Como aponta Light e Akama (2012, p. 61 apud AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019) “não há método até que seja invocado”, o que significa que é preciso desapegar dos modelos e métodos pré-estabelecidos e observar o que emerge no processo projetual de acordo com o grupo que se está trabalhando.

As metodologias atuais pressupõem que o processo de design começa, quando a metodologia começa a ser aplicada, isso faz com que as histórias, contextos, experiências e valores das pessoas envolvidas no projeto não sejam consideradas. Ao retirar as pessoas e suas subjetividades do processo, cria-se desde o início uma grande lacuna no processo de co-design (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019). Fals Borda, que pode ser considerado um dos pioneiros em processos participativos, quando desenvolveu a metodologia de Investigação Ação Participativa (IAP), percebeu essa lacuna em suas pesquisas com as comunidades que trabalhava. Tanto a lacuna de reconhecer a subjetividade e interferência do pesquisador durante o processo, como a necessidade de se criar vínculos de conexão para que os projetos de fato fizessem sentido para as pessoas e trouxesse algum benefício para suas comunidades (LOMELI, DILEAN & JOANNE RAPPAPORT, 2018).

Como defende Ann Noel, para promover um co-design inclusivo e participativo é preciso adotar uma forma de pensar que nos tira de nossas bolhas e zonas de conforto. Para isso, três princípios podem auxiliar nesta jornada (ANN NOEL & PAIVA, 2021):

1. Reconhecer a exclusão: Fazer a pergunta de quem ou qual grupo está sendo excluído.

2. Resolver para um e estender para muitos: Perceber que projetar visando a acessibilidade, ajuda a minimizar os preconceitos e melhora a experiência geral dos produtos e serviços.

3. Aprender com a diversidade: Ter representantes ou histórias de uma pluralidade de pessoas (idade, gênero, raça, crenças, culturas, habilidades), deixa o projeto mais resiliente e com melhor capacidade para lidar com os desafios propostos.

Segundo Robertson e Simonsen (2013, apud IBARRA, 2020), o co-design deve ser um processo que investiga, compreende, reflete e promove o aprendizado mútuo de forma coletiva e colaborativa. Para cocriações coletivas é necessário que os envolvidos no projeto se autoconheçam, e reconheçam suas lacunas e características como equipe. Além disso, é preciso que vínculos e conexões sejam estabelecidos (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019). Ibarra (2020) ainda defende que esses vínculos não devem ser apenas entre os participantes do projeto, mas também com a comunidade e o ecossistema em que está inserido.

Esses vínculos permitirão que o projeto produza conhecimento e promova uma transformação social naquele território. A criação de laços e conexões, segundo Fals Borda, permite a prática sentipensante. Uma prática que se preocupa com a construção coletiva de saberes, a transformação da sociedade, a recuperação das vozes dos marginalizados, e a conexão entre a academia e o mundo não acadêmico. Ao desenvolver a IAP, abraçando esse olhar sentipensante, Fals Borda trouxe uma perspectiva latino-americana para o co-design (IBARRA, 2020).

A utilização do conceito de 'co-design sentipensante' tem como intenção promover um design emancipatório, pois sai de métodos pré-estabelecidos destaca a importância de se praticar algo real, fluido e conectado com os saberes e realidades locais de seus participantes. O processo deixa de ser passivo e passa a ser de fato criativo e guiado pela intuição e o fluxo do processo.

Ibarra (2020) destaca que, o observar, sentir, e ouvir são peças fundamentais projetuais e que rompem com o paradigma mecanicista ainda muito presente em nossa cultura. Ademais, esse lado emocional é o que nos conecta verdadeiramente com o mundo e suas demandas. A proposta de um co-design sentipensante é destacar essa jornada contínua, que se constrói à medida que vai se experimentando e fazendo. E nessa jornada, segundo Ibarra, todos são transformados. Não apenas o projeto, mas igualmente as pessoas que fazem parte dele. O design deixa de ser uma prática para se tornar uma experiência (IBARRA, 2020). Assim, as relações,

promovidas através do afeto, diálogos e colaboração ocupam um papel protagonista, principalmente em um Design Estratégico Regenerativo.

Nesse processo de valorizar e destacar a subjetividade e o sentir no processo projetual, é importante que os designers adotem também uma postura reflexiva e crítica. Segundo Maturana (2003) sempre agimos de acordo com nossos desejos, seja diretamente ou indiretamente, isso significa que mesmo sem perceber ou querer, nossas emoções acabam por orientar as decisões que tomamos e a forma que agimos. Por esse motivo, Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019) e Ann Noel (2020), destacam que os designers não são profissionais culturalmente ou politicamente neutros, logo suas características pessoais, inevitavelmente, se manifestam no percurso projetual.

Para Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019), questionar as metodologias e ferramentas pré-existentes e pré-estabelecidas devem não apenas fazer parte da jornada projetual, mas também da formação do futuro profissional de design. Todavia, as escolas de design continuam promovendo uma formação pouco reflexiva e baseada no padrão industrial. No qual em seu processo de formação, são apresentadas as ferramentas e metodologias existentes com o objetivo de resolver os problemas apresentados (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019; LESLEY-ANN, 2020). Logo, para a formação de designers que dão ênfase ao sentipensar é necessário promover competências que estimulem a colaboração e pensamento crítico e sistêmico.

Freire (Freire e Del Gaudio, 2021), a fim de experimentar essa nova de formação de cultura de design, iniciou esse processo com a turma de Cultura de Projeto, do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologia (BIHAT) da Unisinos. Como proposta pedagógica da atividade acadêmica, a professora e pesquisadora, promoveu uma formação sentipensante a fim de estimular um agir projetual que unisse a técnica com o sentir. A atividade acadêmica teve como objetivo estimular um design orientado pelo “diálogo amoroso e pela escuta atenta, um diálogo horizontal que respeita cada ser humano em sua diversidade de comportamentos e pensamentos” (FREIRE & DEL GAUDIO, 2021, p. 271).

Freire relata que nas aulas os alunos compartilharam dificuldades em reaprender a sentir e expressar seus sentimentos, assim como de olhar para si mesmos. Além disso, percebeu que quando chegou o momento de projetar, eles não conseguiram colocar seus sentires e observações mais subjetivas no processo para

criar ou buscar propostas criativas para projetar, e voltaram para os aspectos mais técnicos (FREIRE & DEL GAUDIO, 2021).

Por todas as características apresentadas, esse trabalho defende o destaque do conceito de co-design sentipensante como parte do processo do DER aqui proposto. Dado que um design estratégico regenerativo deve dar ênfase ao sentir, a participação genuína de um grupo diverso no processo, e questionar modelos pré-estabelecidos.

## **4 SENTIPENSAÇÃO NO CAMPO**

Neste capítulo serão apresentados as experiências e observações que compõem a pesquisa de campo deste trabalho. A proposta aqui é apresentar o contexto de cada atividade e os aprendizados e reflexões que apoiaram o desenvolvimento desta pesquisa a fim de propor um DER.

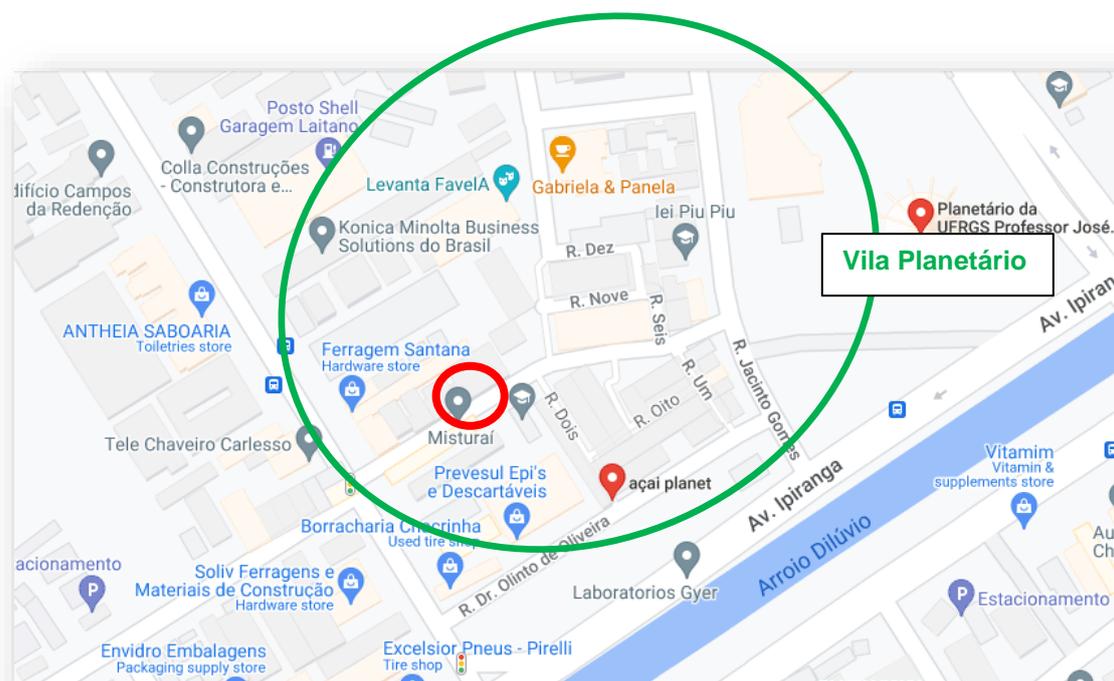
Neste capítulo serão apresentadas: a vivência experiencial desta autora na Vila Planetário para a fundação do Instituto Misturaí e elaboração de projetos da OSC, e a vivência experiencial e observação participante da imersão RegenerARTIVISTAS, trabalho de campo da pesquisa de Natalí Garcia para explorar a aproximação do Design Regenerativo com o Design Estratégico através das Três Ecologias de Guatari. Ambas as vivências foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa, sendo que a primeira começou em 2018, muito antes da intenção de escrever este trabalho, e por isso, seu relato depende de anotações em diário, e registros de memórias da época.

### **4.1 Imersão Vila Planetário – Co criação da OSC Instituto Misturaí**

Para narrar a experiência e os aprendizados que a vivência na Vila Planetário para a constituição de uma OSC, a Misturaí, me proporcionou, foi utilizado o método de investigação “escrevivência”, por meio do diário pessoal desta autora. Como apresentado no ‘Cap 2 – Metodologia’, a escrevivência é um método de investigação e produção de conhecimento, principalmente, das Ciências Humanas e Sociais baseado no termo apresentado pela escritora Conceição Evaristo (SOARES & MACHADO, 2017). E a fim de imergir o leitor na vivência desta autora durante este processo, buscarei trazer a narrativa e contextualização a fim de que todos possam sentir um pouco de como foi esse processo, para depois compartilhar os aprendizados e reflexões que me apoiaram no desenvolvimento deste trabalho.

A Vila Planetário é uma comunidade onde vivem 344 famílias (dados do Censo que a Misturaí fez em 2021<sup>8</sup>), que fica localizada no bairro Santana, Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Figura 20). É uma comunidade formada por pessoas que tem uma alta vulnerabilidade socioeconômica, com baixo grau de escolaridade e empregabilidade. Em uma pesquisa feita em 2021, pela OSC Misturaí, foi apurado que dos 58% moradores adultos (mais de 21 anos), não tinham completado o ensino médio e apenas 16% tinham um emprego formal (Figura 21). Apesar da vulnerabilidade socioeconômica, as pessoas da Vila moram em casas de alvenaria, pois foram contempladas em 1992 pelo programa Programa de Regularização Fundiária, uma conquista decorrente de um processo de luta e resistência de seus moradores que se recusaram a ser deslocados para outra região da cidade (SEVERO DA SILVA, 2010).

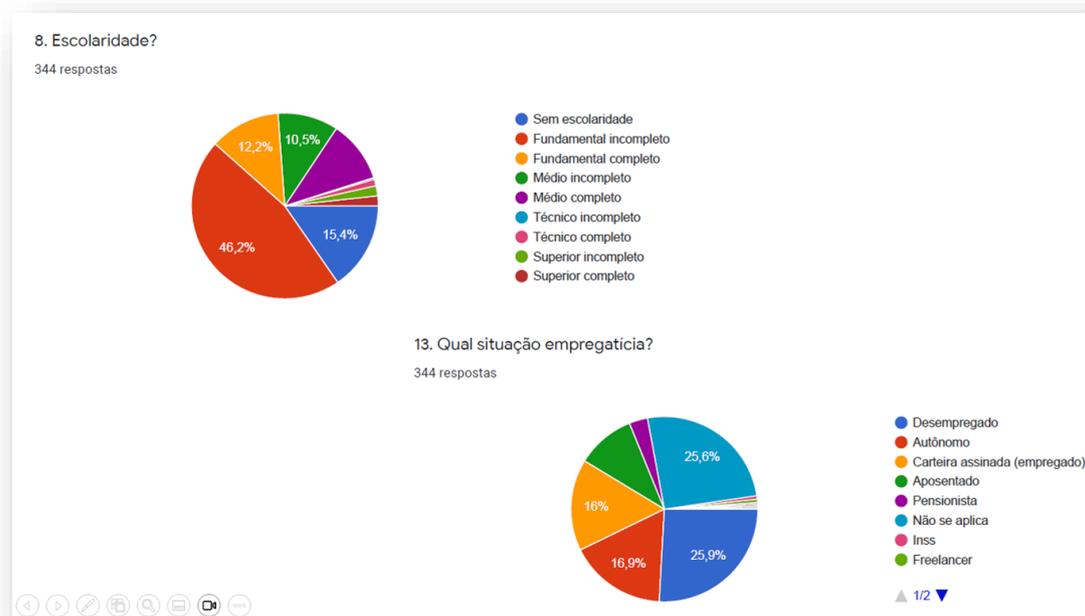
Figura 20 – Mapa da Vila Planetário – Porto Alegre/RS



Fonte: Google maps

<sup>8</sup> Em 2021 realizamos um Censo na comunidade para identificar o perfil dos moradores da Vila e seus principais problemas socioeconômicos.

Figura 21 – Dados do Censo Vila Planetário 2021



Fonte: Arquivo de documentos da autora

Cheguei na Vila Planetário em novembro de 2018, para ajudar um amigo, Gabriel Goldmeier, que junto com um coletivo de pessoas, tinha o sonho de fazer uma Organização da Sociedade Civil (OSC) na Vila Planetário a fim de criar projetos com a intenção de proporcionar melhores condições para a vida de seus moradores. O coletivo chamava Misturaí, que depois deu o nome da OSC, e começou em 2018 com atividades pontuais tanto na Vila Planetário como no Morro da Cruz, outra comunidade vulnerável da cidade (Figura 22).

Figura 22 – Reuniões do coletivo Misturaí



Fonte: Arquivos da autora

Na época eu não morava em Porto Alegre. Então, por vir de uma situação socioeconômica diferente das pessoas da Vila Planetário, local onde seria a OSC, ao me mudar para a cidade escolhi morar na Vila para me conectar melhor com a realidade daquela comunidade. Eu tinha bem claro que a proposta da Misturaí seria construirmos juntos com os moradores da Vila os projetos sociais e para isso, era preciso criar uma **conexão** com eles. O processo foi muito intuitivo e baseado em experiências anteriores, mal-sucedidas, de proposição de projetos sociais em favelas.

Em 2015, eu trabalhei em um projeto vinculado à prefeitura do Rio de Janeiro que tinha como objetivo desenvolver Agências de Desenvolvimento Local nas favelas da cidade. Eu era a coordenadora do projeto, já tínhamos patrocinadores e com base em um pequeno estudo de uma das comunidades do Rio, que seria a piloto, eu e minha equipe escrevemos o projeto. No dia de apresentar para as lideranças e população local, da comunidade piloto, fui questionada por um dos líderes: - "Por que vocês brancos do asfalto acham que

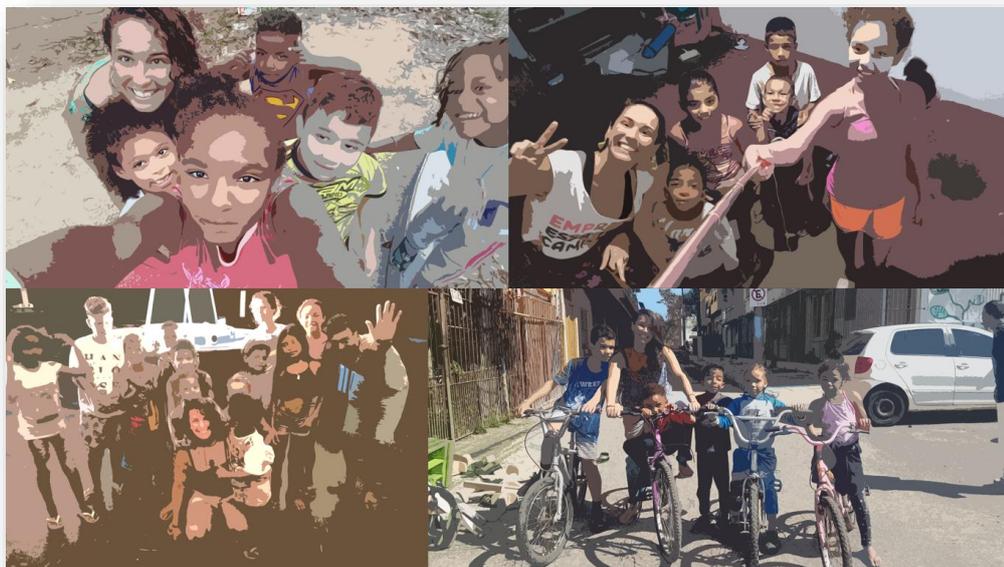
têm as soluções para os problemas da favela? – Por que já querem chegar com a fórmula mágica se nem escutar quem está ali? – Por que vocês acham que aqui na favela não tem gente competente para pensar e fazer projetos para eles mesmos?”.

Foi um “tapa na cara”, que achei que por estar munida de dados e com as informações básicas para se fazer um projeto eu poderia propor algo para eles, e seria aceito de bom grado por todos. Aliás, eram um projeto “completo” e já tinha até quem ia financiar tudo. Mas na hora que o líder disse isso, percebi que de fato não era assim que se fazia projetos comunitários, e rasguei o projeto na frente deles, pedi desculpas e disse que iríamos começar de novo, com eles participando ativamente desde o início. Depois daquele merecido puxão de orelha, dali para frente seria diferente, iríamos começar do zero, e junto com eles.

Essa experiência me marcou muito, um aprendizado que trago para o resto da minha vida no meu jeito de fazer design. E ali na Vila Planetário, esta lembrança estava muito presente. Para mim estava claro que se era para fazer projetos para a comunidade, eles deveriam ser da forma mais participativa possível. E por esse motivo, resolvi mergulhar na experiência, e realmente me conectar com aquele lugar e as pessoas que ali vivem, resolvi sentipensar toda a jornada. Ibarra (2021), fala sobre o afetar e ser afetado durante um processo de design, e esse foi meu processo, as trocas diárias interferiam diretamente não apenas nos projetos, mas na minha forma de ver e pensar projetos.

Morei na Vila Planetário de novembro de 2018 até abril de 2019, e depois me mudei para um apartamento que ficava três quadras de lá, sendo que minha frequência continuava diária, tanto para trabalhar como para estar com as pessoas pelos laços de amizade que fui construindo ali. Ali na Vila, por ser uma pessoa de fora da cidade, não tinha nenhum tipo de relação com ninguém, logo essa relação precisou ser construída aos poucos. E as pessoas com quem comecei a me relacionar foram as crianças (Figura 23).

Figura 23 – Fotos das crianças da Vila Planetário



Fonte: Arquivos da autora (fotos com efeitos artísticos para proteger a imagem das crianças)

Por gostar muito de crianças e ter uma boa relação com elas, elas foram meus “primeiros amigos”. Passava a maior parte do tempo com eles, e como não tinham muitas atividades recreativas na Vila, eu acabei virando o entretenimento. Esse foi um insight importante na época, pois percebi que os projetos deveriam começar pelas crianças por diversas razões. Uma que elas passavam a maior parte do dia nas ruas, e com isso, expostas ao tráfico de drogas (a Vila Planetário é um ponto forte de venda de drogas), outra que não tinham mais nenhuma atividade além da escola, e muitas vezes seus familiares não tinham “o que fazer” com seus filhos, pois precisavam trabalhar.

Assim, comecei estruturar um pouco melhor as atividades oferecendo aulas de yoga. As crianças adoravam e a partir daí fazíamos outras brincadeiras. Ao me aproximar das crianças fui me aproximando também de suas mães e avós, e ali começava a estabelecer uma relação de confiança. Percebi o quanto as pessoas em comunidades têm um carinho e respeito por quem “cuida e gosta de suas crianças”. Muitos acreditam que para a vida deles não existe muita solução, mas querem tentar “um futuro melhor para seus filhos”. Escutava muito

essa frase, e na época percebi que sem ter planejado muito, e não ter sido intencional, uma das formas de começar a estabelecer vínculos e laços de confiança foi através das crianças.

Nessa época, tínhamos começado a reformar o imóvel onde seria a sede da OSC, e não tínhamos, ainda, muitos voluntários. Então basicamente as atividades eram pensadas e feitas por mim e Gabriel Goldmeier, que foi o idealizador da Misturaí. Nós dois estávamos morando na Vila, e estruturando a Misturaí. Pelas amizades criadas na comunidade íamos comunicando o que seria feito ali para envolver os moradores no processo. O Gabriel já tinha uma história mais antiga com alguns moradores, pois jogava futebol com muitos dos homens que moravam na comunidade, e por esse vínculo e laços de amizade que foi construído que quis que a Misturaí fosse na Vila Planetário.

A Vila Planetário seria como o piloto da Misturaí, pois nossa intenção era levar os projetos e metodologias desenvolvidas na OSC para diversas outras comunidades da cidade. Todavia, começar o projeto em um lugar onde já existe uma conexão torna o processo mais fácil, ainda mais porque queríamos a participação e envolvimento das pessoas que viviam ali para pensar os projetos e desenvolver as metodologias que seriam aplicadas em outros lugares. Como perceberam Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019) com suas pesquisas de campo e processos de co-design, são as conexões estabelecidas que criam os laços de confiança, que são vitais para que as pessoas se sintam à vontade para se expressar e contribuir com um projeto. Essa participação que vai trazer um maior sentimento de pertencimento e a sustentabilidade do projeto.

Fundamos o Instituto Misturaí em abril de 2019, mesmo mês que começamos a obra da sede e o primeiro projeto oficial da OSC, com a participação da Misturaí na Virada Sustentável (VS) de Porto Alegre (Figuras 24 e 25). Escrevemos dois projetos com o objetivo de levar a VS para a periferia, local que dificilmente esse tipo de evento ocorre, muito menos discussões sobre a pauta ambiental. Assim, em abril de 2019, ano que oficializamos a Misturaí, realizamos duas atividades culturais relacionados ao tema da sustentabilidade, uma no Morro da Cruz e outra na Vila Planetário.

Figura 24 – Fotos das atividades da VS no Morro da Cruz



Fonte: Instituto Misturaí

Figura 25 – Fotos das atividades e atrações da VS na Vila Planetário



Fonte: Instituto Misturaí

No ano de 2019 seguimos realizando muitos eventos culturais na Vila Planetário para promover um intercâmbio de classes. O lema da Misturaí é “furar bolhas”, e com isso aproximar os “diferentes mundos”, mostrar para as pessoas da classe média que a comunidade era um lugar seguro, apesar da existência de ponto de drogas e traficantes na Vila, e mostrar para os moradores da Vila que sua comunidade era capaz de produzir e realizar coisas bonitas.

Nos eventos buscávamos sempre envolver os moradores, não apenas na parte operacional, mas também estratégica, pensando nas barraquinhas que eles gostariam de montar, serviços que poderiam oferecer, arte que gostariam de mostrar. Não foi um processo fácil, apesar das pessoas gostarem de mim, do meu amigo e das pessoas que estavam juntos apoiando a construção da OSC, ainda éramos os “de fora”. Ainda existia desconfiança e questionamento se o que estávamos intencionando ali era de fato por e para eles. Com o tempo, foram me contando que ali já tinham se aproximado muitas pessoas com fins políticos, interesses próprios, universitários que só se aproximavam para realizar suas pesquisas. Então com o tempo foram ficando “ressabiados com as pessoas que chegam com alguma proposta boa para a comunidade”, frase que escutei de mais de uma pessoa. Além disso, eu sentia também muita descrença de que a situação que eles viviam poderia mudar, então não sentiam ânimo em participar dos projetos.

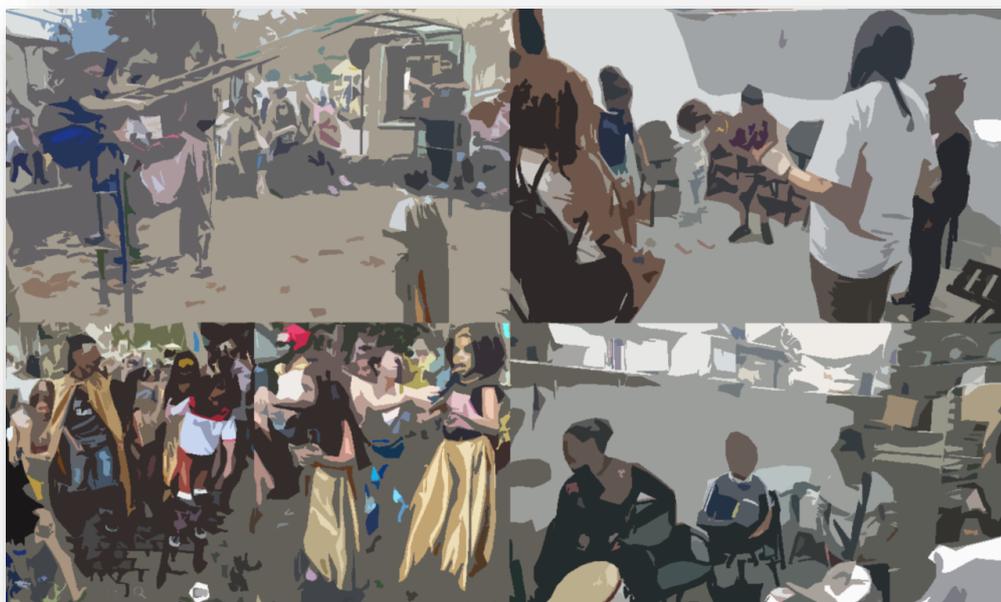
Assim, no 1º semestre de 2019 ficamos envolvidos com os eventos culturais, a reforma da sede e o projeto com as crianças, o Gurizadaí (Figuras 26 e 27). Ressaltando que o nome do projeto e a escolha das atividades que seriam desenvolvidas com as crianças foram construídos com eles. Com as crianças eu conseguia atingir minha intenção de um processo de co-design, e eles gostavam muito de serem ouvidos e perceber que eram vistos.

Figura 26 – Algumas das atividades do Gurizadaí



Fonte: Fotos da autora (foi utilizado efeito artístico na foto para proteger a imagem das crianças)

Figura 27 – Algumas das atividades do Gurizadaí



Fonte: Fotos da autora (foi utilizado efeito artístico na foto para proteger a imagem das crianças)

A Virada Sustentável foi um sucesso e atraiu muitas pessoas de fora da Vila e as pessoas da Vila também gostaram muito, e percebemos que esses eventos culturais para “furar bolhas” poderiam ser o início do nosso processo de aproximação com a comunidade e atrair pessoas para somar nos projetos. Um dos desafios das OSCs é a questão financeira, então nesse primeiro momento, o apoio de pessoas voluntárias era fundamental, e para isso precisávamos aproximar “pessoas de fora” para “dentro” da Vila. Assim vieram outros eventos, como o Honk Porto Alegre, festa julina, Semana Lixo Zero, Dia Internacional da Juventude (Figura 28).

Figura 28 – Eventos culturais promovidos pela Misturaí



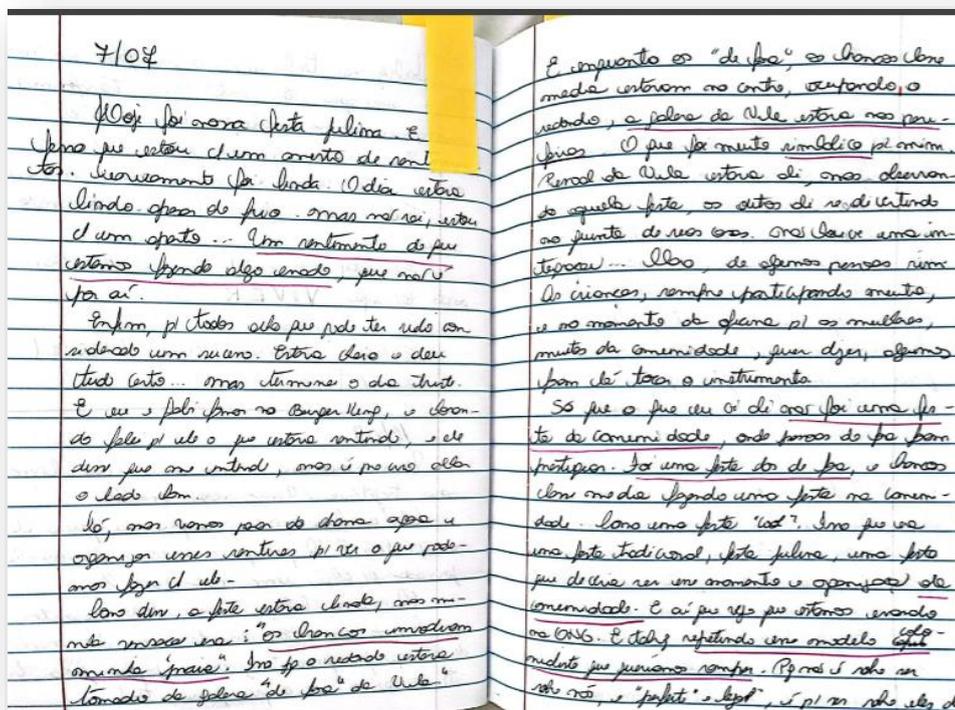
Fonte: Instituto Misturaí

Logo, de forma despretensiosa no início, mas intuitiva vimos que estávamos desenvolvendo uma metodologia de aproximação com comunidades. Era um processo de experimentação, com muitos erros, mas também alguns acertos. Todavia, manter a sustentabilidade de uma OSC não é fácil, e apesar de vários eventos lindos, no 2º semestre de 2019, a Misturaí não estava

“entregando” ao que nos propusemos quando resolvemos virar uma organização de base comunitária. Quando fundamos a OSC nossa intenção era, principalmente, desenvolver diversos projetos de empregabilidade e educação para jovens e adultos.

Fizemos esses projetos, promovemos cursos e oficinas, mas poucos moradores compareciam. Ademais, era difícil envolvê-los nas construções desses cursos e atividades. Na época nos sentíamos muito frustrados. Em meu diário pessoal eu escrevia sobre essas reflexões e buscava ali encontrar algumas respostas. Minhas anotações eram uma mistura de desabafos emocionais e reflexões estratégicas para serem tentadas. E hoje, revendo essas anotações e o processo, e olhando para o que foi construído depois e onde a Misturaí está hoje, eu percebo que estávamos com expectativas muito altas para a época.

Figura 29 – Foto do meu diário com um dos desabafos sobre a falta de participação



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em setembro de 2019 fui embora de Porto Alegre, tinha sido aprovada no programa de mestrado em Desenvolvimento Sustentável na África do Sul, com início em janeiro de 2020, e precisava organizar a viagem. Um mês antes tínhamos feito uma reunião para apresentar o que chamamos de Fase 2 da Misturaí, onde a intenção era não focar mais só nos eventos, mas em projetos. Tínhamos uma gama enorme de projetos, umas 50 pessoas, fora da comunidade, que nos apoiavam como voluntários e queríamos focar, principalmente, na questão de empregabilidade e educação. Me despedi de Porto Alegre achando que não voltaria mais, e deixava ali o que eu considerava minha criança recém-nascida Misturaí, além de todas as pessoas daquela comunidade que tinha criado vínculos e laços fortes. Considerava muitos ali parte da minha família, e a Vila Planetário, minha casa em Porto Alegre.

Todavia, a fase 2 não saiu como o esperado, a OSC estava com dificuldades financeiras, os projetos não aconteceram e o diagnóstico era que teria que fechar as portas. Nessa época, tia Mara, que hoje é a atual presidente, moradora da comunidade, estava muito sentida com a possibilidade de fechamento e fez um “chamamento” para as pessoas da comunidade “chegarem junto”. Ela era uma das pessoas assíduas da OSC, e percebeu que se a Misturaí acabasse seria uma grande perda para a Vila Planetário.

Assim, ela mobiliza outras moradoras e voltam com o Gurizadaí, deixando-o mais estruturado, e se sentem felizes com o fato de estarem fazendo algo pelas crianças de sua comunidade. Ali, foi um movimento lindo de tomada da OSC pela comunidade.

Vou evitar entrar em detalhes sobre a “retomada da Misturaí”, que aconteceu, principalmente, graças a pandemia COVID-19, e a escolha da OSC em criar um projeto para apoiar as pessoas em situação de rua, o Amparaí. O Amparaí sensibilizou muitas pessoas, e a Misturaí cresceu e ganhou notoriedade na cidade e sustentabilidade financeira (Figura 30).

Figura 30 – Ações do projeto Amparaí



Fonte: Instituto Misturaí

Nesse período eu não estava presente, mas acompanhava o processo a distância. Até que no final de 2020, volto para Porto Alegre e encontro uma outra Misturaí, mais madura. Além disso, presidida por duas mulheres negras moradoras da comunidade que resolveram assumir aquele lugar, Tia Mara (Mara Nunes) e a Mana (Adriana Queiroz). Eu termino o relato e contextualização por aqui, porque, como dito anteriormente, a proposta deste trabalho não é sobre a Misturaí. A proposta é apenas extrair alguns pedaços da nossa história que se interlaçam e que trouxeram aprendizados, insights e reflexões que ajudaram a compor o DER aqui proposto.

Essa é minha escrivência sobre a experiência que vivi na Vila Planetário para a fundação do Instituto Misturaí. Ali tive muitos aprendizados, não só profissionais, mas no âmbito pessoal. Conviver com pessoas que tinham situações de vida tão diferente da minha me trouxe uma melhor percepção e entendimento sobre o que é viver a vulnerabilidade social e econômica. Me mostrou sobre o quanto as políticas públicas pouco olham para as periferias, e principalmente, para as pessoas que vivem em situação de rua.

Conheci muita gente, ouvi muitas histórias, vivenciei muitas emoções. Me assombrei muitas vezes, me indignei, me emocionei e tudo por conta dos laços e conexões que construí nesses últimos anos com as pessoas daquela comunidade. Foi uma experiência que me marcou profundamente e que os aprendizados que obtive impactam totalmente sobre minha forma de projetar.

#### 4.1.1 Aprendizados e reflexões do processo

Alguns aprendizados e reflexões que a jornada na Vila Planetário me trouxe foi perceber que em trabalhos sociais, principalmente em comunidades vulneráveis socioeconomicamente, existe, geralmente, a vontade e ansiedade de nós designers resolvermos “a vida” daquelas pessoas nas comunidades. Mas ao chegarmos com soluções, mesmo que sejam apenas propostas pré-definidas, não respeitamos a voz, autonomia e vontade das pessoas que moram ali. E a inclusão precisa acontecer desde o início do processo, não apenas em algumas atividades pontuais como workshops para desenhos de projetos específicos. Essa inclusão, esse co-design desde a 1ª troca de olhar é algo que pode promover um verdadeiro impacto social e seja sustentabilidade do projeto.

Contudo, esse processo não é fácil e não acontece em um curto prazo. Ademais, ele envolve não apenas uma intenção de transformação da comunidade, mas uma transformação interna do próprio designer. Uma transformação de desconstrução de suas camadas para que possa adotar lentes mais amplas e conectadas com o público que irá trabalhar. É o reconhecimento que Ann-Noel (2021) provoca sobre reconhecer nossas lentes e como elas influenciam no processo de design. Eu fiz isso quando escolhi viver na Vila Planetário para me aproximar mais não só das pessoas que viviam ali, mas também nas condições daquele território. Foi uma forma que encontrei para tentar mudar um pouco as minhas lentes já pré-concebidas para novas lentes.

Ann-Noel e Paiva (2021) destaca a importância de nós designers nos entender como sujeitos, logo que carrega uma subjetividade muito particular construída a partir de nossa história, traumas, contextos, etc. Para isso sugerem incluir pessoas diversas em processo de co-design, ou se não for possível, aplicar ferramentas que provoquem esse olhar mais inclusivo, como é o caso do

Alfabeto Crítico. E vivendo ali na Vila Planetário, eu percebi que por mais que tenha imergido naquele território e na cultura local, minhas lentes continuavam diferentes da deles por toda minha “bagagem de vida”, eu nunca “seria um deles”, entenderia “suas dores”. Logo, o processo de desenhar junto continuava sendo essencial e minha vivência ali foi muito mais a nível de criação de vínculo e conexão. A importância da criação de vínculos faz parte dos estudos de jornadas de co-design das pesquisadoras Akama, Hagen e Whaanga-schollum (2019), que perceberam que quando há uma conexão com as pessoas na qual vai percorrer uma jornada projetual, as pessoas são mais participativas, se apropriam mais do processo e torna o projeto mais real e sustentável. Minha relação com a Vila me permitiu ter mais empatia e aprender a ter uma comunicação melhor com eles, falamos a “mesma língua”. E isso percebi que foi fundamental inclusive para interferir em algumas atividades que promovemos na Misturaí, como oficinas de educação financeira.

Tivemos uma voluntária, estudante do curso de administração que promoveu alguns encontros sobre o tema. No entanto, sua linguagem era muito distante da realidade deles, e eu, que estava junto nas oficinas, precisava o tempo todo ir fazendo a tradução para aspectos mais reais de seus cotidianos. E essa empatia, só desenvolvi por conta de nossas convivências, e as relações estabelecidas. No 2º dia da oficina, propus de rever junto com a voluntária todo o desenho das atividades que ela estava propondo para que de fato fizesse sentido para eles. Foi um processo de redesenhar o projeto a partir das histórias, contextos e experiências daquele público. Ou seja, desenvolver a metodologia a partir do que o campo está pedindo, desapegando de métodos já conhecidos e pré-desenhados (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

E é essa importância da criação de vínculos e conexão, o desapego a metodologias pré-definidas e a subjetividade do designer que Ibarra (2020) traz como o design sentipensante. A autora destaca que observar e sentir são fundamentais para romper o padrão mecanicista de nossa cultura e promover um design emancipatório, pois valoriza a importância de praticar algo real e conectado com os saberes locais das pessoas afetadas pelo processo.

Vivenciar a cocriação da Misturaí me fez passar por todas essas reflexões e aprendizados, e que hoje, influenciam diretamente na minha forma de fazer design. E que para mim, são o cerne de uma proposta de um design que visa promover uma cultura regenerativa, e por isso fundamental para essa pesquisa. Pois fala sobre autoconhecimento, o viver em comunidade e construir algo em comunidade, cuidado, partilha justa, e ter uma visão mais ampla e espiritual de uma jornada projetual, onde não é sobre mim, mas sobre nós. Na qual minhas decisões, e emoções estão interrelacionadas com a de outras pessoas e o ambiente em que estou inserida.

Dentre alguns aprendizados principais estão:

- Um projeto que tem um objetivo de impacto social e comunitário não é sobre mim. Ou seja, não é sobre minha intenção, meus desejos, meus tempos, ansiedades e meu conhecimento; mas sobre aquele ecossistema em que estou inserida. E dentro desse ecossistema, é preciso reconhecer que sou apenas uma parte de toda a dinâmica que flui ali, e muito do que vai acontecer, depende da atuação dos outros atores que fazem parte.
- Para um maior envolvimento das pessoas no projeto, participação e engajamento é fundamental a criação de laços de confiança, essa é a base do início de qualquer jornada que tem a intenção de ser real, participativa e sustentável. Os laços de confiança promovem o cuidado, a conexão, que são a base de uma cultura regenerativa.
- Criar vínculos e conexões com as pessoas com quem se está projetando, pode melhorar o grau de empatia sobre a realidade das pessoas, mas não nos faz ter as mesmas lentes dessa pessoa sobre a vida. Logo, incluir as pessoas que serão afetadas pelos projetos desde o início do projeto, na fase ainda da ideiação, é fundamental.
- É preciso encontrar, encorajar e apoiar os protagonistas do território, esse deve ser o 1º objetivo do projeto, porque essas são as pessoas que podem de fato engajar e mobilizar a comunidade. Então o projeto deve iniciar, antes de tudo nas pessoas, para depois ir para a construção dos próximos passos.

- Os contextos e cenários mudam a todo tempo, por isso é preciso sentir o ambiente, as relações e observar o processo para fazer as alterações necessárias, sentipensar a jornada todo o tempo. A base do Design Regenerativo é observar os sistemas vivos, dentro dos sistemas vivos estão as relações, onde uma alteração pode modificar todo o ecossistema.

E uma questão que ainda me questiono muito é se, em comunidades, o desejo de fazer um projeto não deva primeiro partir deles. No caso da Misturaí veio “de fora”, do Gabriel, depois do coletivo, e depois eu, que nos juntamos ao “sonho de fundar a OSC Misturaí”. E me pergunto se para ser de fato algo “da comunidade”, não tem que partir de alguém que vive na comunidade e a partir desse desejo, convidar as pessoas que podem somar neste sonho. Ali o processo de envolver os moradores não foi simples, mesmo depois do envolvimento de algumas mulheres da comunidade, que aconteceu muito pela intenção e energia da Tia Mara de não deixar a Misturaí fechar as portas. No entanto, sempre com uma dependência e diria até insegurança em seguir sozinhas, que era uma coisa que me incomodava. Me incomodava no sentido de: “Será que não conseguimos o básico? Será que estamos reproduzindo aqui esse sistema que já existe, onde os “brancos” continuam mandando?; se é uma OSC para empoderar e dar autonomia, não tínhamos que começar por quem está aqui a frente dela?”

Ainda não tenho essa resposta, mas é algo que agora faz parte da minha atenção em um processo de co-design. Essa experiência reforçou que o meu papel de designer dentro de processos comunitários é promover o protagonismo das pessoas para quem aquele projeto se dedica, seja através de artefatos, metodologias e processos de capacitação. Isso significa algumas vezes desapegar dos objetivos iniciais, e sentipensar a jornada. Além de sempre manter a atenção às lentes que carrego e a conexão e criação de vínculos como os elementos vitais para que seja um processo realmente participativo, transformador e sustentável.

## 4.2 Imersão RegenerArtivistas

A imersão RegenerArtivistas aconteceu em junho de 2022, na Serra da Cantareira, em São Paulo/SP. Ela foi uma experimentação para a pesquisa de campo da Natalí Garcia, que estava escrevendo sua dissertação de mestrado cujo objetivo da pesquisa era “propor novos processos para o desenvolvimento do Design Estratégico guiados pelos conceitos da Regeneração e d’As Três Ecologias” (GARCIA, 2022, p. 26) de Guattari. Foram 4 dias de imersão, e participaram nove pessoas a fim de experimentar os princípios regenerativos propostos pela autora e uma metaprojeção do próprio Design Regenerativo. Para atingir este fim, a imersão tinha como intenção “propiciar a criação e aprofundamento de vínculos entre os sujeitos, bem como um entendimento e fruição da própria existência” (GARCIA, 2022, p. 27).

O grupo foi formado por pessoas com diferentes perfis, mas todos com o interesse no tema ‘regeneração’ e ‘design regenerativo’. Apesar dos diferentes perfis, não foi um grupo diverso no sentido de escolaridade e condição socioeconômica, sendo que apenas um participante não tinha um nível de pós-graduação. Assim, os debates ficaram mais concentrados em níveis acadêmicos e conceituais.

Figura 31 – Foto do grupo que participou da imersão



Fonte: GARCIA, 2022

A casa alugada para a pesquisa de campo ficava dentro de um espaço chamado ‘Cochicho das Águas’<sup>9</sup>, que é um centro de treinamento e desenvolvimento humano, cujo objetivo é promover o “autoconhecimento e a relevância das questões emocionais que impedem a autoexpressão na vida, para atingirem um melhor relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o mundo” (COCHICHO DAS ÁGUAS, 2023.). Durante a imersão, fizemos uma caminhada exploratória do local guiada pelo responsável pelo lugar, Édson França. Ao longo do percurso, Édson fez algumas atividades em meio a floresta para que vivenciássemos e nos conectássemos com aquele espaço, além de ampliar o contato com a natureza.

---

<sup>9</sup> Cochicho das Águas - <https://www.cochichodasaguas.com.br/>

Figura 32 – Fotos das atividades e caminhada exploratória pelo espaço



Fonte: Arquivo RegenerArtivistas

Importante ressaltar, que no dia anterior a esse passeio, já tínhamos começado a trabalhar sobre os princípios e conceitos que a Natalí estava pesquisando para seu trabalho. Ela já havia nos apresentado os movimentos projetuais e os princípios regenerativos propostos por sua pesquisa.

Depois de conhecer o lugar, e almoçar na pousada, ficamos no espaço para co-criar uma proposta de um projeto regenerativo para o espaço a partir do que tínhamos visto. Para isso, Natalí propôs um exercício cartográfico. A ideia não era oferecer formalmente uma proposta a ser implementada, mas plantar algumas sementes de alternativas regenerativas para o espaço conectados aos princípios regenerativos propostos pela pesquisa que a autora estava desenvolvendo. Depois desse nosso momento como grupo tivemos um momento de conversa com o Édson. Ali alinhamos nossos entendimentos sobre o lugar, tiramos mais algumas dúvidas e apresentamos as ideias que surgiram no momento de cocriação. Todavia, sem intenção de impor nada, apenas levantar possibilidades para caso ele se interessasse.

Figura 33 – Atividade de cocriação de uma proposta para o Cochicho das Águas



Fonte: Arquivo RegenerArtistas

Nos demais dias continuamos com as rodas de conversa e atividades em torno do tema regeneração e design regenerativo. Como a casa estava alugada para nós, a organização de limpeza, comida era feita de forma coletiva, por auto-organização. Foram momentos muito ricos de troca, em que todos nos sentimos muito bem, acolhidos, e em um espaço de diálogo seguro. No último dia cocriamos um manifesto e nos auto-batizamos de regenerARTistas, pois entendemos o importante papel das artes para fomentar o despertar de uma conscientização sobre o tema da regeneração.

As conexões durante os quatro dias de imersão foram estabelecidas e vínculos foram criados, o que foi essencial para que todos se sentissem à vontade para participar do processo. Estar imerso na Mata Atlântica também foi fundamental para vivenciar nossa conexão com a natureza para agir em prol dela, e com ela. Sentipensamos as relações e o espaço, e saímos de lá nutridos e mais inspirados.

Figura 34 – Workshops projetuais



Fonte: Arquivo RegenerArtistas

Figura 35 – Gravação do Manifesto RegenerArtivistas



Fonte: GARCIA, 2022

#### 4.2.1 Aprendizados e reflexões do processo

Participar da imersão com um grupo, majoritariamente, de acadêmicos, me proporcionou uma vivência mais conceitual, o que foi importante para fundamentar melhor e de forma mais profunda o tema design regenerativo. O grupo tinha como consenso que o tema regeneração ainda é um tema que gera muitos entendimentos divergentes, e vem sendo utilizado de forma não cuidadosa e até “marketeiro” por muitos, principalmente empresas. Logo a preocupação maior do grupo foi como refletir sobre como podemos defender melhor o conceito de design regenerativo, principalmente no espaço da academia a fim de fortalecer o conceito.

Mesmo em um grupo pequeno, éramos nove pessoas, algumas divergências apareceram, principalmente pela proposta da pesquisa da Natalí que trazia conceitos de diferentes autores, Grupo Regênesis, Daniel Wahl e Guattari. Essas divergências proporcionaram debates muito ricos, mas que não



ainda mais evidente durante os dias que passamos juntos. Esse cuidado fez com que todos se sentissem acolhidos e criou um ambiente positivo que logo se refletiu em uma conexão entre todos os membros. Tal **conexão** fez com que todos participassem de forma ativa e com a intenção real de apoiar a pesquisa da autora. Mais uma vez, para mim ficou evidente a importância de ambientes saudáveis, agradáveis e estabelecimento de **relações de confiança** para cocriação de projetos.

- Estarmos **imersos na natureza**, nossa principal fonte de inspiração, foi vital para debater o tema de regeneração. Pudemos olhar para o espaço, a dinâmica do ambiente em que estávamos imersos e além de nos inspirar em ideias, foi importante para a conexão com nosso meio, **interser**. Somos natureza, somos partes interconectadas e cuidar de nós é cuidar do nosso espaço, o ambiente em que vivemos.
- Mesmo com divergências de pontos de vistas e entendimentos em alguns momentos, ter um objetivo e uma **visão de futuro comum** se mostrou fundamental para alinhar os diálogos e construir as pontes nas propostas. Promover a escuta de todas as vozes e respeitar as divergências, se faz essencial para criar um espaço de diálogo saudável, participativo e que chegue a uma visão de mundo compartilhada que busque o bem maior.
- **Sentipensar** o espaço fez com que houvesse uma maior conexão com o ambiente em que estávamos inseridos. A caminhada e as atividades corporais permitiram uma maior conexão, com o espaço e com o grupo, e estimulou a criatividade durante os workshops. O sentir e pensar ao longo dos dias de imersão permitiu uma maior abertura para explorar novas ideias.

Estar neste ambiente, com esse grupo e discutir, prioritariamente conceitos. Ou seja, trabalhando muito o mental, mas sem deixar de sentir foi essencial para perceber que o tema 'regeneração' é uma temática que envolve muito um lado ativista das pessoas. Um design regenerativo começa principalmente com uma preocupação comum em cuidar do nosso planeta, cuidar de nossa espécie e sociedade, e cuidar de nós mesmos. É algo que parte

do sentir, da conexão que temos e sentimos como natureza, como parte da vida e desse ecossistema planetário. Na qual, prejudicar, destruir, explorar um dos atores, sujeitos desse ecossistema nos afeta diretamente.

Por isso, um design regenerativo é mais que um processo coletivo, é também um processo individual. Todos que participaram da imersão se sentem tocados, sensibilizados, preocupados e conectados com os rumos destrutivos que o planeta e nossa sociedade estão seguindo. Todos estão mobilizados e engajados em agir em prol de uma cultura regenerativa. Um desejo que parte da percepção de interser com o todo, e por isso, sentipensar o processo.

Somos um grupo de acadêmicos, que destacam o cuidado necessário para se fortalecer um conceito e evitar que seja banalizado e até mais usado, mas que agem além da academia. Somos um grupo que em nossos hábitos cotidianos, nossa forma de ser e expressar, de forma ativista, já buscamos praticar uma cultura regenerativa. E almejamos que os conceitos e trabalhos desenvolvidos, cheguem em todos, e não apenas em discussões teóricas, por isso surgiu o termo RegenerARTivista. Cujos objetivos são, através da arte, aproximarmos o conceito e a proposta de uma cultura regenerativista em todos, de forma inclusiva, acessível e decolonial, valorizando o contexto, história e cultura de cada um.

## 5 PROPOSTA DE UM DESIGN ESTRATÉGICO REGENERATIVO

Assim, diante da pesquisa realizada e vivências apresentadas, este trabalho propõe que o Design Estratégico aprofunde suas lentes para uma cultura regenerativa, aqui apresentado como Design Estratégico Regenerativo. O DER se propõe a ser mais um passo do Design Estratégico em direção a um design que visa uma abordagem que cuida não só das necessidades humanas, mas de todo o ecossistema. Além de incluir a espiritualidade dentro da abordagem do pensamento sistêmico, destacar a importância da subjetividade do designer no processo, e valorizar o sentir, a intuição e os vínculos e conexões estabelecidos para melhor sentipensar o processo. O DER é um design que explicitamente fomenta uma cultura regenerativa, onde a vida (de todo o ecossistema) está no centro das tomadas de decisão e ação.

O DER propõe um design que vá além da sustentabilidade com o intuito de promover a regeneração. Uma regeneração que inclui a nossa relação conosco, com nossa comunidade e com nosso planeta. Uma regeneração ecossistêmica que parte da reconexão dos seres humanos com a vida, o bem-estar, e a natureza. Um design que destaca a importância do sentir, observar e intuir, na qual as perguntas ao longo do processo guiem a jornada projetual, e alguns princípios sejam a bússola orientadora para um design estratégico regenerativo.

Nesta linha, esse trabalho avança um design estratégico regenerativo orientado pelas três dimensões apresentadas anteriormente: o pensamento sistêmico e complexo, o bem viver, e o ecofeminismo. A partir dessas três dimensões, e de acordo com suas características, são apresentados doze princípios com o intuito de orientar o processo projetual regenerativo. Tais princípios foram destacados a partir da revisão bibliográfica relacionada a cada um dos temas a qual corresponde (Quadro 3).

Quadro 3 - Princípios regenerativos

Dimensões	Pensamento sistêmico e complexo	Bem Viver	Ecofeminismo
Princípios	- relacional - contextual - adaptativo - dinâmico	- colaborativo - solidário - decolonial - partilha justa	- equitativo - diverso - inclusivo - não violento

Fonte: Elaborado pela autora

Para cada dimensão, esta autora destacou quatro princípios que percebeu como fundamentais para orientar uma jornada projetual regenerativa. Mais adiante será apresentada uma proposta de oito movimentos, cujo objetivo é guiar os passos desta jornada projetual para um DER. Esses movimentos têm como bússola esses princípios orientadores.

**Pensamento sistêmico e complexo, implica ser:**

- *Relacional* – todos os atores/partes de um sistema estão relacionados e são interdependentes, logo não é possível separá-los e tratá-los de forma separada. Mexer em uma parte significa afetar de alguma forma o todo;
- *Contextual* – olha para o contexto em que o sistema está inserido, e observa os recursos disponíveis, as características e as habilidades que o compõe. Quando o contexto muda, os atores/elementos desse sistema mudam;
- *Adaptativo* – um sistema quando alterado, se adapta e se reorganiza para alcançar um equilíbrio. Essa auto-organização é o que o permite ser resiliente às mudanças;
- *Dinâmico* – uma mudança em um lugar cria mudança em outro lugar, ou seja, um sistema vivo nunca é estático, está sempre em movimento.

**Bem Viver, implica ser:**

- *Colaborativo* – incentiva o trabalho de forma coletiva na qual todas as pessoas de um grupo atuam em conjunto a fim de atingir um objetivo comum;
- *Solidário* – cuida do outro através da empatia, e oferece apoio ou ajuda para quem está em algum tipo de desvantagem ou dificuldade;
- *Decolonial* – valoriza os saberes e recursos locais, e questiona a lógica e cultura reducionista, patriarcal e capitalista;
- *Partilha justa* – defende o não acúmulo de bens e riquezas, mas o compartilhar dos excedentes de forma igual para todos.

**Ecofeminismo, implica ser:**

- *Equitativo* – preza não apenas pela equidade de gênero, mas reconhece que todos os seres que habitam esse planeta têm sua importância. Na natureza não existe uma hierarquia estabelecida, e nós como parte da natureza devemos agir assim, respeitando todos os diferentes atores/elementos e seus papéis;
- *Diverso* – uma maior diversidade de gênero, etnia, cultura, histórias, habilidades e contexto social, torna mais criativo e resiliente um projeto/sistema;
- *Inclusivo* – permite que todas as vozes sejam ouvidas e todos os saberes sejam respeitados, isso faz parte de um ambiente acolhedor e mais participativo;
- *Não violento* – vai contra a subjugação, exploração e destruição dos e sobre corpos, saberes, culturas, natureza.

Além desses princípios orientadores, como forma de reflexão ao longo do processo de um DER, recomenda-se que os designers adotem como ferramenta o alfabeto crítico desenvolvido por Lesley Ann-Noel<sup>10</sup> (2021), cujo objetivo é

---

<sup>10</sup> Alfabeto Crítico do Designer (ANN NOEL, 2021) - <https://criticalalphabet.com/>

estimular um design que adote lentes emancipatórias, críticas e anti-hegemônicas, cujo foco seja a equidade e justiça social. Além de trinta perguntas norteadoras (anexo I) destacadas do livro de Daniel Wahl 'Design para uma cultura regenerativa' (2020). As perguntas foram escolhidas por esta autora a partir de uma aproximação com os temas apresentados neste trabalho, e buscam provocar reflexões que muitas vezes são esquecidas em uma jornada projetual.

Ademais, além das referências teóricas apresentadas, os movimentos para um DER proposto por esta pesquisa tem também como inspiração outras metodologias de design que atuam por uma cultura regenerativa, como Dragon Dreaming<sup>11</sup> (CROFT, 2009) e o Design de Permacultura<sup>12</sup> (MOLLISON, 1990). Além da minha experiência no campo, com projetos desenvolvidos em comunidades socialmente vulneráveis

Todavia, é importante ressaltar também a influência das diversas pessoas que conheci ao longo da minha trajetória de vida, que foram somando experiências, inspirações, aprendizados, e trocas que foram essenciais para chegar ao conhecimento que tenho hoje e na proposta aqui apresentada. Esse foi um dos motivos de destacar o conceito do 'co-design sentipensante', pois o projeto também foi construído a partir de vivências e sentires, do afetar e ser afetado por diversas relações ao longo da jornada.

Um projeto regenerativo só pode ser feito de forma colaborativa, na qual ao longo do processo o designer é afetado e regenerado a todo tempo

### **Movimentos sugeridos para um Design Estratégico Regenerativo**

A opção pelo termo "movimento", em contraposição a "metodologia", reflete a intenção de criar uma bússola orientadora para esta jornada projetual regenerativa. Enquanto "metodologia" pode sugerir uma abordagem rígida e

---

<sup>11</sup> O Dragon Dreaming é uma metodologia de design colaborativo baseado nos sistemas vivos, na ecologia profunda e saberes dos povos originários da Austrália (CROFT, 2009).

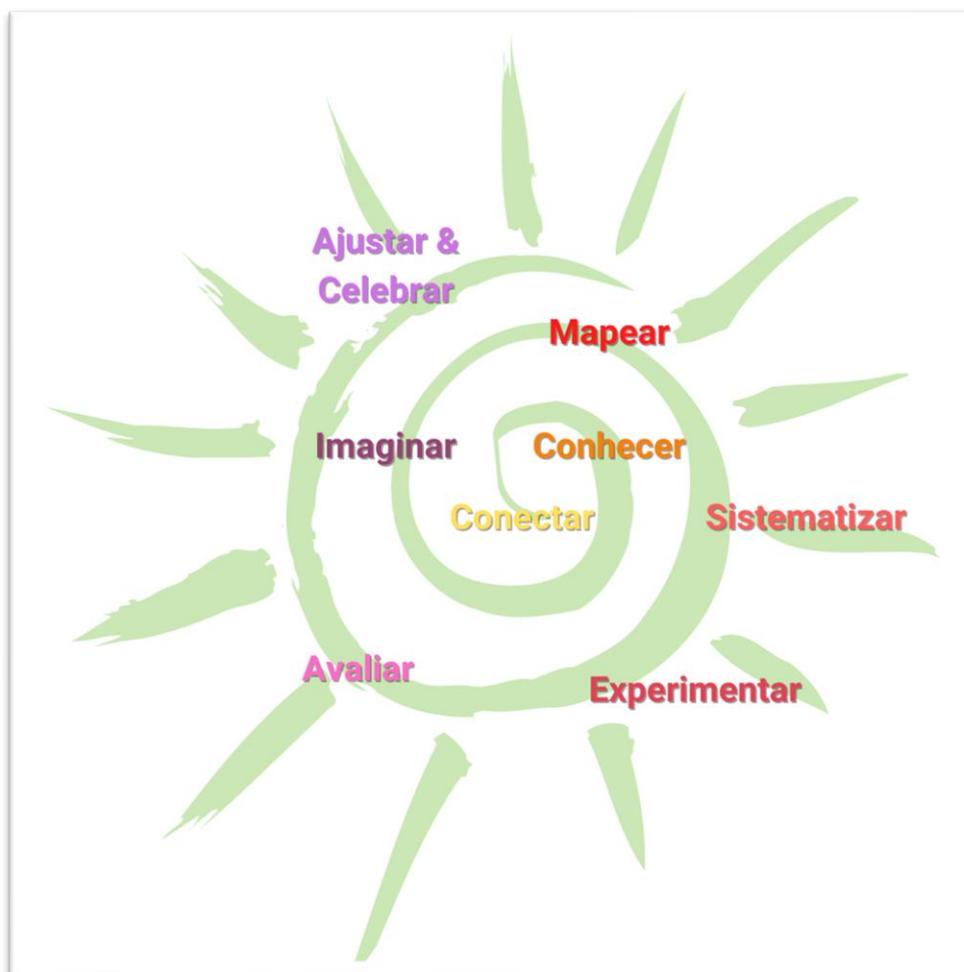
<sup>12</sup> Design de Permacultura é uma metodologia que visa promover uma cultura permanente e sustentável através do uso de tecnologias que minimizem o impacto ambiental (MOLLISON, 1990).

estruturada, "movimento" evoca a ideia de dinamismo, evolução e progressão contínua. Assim, ao escolher "movimento", destacamos a natureza fluída e flexível desta abordagem, que visa a estimular uma jornada projetual mais orgânica e adaptativa, capaz de se ajustar conforme as necessidades e descobertas que surgirem ao longo do caminho (GARCIA, FREIRE & FRANZATO, 2023).

Como aponta Ibarra, adotar uma metodologia significa converter o processo de design em uma série de processo pré-determinados (IBARRA,2021), que é contrária à proposta do DER aqui proposto. Ao sentipensar a jornada projetual, o sentir ocorre ao longo do fluxo do processo e a partir daí adota as ferramentas que forem fazendo sentido para aquele projeto (IBARRA, 2021).

Para adotar uma jornada regenerativa, este trabalho propõe oito movimentos (Figura 36), que tem como base fundadora o design estratégico. Esses movimentos não seguem uma lógica linear, sendo que podem apresentar momentos de idas e vindas ao longo do processo projetual.

Figura 37 – Movimentos propostos para um DER



Fonte: Elaborado pela autora

### 1. Conectar:

O primeiro movimento do DER proposto é a conexão e criação de vínculos, pois como relataram Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019) sobre suas pesquisas de co-design em comunidade, a conexão é parte essencial do processo, fato que pude vivenciar em minha experiência na Vila Planetária no co-design da Misturaí. Como defendem as autoras, criar vínculos e afetos permite que o processo aconteça de forma mais participativa, inclusiva e sustentável para todos os envolvidos no projeto (AKAMA, HAGEN E WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Aqui, ressalta-se a importância da criação de vínculos em um processo de co-design, que devem acontecer principalmente através da empatia.

Segundo Akama, Hagen e Whaanga-Schollum (2019), a partir de laços de conexão é possível se aproximar dos diversos mundos dos participantes envolvidos, e criar um espaço acolhedor e seguro para que todos participem de forma equânime do projeto. Além de promover maior engajamento e participação, ao se criar vínculos e relações dentro de um projeto, as pessoas aumentam seu senso de pertencimento o que é importante para sua sustentabilidade (AKAMA, HAGEN e WHAANGA-SCHOLLUM, 2019).

Em minha experiência na Vila Planetário para começar a OSC Misturaí, esse movimento foi fundamental para seguir com os próximos passos. Foi a partir da criação de vínculo, a conexão e os laços estabelecidos que pude me aproximar mais da realidade das pessoas que vivem ali e entender melhor suas realidades, sonhos e desejos. Consegui exercitar o tirar as minhas lentes do que acreditava ser bom para eles, para entender que precisava incentivar que eles, através de suas próprias lentes, fizessem suas escolhas, e percebessem suas reais necessidades.

Além de um processo de conexão, foi um processo de descolonizar meu olhar e me permitir abrir para o processo de forma integral. Para isso, cada dia era um dia diferente, e por não ser algo habitual ao que aprendemos dentro da academia, foi uma jornada difícil, com muitas frustrações e muitos aprendizados. Todavia, no médio e longo prazo percebi que os laços criados e o mergulho em seus mundos, foram necessários para ganhar confiança e envolvê-las de formas mais inteira e participativa no design da Misturaí. Foi preciso abrir mão do mental, que defendia um conhecimento já pré-estabelecido de “como fazer”, para a partir das experiências corporais e emocionais vivenciadas eu mudasse minha forma de projetar junto com eles, me permitir sentipensar a jornada de forma profunda.

Importante destacar que além da conexão com as pessoas e a comunidade, a conexão comigo mesmo foi vital, pois foi necessário reconhecer minha subjetividade no processo e como ela afetava o projeto. Por isso, a relevância do DER promover o olhar para nós mesmos, para nossa comunidade e para o ambiente em que estamos inseridos, nosso

reconhecimento que somos interseres, na qual afetamos o meio e o meio nos afeta, pois está tudo conectado.

A experiência com a Misturaí deixou claro para mim, a importância do designer se conectar com o projeto, principalmente em projetos em comunidades, que vai permitir que o grupo se conecte entre si, e todos participem de forma mais ativa e colaborativa. Todos passam a ser designers em busca das soluções em comum de acordo com seus objetivos (MANZINI, 2017).

Logo, para esse primeiro movimento do DER, que tem como objetivo a criação de vínculos e laços de confiança, ou seja, a conexão, sugere-se adotar a Roda de Posicionalidade de Ann-Noel (2020) e algumas perguntas orientadoras que podem auxiliar neste momento:

I. Perguntas:

- a. *Nível pessoal* – O que me conecta a esse projeto? Como me sinto em relação a ele? O que é necessário para eu me envolver 100% no projeto? O que esse projeto precisa ter para que me realize pessoalmente?
- b. *Nível coletivo* – Qual o perfil das pessoas envolvidas? Quais as lacunas de perfis identificamos nesse grupo? Como podemos resolver isso? Como tornar esse projeto o mais diverso e inclusivo possível?
- c. *Nível projeto* – Qual impacto esse projeto pode promover na organização/comunidade? Como esse projeto pode criar um senso de coletividade? Como esse projeto pode promover uma maior conexão entre as pessoas com a natureza?

**2. Conhecer:**

Esse movimento envolve a fase das pesquisas para, a partir do que se quer alcançar com o projeto, sua necessidade e demandas, conhecer mais sobre as condições que o envolvem, definir seus micros e macros objetivos, fazer as pesquisas quantitativas e qualitativas necessárias que permitam conhecer mais sobre o projeto. Esse movimento fica mais fácil após os vínculos criados e relações estabelecidas quando se trata de pesquisas com pessoas.

Na experiência na Vila Planetário, pude observar que quando não há uma relação estabelecida entre o pesquisador e as pessoas, não há uma conexão, as pessoas dão respostas mais “protocolares”, ou seja, que julgam ser a “melhor resposta” e não a mais honesta. Pude perceber isso ao acompanhar algumas entrevistas feitas com pessoas da comunidade, na qual eles davam uma resposta para o entrevistador e depois quando eu questionava aquela resposta, me diziam a “verdadeira resposta”. E quando perguntava por que não responderam isso para a pessoa, me diziam que “tinha vergonha” ou “não se sentia à vontade”.

Posto isso, percebi que muitas pesquisas qualitativas podem acabar enviesadas quando as pessoas respondem o que acham que é a melhor resposta, ou a resposta mais correta. Na convivência e na imersão do processo é possível elaborar melhor as perguntas e adaptá-las para a linguagem e o entendimento das pessoas entrevistadas. Além de conseguir as respostas de formas mais informais, em rodas de conversa um pouco mais direcionada, mas feita de forma menos rígida, como pressupõe uma entrevista.

Outra vantagem deste movimento suceder o anterior, é uma melhor conexão e conhecimento com o ambiente. A vivência nos territórios, comunidades e ambientes já fornecem informações muito ricas, logo estar atenta e observar as dinâmicas e relações estabelecidas já são uma ótima fonte de conhecimento. Para isso, algumas perguntas que podem orientar esse processo são:

- II. Quais objetivos queremos atingir? Qual o objetivo principal?
- III. Quais dados e informações são necessários para eu conhecer a realidade e o contexto deste projeto?

### **3. Imaginar:**

Exercício de projetar cenários futuros, considerando cenários prováveis, plausíveis, preferíveis, possíveis, mas também impossíveis. Aqui é onde o design orienta as ações projetuais em direção a inovação e regeneração. Permitindo que a criatividade estimule imaginar soluções e propostas não

pensadas. Este movimento trabalha mais com a criatividade, para isso sugere-se promover dinâmicas e atividades mais lúdicas no processo.

A projeção de cenários futuros é uma das ferramentas fundamentais do Design Estratégico, que a partir do que se conhece, é possível construir cenários projetuais desejáveis (ZURLO, 1999). Projetar uma visão de futuro comum permite estimular um diálogo estratégico entre diferentes atores, fomentando visões coletivas que podem orientar a jornada projetual para futuros desejáveis (FRANZATO et. al, 2015). Segundo Manzini e Jegou (FREIRE, 2015), a construção de cenários futuros, a partir de uma visão compartilhada que seja comum a todos os envolvidos em um projeto, apoia uma tomada de decisão mais estratégica para lidar com contextos complexos e desafiadores.

Assim, Freire (em FRANZATO et al, 2015) defende que um cenário orientado pelo Design parte de um encontro plural e diverso, mas que buscam uma visão comum. Uma visão que vai motivar, articular as pessoas em direção a um cenário futuro que contemple a todos, ou seja, que vai catalisar a energia de um grupo de pessoas diversas ao longo da jornada projetual para um mesmo lugar. WAHL (2020), em sua proposta de Design Regenerativo, destaca a importância das perguntas, e argumenta que é preciso viver as perguntas tanto individualmente como coletivamente para cocriar uma nova história. As perguntas podem ser as estratégias orientadoras para a criação deste cenário futuro desejável.

- IV. Que futuros queremos co-criar para nossa comunidade/organização?
- V. Como seriam os futuros possíveis a partir do projeto desenvolvido?
- VI. Quais seriam seus impactos nas futuras gerações e no ecossistema em que está inserido?

#### **4. Mapear:**

No ano de 2016, fiz um curso de permacultura, Permaculture Design Course (PDC) com o Instituto Ná Lu'um, que me fez me conectar ainda mais com o tema da sustentabilidade, e que inspira o movimento de mapeamento de recursos.

A permacultura, que é um sistema integrado de design que tem como objetivo criar assentamentos humanos sustentáveis, defende o uso dos recursos locais para a realização dos projetos. Sendo tanto recursos materiais, como humanos e naturais. É um sistema que preza pela máxima eficiência ecológica, que incentiva trabalhar com o que já está disponível para minimizar as externalidades negativas causadas por recursos “de fora” daquele ecossistema (MOLLISON, 1990). Seguindo os preceitos da permacultura, o projeto deve priorizar os recursos materiais e não materiais locais, utilizando a criatividade para observar e reconhecer o que está disponível.

Este conceito está diretamente relacionado a proposta de um design regenerativo. Mollison (1990) em seu livro ‘Permaculture: a Designers Manual’ destaca três éticas fundamentais da permacultura: cuidar da Terra, cuidar das pessoas e partilha dos excedentes. Esses pilares se conectam com as dimensões do design regenerativo, bem viver e ecofeminismo proposta nesta pesquisa. Além disso, dentre alguns princípios destacado pelo autor estão: observar e interagir, capturar e armazenar energia, usar e valorizar recursos renováveis e disponíveis, produzir resíduos mínimos e integrar em vez de segregar (MOLLISON, 1990). O autor ainda destaca a importância de observar para compreender as relações e padrões da natureza para criar sistemas eficientes, resilientes e sustentáveis. Para isso, o design de permacultura nos ensina a observar o contexto e as características dos sistemas em que estamos inseridos a fim de projetar de forma mais eficiente (MOLLISON, 1990).

Diante disso, no movimento de mapear os recursos de um projeto, a permacultura oferece uma base sólida para o mapeamento de recursos materiais e não materiais no desenvolvimento de projetos sociais. Ao aplicar os princípios permaculturais, é possível criar sistemas integrados que valorizam e utilizam de forma eficiente os recursos disponíveis, sejam eles tangíveis ou intangíveis.

Dentre os recursos intangíveis, estão o conhecimento local, as habilidades comunitárias, redes de apoio social e o capital social. Recursos que desempenham um papel vital no desenvolvimento de projetos sociais bem-sucedidos, fornecendo uma base sólida de sustentabilidade, resiliência e engajamento da comunidade.

- VII. Dos recursos que precisamos para viabilizar o projeto, consigo obtê-los dentro do ecossistema em que ele está inserido?
- VIII. Quais os recursos tangíveis presentes?
- IX. Quais os recursos intangíveis presentes?
- X. Como otimizar os recursos que já existem?
- XI. Quais as habilidades e competências das pessoas envolvidas que podem agregar ao projeto?

### **5. Sistematizar:**

Este é o momento de interpretar tudo que foi posto até o momento e sistematizar as informações a fim de preparar para experimentar a aplicabilidade do projeto. Neste movimento, é importante resgatar e observar os princípios regenerativos, para verificar se eles estão sendo seguidos.

Com todas as informações sistematizadas, o movimento proposto é aplicar as lentes do DER. Para isso verificar se os princípios regenerativos estão presentes e refletir sobre as perguntas que não foram feitas, inclusive sobre o que foi sentindo ao longo do processo pelos envolvidos. Neste momento, as ferramentas como o Alfabeto Crítico do Designer (ANN NOEL, 2021) e as perguntas norteadoras regenerativas propostas por Wahl – anexo I - (WAHL, 2020), podem ser de grande valia para (re)orientar a jornada projetual regenerativa.

- XII. As informações que levantamos é suficiente para experimentar um primeiro protótipo de projeto?
- XIII. Estamos adotando os princípios regenerativos?
- XIV. Estamos fazendo as perguntas necessárias para promover uma cultura regenerativa?
- XV. Como está o projeto pela análise do Alfabeto Crítico?

## **6. Experimentar:**

O movimento de experimentar o protótipo faz parte da cultura de design, é neste momento que o projeto sai do âmbito teórico para ser vivenciado na prática. Não é necessário que o projeto esteja pronto neste momento, mas é importante que forneça elementos suficientes que possam ser aplicados para verificar sua eficácia.

Experimentar o projeto vai trazer para o corpo o que estava sendo planejado no campo mental. Ali será possível avaliar o que está caminhando bem e o que precisa ser revisto. Um projeto de design está sempre sujeito a melhorias contínuas, pois pode sempre propor soluções melhores. Em alguns casos, ao experimentar, o designer pode perceber que o projeto não faz sentido, ou não está promovendo nenhuma mudança positiva em relação ao objetivo a ser alcançado. Por isso é importante que esse movimento esteja presente ao longo da jornada em diferentes fases, para que a experimentação aponte os feedbacks necessários a fim de ajustar a jornada projetual em direção ao cenário desejado.

Importante que os designers não executem esse movimento com a expectativa de finalizar o projeto, mas perceber que o movimento permitirá os ajustes necessários para mergulhar mais fundo nas demandas, e nas necessidades das pessoas, comunidades e organizações. É um movimento que aproxima a ideia de sua aplicabilidade. Aqui algumas perguntas que podem ser feitas são:

- XVI. Como a organização/comunidade está respondendo a este projeto?
- XVII. As pessoas estão se sentindo contempladas, vistas, ouvidas, representadas?
- XVIII. O que funcionou bem e o que não funcionou?

## **7. Avaliar:**

Após trabalhar no protótipo e experimentar sua aplicabilidade, é importante avaliar o processo. Neste momento de avaliação, é proposto que diante da prática, reveja o projeto mais uma vez mediante as lentes críticas e

reflexivas baseadas nos princípios regenerativos. Além de retornar para as lentes do Alfabeto Crítico do Designer (Ann-Noel,2021), e as perguntas norteadoras propostas por Daniel Wahl (2020) para verificar se tais características foram percebidas na prática.

Nesta análise, os designers têm a oportunidade de avaliar se houve alguma lacuna que não foi identificada ao longo da jornada projetual, e se é necessário voltar para algum movimento a fim de melhorar o processo.

Todavia, por ter uma proposta de fomentar uma cultura regenerativa, na qual além do objetivo a ser alcançado, as pessoas envolvidas também importam, inclusive os designers, além das perguntas de avaliação do projeto, é importante fazer as perguntas a nível pessoal e coletivo também. Lembrando que a proposta deste DER é estar sempre olhando para o sujeito e sua relação com o todo, abraçando sempre as dimensões individuais, coletivas e planetárias. Assim, algumas das perguntas propostas são:

- XIX. Como estou me sentindo em relação ao projeto? Quais meus aprendizados? (nível pessoal)
- XX.
- XXI. Como estou em relação à equipe? Tem algo que gostaria de dizer que não foi dito? (nível coletivo) O que ainda falta neste projeto?
- XXII. O que pode ser melhorado?
- XXIII. Que resultados alcançamos?
- XXIV. Estamos adotando os princípios regenerativos?
- XXV. Quão perto ou distante estamos do cenário futuro desejado?

## **8. Ajustar e Celebrar**

Dentro da metodologia Dragon Dreaming (DD), metodologia desenvolvida por John Croft (2009) com base nos saberes dos aborígenes da Austrália, duas fases de um projeto são fundamentais para seu sucesso e sustentabilidade. A fase do 'sonhar', que neste trabalho foi substituída pelo movimento 'imaginar' e a fase do 'celebrar', que deve ser fractal e estar presente em todas as etapas.

Celebrar um projeto indica o movimento de parar e olhar para o projeto e para as pessoas que estão envolvidas nele, e comemorar como está sendo o processo. É aplicar um olhar mais sistêmico ao processo, não apenas de forma técnica, mas também de forma emocional. Percorrer a jornada observando os grandes marcos, comemorar esses momentos e refletir sobre os aprendizados.

Na celebração de um projeto além de comemorar (ou não) os objetivos alcançados, é importante ter um momento do grupo envolvido no processo para compartilhar e destacar os aprendizados individuais e coletivos. Dentro da metodologia DD e da proposta de um design regenerativo, tão importante quanto alcançar o resultado é cuidar do processo e das pessoas que estão envolvidas neles.

Para Croft (2009), essa atitude está relacionada aos três pilares da metodologia DD: crescimento pessoal, construção de comunidade e serviço à Terra. O DD é uma metodologia de design colaborativo que preza pela cultura ganha-ganha-ganha, e tem como fundamento o amor como ação por meio da consciência de que somos parte de algo maior, e devemos atuar em coletivo (CROFT, 2009). É uma metodologia de design regenerativo e que tem a permacultura, o pensamento sistêmico e complexo e a cultura aborígine como fundamentação teórica.

Tive o primeiro contato com a metodologia DD em 2015, no curso introdutório de elaboração de projetos que fiz com John Croft. O curso me aproximou ainda mais dos conceitos de regeneração para a sustentabilidade e a cultura de partilha justa, em uma proposta ganha-ganha-ganha (indivíduo-comunidade-planeta). A metodologia é composta de 4 fases: Sonho, Planejamento, Ação e Celebração e além das ferramentas para desenhar projetos, traz elementos da comunicação não-violenta, sociocracia e ecologia profunda, além das citadas anteriormente. Após o contato com a metodologia, o DD passou a fazer parte da minha forma de design. Por esse motivo tem influência neste processo e contribui para a proposta de um DER.

Os movimentos propostos neste capítulo visam orientar uma jornada projetual que promova um DER, cujo princípios regenerativos estejam sempre no cerne do processo. Os oito movimentos são resultados não só de referências

bibliográficas e metodologias de design, como o estratégico, permacultura e Dragon Dreaming; mas também das vivências e pesquisas de campo que embasaram este trabalho.

Vivências e pesquisas de campo que envolveram: (i) uma vivência profunda em uma comunidade vulnerável para cocriar uma Organização da Sociedade Civil com fins de impacto social, (ii) a observação participante de uma imersão com o intuito de provocar uma proposta de um design estratégico regenerativo com um grupo de pessoas que vêm estudando o tema, e (iii) a experimentação dos movimentos propostos por uma turma de estudantes de design para projetar uma praça feminista e regenerativa. Esta última será apresentada na próxima seção, com a intenção de mostrar a aplicabilidade da metodologia e dos movimentos sugeridos para um DER.

### **5.1 Experimentação do DER pela turma do BIHAT**

A experimentação do DER pela turma do BIHAT aconteceu de forma online em sua maioria com alguns encontros presenciais. Como apresentado anteriormente, nesta atividade acadêmica, a professora Karine Freire vinha promovendo uma proposta pedagógica sentipensante, na qual focava menos nas técnicas e ferramentas de design, e apresentava estímulos e projetos que estimulassem o sentir e as emoções nos alunos. No artigo '*Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes*', apresentado no Congresso internacional *Pivot Conference Proceedings 2021*, Freire discorre sobre levar “o conceito de sentipensante para o agir projetual, e com isso a corporeidade, os afetos, a conexão consigo mesmo e com a comunidade para os processos colaborativos” (FREIRE & GAUDIO, 2021, p. 269).

Freire, junto com outras designers, como Ann-Noel, Ibarra, Akama, Hagen e Whaanga-Schollum, ao evidenciar o sentir, a conexão, e questionar os modelos tradicionais e de raízes eurocêntricas dos métodos de design, formam um grupo que vem experimentando outros percursos dentro da jornada de design.

Assim, com a proposta de Freire de experimentar uma nova forma de “dar aula”, na qual promove mais o sentir sobre os estímulos do que o conteúdo

teórico sobre a metodologia de design, percebi que essa turma do BIHAT seria um terreno fértil para experimentar a aplicação dos movimentos de um DER proposto nesta pesquisa. A proposta pedagógica da disciplina foi formada por duas etapas (Figura 38), sendo a primeira etapa um objetivo de estimular o sentir e intuir.

Para isso, foram apresentados documentários, podcasts, e palestras de designers que atuam nas mais diversas áreas. Diante desses estímulos, os alunos foram convidados a observar, refletir e sentir como aqueles processos de design reverberavam neles. Além do convite sempre presente para que observassem e reconhecessem suas subjetividades dentro de suas análises e sentires. E a segunda etapa do curso foi a fase projetual, na qual eles precisavam apresentar um projeto como parte de uma atividade de curricularização da extensão.

Figura 38 – Apresentação da proposta da atividade acadêmica Cultura de Projeto do BIHAT

**Cultura de Projeto - BIHAT**

A proposta da disciplina é pensar projetos a partir do sentipensar, ou seja, antes de ir para o projeto em si, nos entendermos como o sujeito/designer, o contexto que fazemos parte, e aquilo que nos afeta.  
 Juntar **EMOÇÃO** + **RAZÃO** para projetar projetos que fazem sentido para nós, para a comunidade que estamos inseridos, para o mundo que vivemos.  
 Por isso a disciplina está dividida em duas fases processuais, sendo que o sentipensar precisa estar presente todo tempo.

**SENTIR | INTUIR**

Como eu me afeto pelo processo criativo deste artista/designer?

- *O que eu observo?*
- *O que eu sinto?*
- *O que eu penso?*
- *Que curiosidade eu tenho?*

Documentário Amar.Elo  
 Podcast Amar.EloPrisma movimentos 1,2, 3, 4

**AULA 2 ATÉ AULA 9**

**REFLETIR | AGIR**

O que entendo como projeto a partir de todas as referências apresentadas?  
 Qual processo de projeto faz sentido para mim?  
 Construa seu próprio processo.

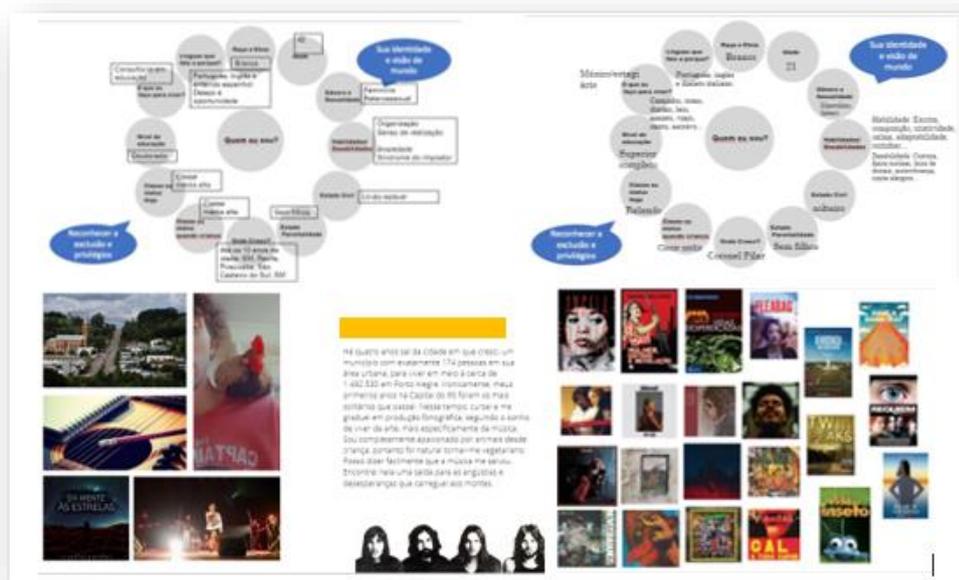
**AULA 10 ATÉ AULA 19**

Fonte: Elaborado pela autora para a atividade acadêmica

Ao longo do curso, os alunos foram instruídos a documentar todo o processo em um diário de bordo, que foi um dos documentos de avaliação da atividade acadêmica. Na 1ª aula, a professora pediu que cada estudante

montasse uma breve apresentação sua, destacando livros, séries, filmes e histórias que os representassem. Depois das apresentações, foi apresentada a Roda da Posicionalidade de Ann-Noel (ANN-NOEL, 2020), na qual eles foram convidados a preencherem com suas características pessoais (Figura 39).

Figura 39 – Algumas apresentações dos alunos e suas rodas de posicionalidade



Fonte: Material dos alunos

Ali, os alunos começaram a perceber as lentes que carregam para enxergar e interagir no mundo decorrente de suas subjetividades, inclusive em um processo de design.

Ao longo da 1ª etapa da atividade acadêmica foi apresentado o documentário AmarElo, do Emicida e seus 4 episódios do podcast AmarElo Prisma, e todos as reflexões, sentimentos e conexões que percebiam que influenciava seus papéis como designers deveriam ser anotados em seus diários de bordo. Essa etapa da atividade acadêmica correspondia a etapa da formação do designer sentipensante.

Na fase projetual, segunda etapa da atividade acadêmica, os alunos tiveram que apresentar um projeto como parte da avaliação. O projeto que eles

deveriam apresentar era a proposta de **uma praça regenerativa e feminista** para a escola EMEF Saint Hillaire, localizada na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Para isso a turma foi dividida em grupos de trabalho, e dois grupos adotaram o DER para elaborar o projeto.

O 'Laboratório Vivo', projeto extensionista conduzido pelo grupo de pesquisa do *Seeding lab*, era formado por um grupo de sete crianças, entre oito e quinze anos. O projeto que o grupo de pesquisa *Seeding Lab* estava desenvolvendo na escola era a cocriação de uma cidade-escola que fosse boa para as meninas e para as mulheres.

A cidade-escola tinha como proposta política-pedagógica a promoção da cidadania através da proposição de atividades educacionais que abordassem questões relacionadas à vida em sociedade no contexto da cidade, conceitos que estão alinhados à proposta de uma cultura regenerativa. E foi para essa cidade-escola que os alunos do BIHAT deveriam projetar uma praça regenerativa feminista.

Assim, na 1ª aula desta 2ª etapa da atividade acadêmica apresentei para a turma a proposta do DER e convidei a turma para aplicar os movimentos propostos para projetar a praça (Figura 40). Na apresentação, foi exposto para eles que a proposta do DER e os movimentos sugeridos era fruto da minha pesquisa de mestrado, e que os grupos que adotassem essa proposta estariam participando da pesquisa deste trabalho. Além da minha proposta, a turma também poderia escolher a proposta da outra estagiária, Giulia Locatelli, que, também, em decorrência de sua pesquisa de mestrado apresentou a metodologia de um Design Estratégico Feminista.

Figura 40 – Algumas lâminas da apresentação da proposta do DER para a turma



Fonte: Autora

Após a apresentação das metodologias, dois grupos escolheram projetar a praça utilizando o DER e seguir seus movimentos propostos. Os alunos tiveram sete aulas para trabalhar nos projetos, sendo a oitava a apresentação dos grupos para os alunos do Saint Hillaire.

Para iniciar o projeto, no dia 28/10, a turma foi até a EMEF Saint Hillaire para conhecer a escola e a turma das crianças para quem apresentariam suas propostas. A ida à escola teve o intuito de além de conhecer o espaço, criar conexão entre a turma do BIHAT e as crianças, e escutá-las sobre o que elas gostariam de ter nesta praça regenerativa feminista. Depois dessa ida à escola, eles tiveram mais um encontro na Feira do Livro onde as crianças estavam lançando um livro, ali tiveram mais uma oportunidade de conexão e trocas (Figura 41).

Figura 41 – Visita dos alunos à EMEF Saint Hillaire e na feira do livro



Fonte: Registros feitos por Karine Freire

Após as visitas, os grupos começaram a trabalhar em seus projetos. Para isso eles utilizavam o tempo da aula e contava com a nossa assessoria para eventuais dúvidas. Na assessoria aos grupos que estavam trabalhando com o DER eu evitava interferir muito no processo, me colocando disponível mais para responder as dúvidas. Nesses momentos, quando achava que cabia, lembrava eles sobre os movimentos, ferramentas propostas e os princípios que embasavam a metodologia. Para a assessoria geralmente dedicávamos 10 minutos para cada grupo, e o resto do tempo eles trabalhavam sozinhos.

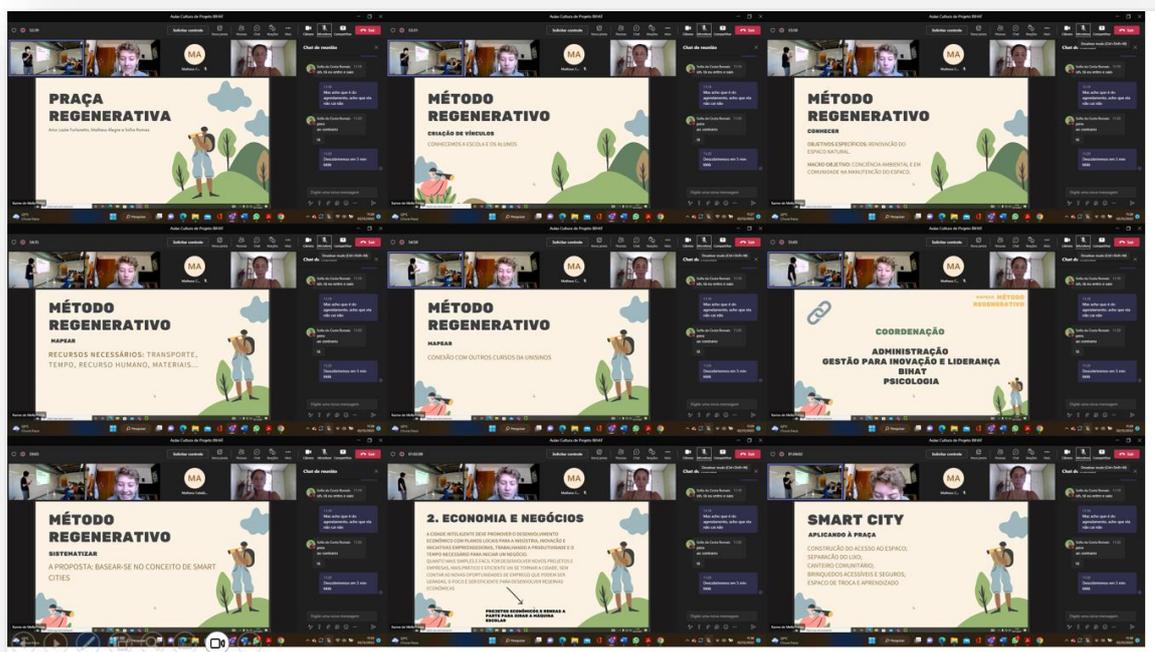
A oitava aula foi a apresentação dos projetos, que aconteceu de forma presencial na UNISINOS, com a presença das crianças da EMEF Saint Hillaire e a professora Maria Gabriela, que avaliaram os projetos dos alunos do BIHAT. As apresentações foram transmitidas via Teams para que eu e outros alunos que não estavam presentes pudessem acompanhar. Os projetos apresentados foram: espaço musical, utilizando resíduos para a confecção dos instrumentos, e uma proposta “smart city” para a praça (Figura 42 e 43).

Figura 42 – Apresentação do 1º grupo que aplicou o DER para elaborar seu projeto



Fonte: Arquivos da autora

Figura 43 – Apresentação do 2º grupo que aplicou o DER para elaborar projeto



Fonte: Arquivos da autora

### 5.1.1 Aprendizados e reflexões do processo

Para apresentar a proposta do DER para a turma, fiz uma exposição do conteúdo em formato de aula em um período de duas horas e trinta. Neste período apresentei o conceito da minha pesquisa, a proposta de um DER e os movimentos propostos para guiar a jornada projetual. No entanto, considerando que o conceito de regeneração ainda é relativamente novo e frequentemente confundido com sustentabilidade. Ademais, o fato de a proposta de um design para uma cultura regenerativa envolver uma dimensão pessoal, surge a dúvida se essa exposição de duas horas e trinta foi suficiente para sensibilizar adequadamente a turma sobre o tema.

Embora a turma, ao longo do curso, tenha demonstrado um grande interesse pelo tema da sustentabilidade, incluindo a presença de ativistas veganos, nas discussões ao longo do semestre notei que as preocupações com as dimensões ecológicas predominaram sobre as sociais. Sendo que a proposta desta pesquisa destaca mais o âmbito pessoal e relações comunitárias, tendo a dimensão ecológica com base e transversal. Logo, não sei se consegui sensibilizar a turma sobre a necessidade da promoção de um design regenerativo para uma mudança cultural. Revendo a forma que foi feita, pelo pouco tempo de exposição da aula, talvez eu não deveria ter focado tanto na teoria, ou seja, na fundamentação teórica da minha dissertação, e buscado uma maior sensibilização, reflexão e provocação para daí apresentar os movimentos do DER como uma proposta de design de questionar as questões sociais e ecológicas vigentes e propor novas formas de projetar com um intuito de fomentar um pensamento e cultura regenerativa.

Até porque não tenho certeza se o conteúdo que passei, no tempo e na forma, teve alguma relevância em seus processos de projetar a praça regenerativa feminista, que era o objetivo do trabalho. Todavia, é importante ressaltar que, no final de suas jornadas projetuais, ambos os grupos demonstraram, de forma geral, a intenção em utilizar os movimentos apresentados e utilizaram-nos como guia para o desenvolvimento de seus

projetos. Ao fazer uma análise geral dos trabalhos apresentados, destaco alguns aspectos:

- **Conexão:** Primeiramente, foi consenso entre os participantes a importância de terem visitado a escola não apenas para conhecer o espaço onde seria desenvolvido o projeto da praça, mas também para estabelecer uma **conexão** com as crianças, compreendendo suas realidades, desejos e sonhos. No entanto, muitos sentiram que o tempo dedicado para estabelecer esses vínculos foi insuficiente, lamentando a falta de oportunidade para aprofundar essa conexão. Acreditam que um envolvimento maior teria possibilitado um maior envolvimento no projeto e a proposição de alternativas mais adequadas.
- **Subjetividade do designer:** Em relação à **subjetividade do designer**, muitos participantes foram profundamente sensibilizados pelas histórias e realidades das crianças, reconhecendo que essas experiências eram bastante distintas das vivências e contextos próprios. Esse reconhecimento revelou-se importante para adotar outras perspectivas ao projetar a praça. No entanto, devido à falta de um convívio próximo e contínuo com as crianças, em alguns momentos essas perspectivas se dissipavam, sendo necessário resgatá-las durante as assessorias.
- **Jornada sentipensante:** Quanto à **jornada projetual sentipensante**, ambos os grupos chegaram à primeira assessoria com propostas já estruturadas, não se permitindo explorar de forma mais ampla o processo. Desde o início, tinham a intenção de apenas detalhar o projeto com base em suas ideias iniciais. Foi ressaltado que a inovação e a criatividade residem justamente no processo, permitindo-se ser permeado pelas diferentes etapas e observar o que emerge. Colocamos à disposição a possibilidade de estabelecer canais de comunicação com as crianças, visando criar pontes de interação. Essa proximidade com o cliente e a exploração de alternativas poderiam resultar em maior criatividade no projeto. No entanto, o padrão de

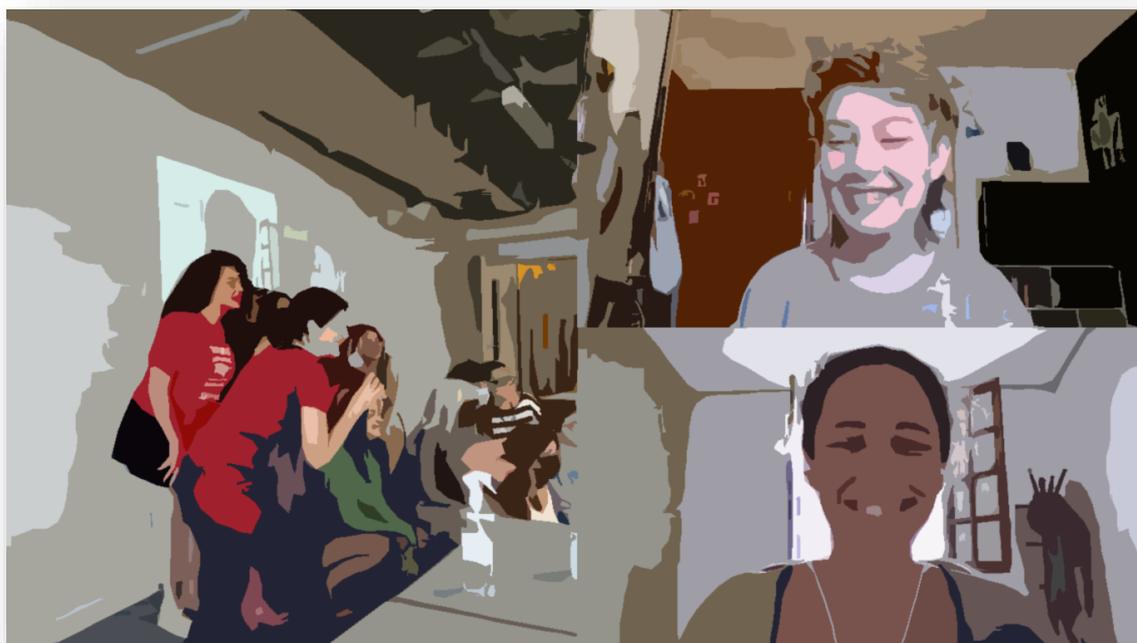
abordagem persistia, mesmo com a ênfase na utilização dos movimentos que poderiam auxiliar em um processo mais sentipensante.

- **Movimento Conhecer:** Em relação ao movimento "**Conhecer**", percebeu-se uma lacuna na exploração mais aprofundada do tema da praça regenerativa feminista. Houve pouca pesquisa e aprofundamento sobre o seu significado e proposta. Em meio ao desejo de ter uma ideia pronta, pouco foi explorado sobre as possibilidades e abordagens relacionadas ao tema. Senti falta de um maior engajamento dos grupos na busca pelo conhecimento e compreensão da temática proposta, a fim de ampliar as perspectivas e possibilidades criativas para o projeto da praça regenerativa feminista.
- **Movimento mapear:** Na etapa de "**Mapear**" os recursos, um dos grupos, em sua apresentação, enfatizou a realização de um mapeamento dos processos envolvidos, e não dos recursos disponíveis para a construção da praça. E foi especificamente, o grupo responsável pela proposta da praça sonora que em seu projeto apresenta a utilização de materiais reaproveitados. O uso desses materiais está intrinsecamente ligado à proposta de regeneração, uma vez que busca aproveitar os recursos disponíveis para outros fins, em vez de descartá-los. No entanto, essa conexão não foi devidamente explorada na apresentação, que se concentrou principalmente nos aspectos práticos da execução do projeto.
- **Pensamento sistêmico:** Durante as apresentações, os projetos demonstraram propostas distintas e complementares. Essa abordagem foi resultado da iniciativa dos próprios grupos em criar uma proposta na qual os projetos se interligassem, buscando apoio mútuo e a criação de algo mais abrangente para atender às necessidades das crianças. Houve uma preocupação em estabelecer interconexões entre as propostas, demonstrando uma abordagem fundamentada no pensamento sistêmico.

Na apresentação dos trabalhos (Figura 44), as crianças e a professora Gabriela se mostraram entusiasmadas com as propostas. Disseram que se

sentiram escutadas e perceberam elementos que corroboram isso, como espaços para as contações de história, uma das atividades que o grupo desempenha nas escolas.

Figura 44 – Foto da turma e das crianças e professoras da EMEF Saint Hillaire no dia da apresentação dos trabalhos



Fonte: Arquivo da autora

Além das reflexões gerais dos trabalhos, trago outros aspectos que considero relevantes para reflexão sobre a metodologia. Ao longo da jornada percebi que eles não se atentaram aos princípios regenerativos que deveriam funcionar como bússola para reflexões ao longo do processo, e nem utilizaram as ferramentas propostas, como as perguntas sugeridas, o alfabeto crítico e as perguntas norteadoras regenerativas.

Outro aspecto relevante a ser destacado é que, devido à falta de aprofundamento dos alunos no tema, não houve a devida preocupação e atenção em adotar uma abordagem de design regenerativo para promover um impacto cultural. Enquanto para mim, o DER fazia sentido, uma vez que era o

foco da minha pesquisa e os conceitos e movimentos já permeavam minha prática de design, para os alunos essa temática era algo novo, o que resultou em uma falta de engajamento com os princípios e ferramentas propostos. Em outras palavras, na minha jornada, de certa forma, eu já assumi o papel de uma designer estratégica regenerativa, com isso incorporo uma responsabilidade em estimular reflexões e apresentar as ferramentas propostas na pesquisa. No entanto, minha função nesse contexto não era a de co-designer, mas sim de observadora, com a intenção de intervir o mínimo possível, a fim de verificar se os alunos utilizariam as ferramentas disponíveis de forma autônoma.

Essa observação me levou a perceber duas questões importantes: em primeiro lugar, a apropriação das ferramentas e a adoção dos movimentos regenerativos dependem da consciência e do desejo de percorrer uma jornada projetual intencional, no caso, com o objetivo de alcançar um design estratégico regenerativo; em segundo lugar, em um grupo em que não há uma clara intenção nesse sentido, é necessário que pelo menos um dos co-designers assuma essa responsabilidade. Essa pessoa deve compreender que seu papel é provocar reflexões a fim de abraçar os princípios regenerativos e utilizar as ferramentas para garantir que o processo promova uma cultura regenerativa.

Na proposta, os grupos pararam na fase da sistematização, pois não tiveram a oportunidade e tempo de experimentar suas ideias. Logo, não tenho como avaliar a aplicabilidade dos oito movimentos propostos. Assim, em termos de experimentação dos movimentos do DER para essa pesquisa, considero que o trabalho não ficou completo. Contudo, passar pelos cinco movimentos já me deu algumas pistas sobre sua aplicabilidade, como as que destaquei no parágrafo anterior. Além disso, percebia, durante o assessoramento, que alguns movimentos eram esquecidos, e eu tentava resgatá-los e explicar sua importância. Ao fazer isso, percebi que por se tratar de uma cadeira acadêmica, e os projetos sujeitos a avaliação, os alunos entendiam que precisavam passar por todos os movimentos. Esse fato pode ter tirado um pouco da espontaneidade de avaliar se os movimentos estavam fazendo sentido ou não.

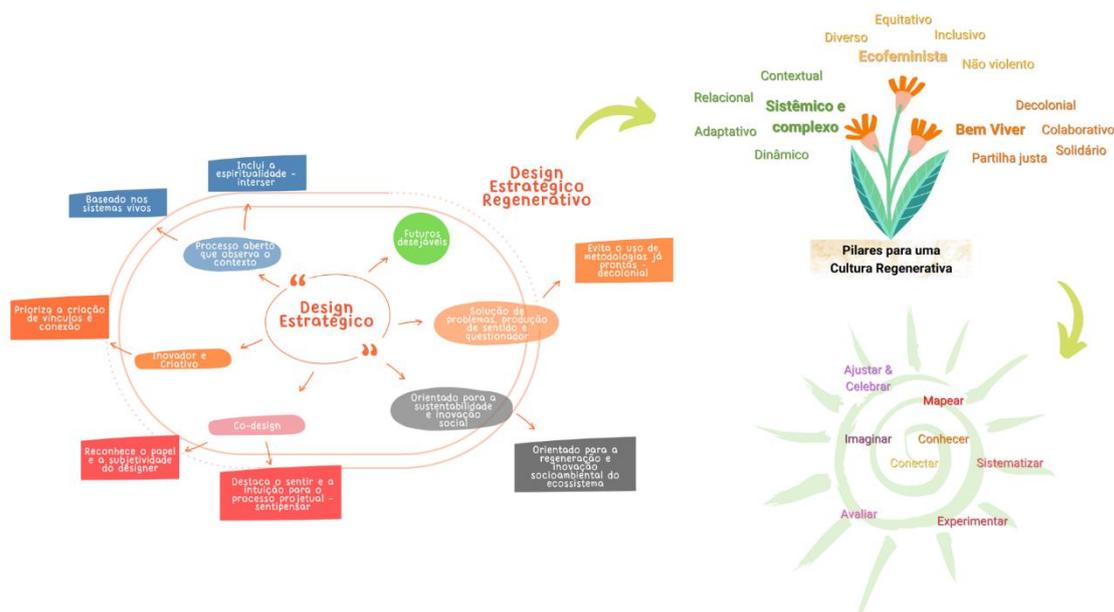
E por fim, percebo que uma ferramenta que poderia ter contribuído para uma melhor avaliação da percepção dos alunos em relação ao processo poderia

ter sido a aplicação de um questionário anônimo. Além disso, a realização de entrevistas após a conclusão dos projetos também teria se configurado como uma alternativa viável. Tais abordagens permitiriam obter uma compreensão mais aprofundada de como os alunos perceberam essa proposta de design.

A experimentação com a turma de Cultura de Projeto do BIHAT permitiu observar a aplicabilidade da proposta do DER, mas para uma avaliação mais segura, o ideal é experimentá-la do início ao fim dos movimentos propostos e em diferentes contextos.

A sistematização deste processo pode ser vista na Figura 45, que ilustra a proposta do DER, junto com os princípios que guiam a jornada para os movimentos apresentados como bússola para esta jornada projetual para um design regenerativo.

Figura 45 – Sistematização da proposta para um DER



Fonte: Elaborado pela autora

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de apontar os encaminhamentos deste trabalho, neste capítulo será resgatado o percurso desta pesquisa, que começou contextualizando a motivação desta pesquisa.

Como apresentado anteriormente, o mundo está enfrentando um momento crucial em relação à sua sustentabilidade, com crises evidentes em diferentes dimensões: social, ambiental e econômica. Essas crises interdependentes, denominadas por Morin (1990) como policrises, destacam a insustentabilidade dos sistemas políticos, sociais, econômicos e culturais existentes. Esses sistemas são fundamentados em um paradigma mecanicista, cartesiano, patriarcal e capitalista (SHIVA, 1998; MIES & SHIVA, 2014), que já não sustentam mais a vida na Terra. Os desafios do século XXI, especialmente após a pandemia de COVID-19, tornaram-se mais evidentes, revelando as profundas injustiças sociais e altos níveis de desigualdade. Relatórios destacam a concentração de riqueza nas mãos de poucos, enquanto muitos vivem em condições de pobreza extrema (CHANCEL, PIKETTY et al., 2022).

Além disso, a crise climática também indica desafios significativos pela frente (GEELS, 2013). O modelo capitalista, baseado em uma cultura ganha-perde, exploradora e competitiva, tem demonstrado não promover uma sociedade justa e próspera para todos, além de causar destruição ambiental (RAWORTH, 2019). Esse paradigma está enraizado em uma lógica patriarcal de exploração, que desconsidera as complexidades e interconexões da realidade (SHIVA, 1998). Junto a isso, a ciência moderna, influenciada por uma abordagem mecanicista e reducionista, tem contribuído para a desconsideração das emoções e intuições dentro do pensamento científico (MATURANA, 2003). Diante dessas questões, surge a necessidade de repensar a forma como projetamos o mundo, e podemos promover uma cultura regenerativa. Para isso, esta dissertação propôs uma abordagem para lidar com as complexidades e desafios do século XXI, o DER.

A justificativa deste trabalho baseou-se na urgente necessidade de superar a cultura degenerativa atual e promover uma cultura regenerativa por

meio do design. A história do design industrial, conforme evidenciado, revela um paradigma reducionista-patriarcal-capitalista que negligenciou os impactos ambientais e sociais na concepção de produtos e máquinas. Como resultado, a sociedade e o planeta enfrentam as consequências dessa abordagem, refletida em um design degenerativo que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar do ecossistema.

Nesse contexto, o presente estudo propôs um DER que busca transcender essa visão limitada e colocar a vida e o bem-estar do ecossistema como objetivo primordial. Por meio da incorporação de conceitos como bem viver, ecofeminismo e co-design sentipensante, o DER visa resgatar valores espirituais de conexão e interdependência presentes em diversas culturas, como as dos povos indígenas. A abordagem do Design Estratégico, já fundamentada no pensamento sistêmico e complexo, oferece uma base sólida para a proposta do DER, uma vez que reconhece a importância da colaboração e da busca por soluções inovadoras para a criação de futuros desejáveis. Assim, o presente trabalho contribui para a ampliação do campo do design, promovendo uma abordagem que busca a regeneração socioambiental e a construção de uma

Enquanto Manzini (2017) defende que o design estratégico é voltado para a sustentabilidade e inovação social, a cultura regenerativa vai além, buscando a regeneração dos sistemas sociais, econômicos e culturais. Nesse sentido, a pesquisa reconhece o conceito de sustentabilidade como um objetivo de equilíbrio a ser alcançado, enquanto a regeneração, como um caminho para alcançar esse equilíbrio sustentável. O objetivo foi explorar como o Design Estratégico pode adotar uma abordagem regenerativa, considerando a necessidade de projetar futuros que beneficiem todo o ecossistema.

A proposta do Design Estratégico Regenerativo apresentado coloca o bem-estar e o cuidado com a vida no centro das tomadas de decisão. Essa abordagem se baseia nos sistemas vivos e na inspiração da natureza, além de enfatizar a espiritualidade dentro da abordagem do pensamento sistêmico e complexo, a cultura do Bem Viver e o ecofeminismo como pilares de uma cultura regenerativa. A pesquisa buscou contribuir para o avanço desse conceito ainda em construção, explorando também conceitos como design regenerativo, co-

design sentipensante, ecofeminismo e bem viver. O objetivo foi propor uma nova lente para o Design Estratégico, orientando suas ações projetuais para a regeneração e inovação socioambiental, com um olhar abrangente para todo o ecossistema, a fim de alcançar sua sustentabilidade.

Como método de pesquisa, foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa, exploratória e experiencial para apresentar o DER. A jornada desta pesquisa começou com a vivência de campo da autora em projetos sociais e trocas de experiências com outros ativistas e estudiosos da cultura regenerativa, seguida pela revisão bibliográfica e experimentação dos movimentos propostos com alunos de graduação.

A fundamentação teórica desta pesquisa iniciou com o conceito de Cultura Regenerativa, fundamentada, principalmente, em Daniel Wahl. Wahl defende a necessidade de uma transformação cultural profunda para lidar com os desafios do mundo atual. E neste contexto, a cultura regenerativa é apresentada como uma alternativa à cultura vigente, valorizando a colaboração e a abundância compartilhada. O design regenerativo é descrito como um caminho para alcançar essa cultura, no qual a sustentabilidade é vista como resultado e meta, envolvendo a regeneração das relações humanas consigo mesmas, com a comunidade e com a natureza.

Por uma cultura regenerativa, foram propostas três dimensões fundamentais que a ancoram: pensamento sistêmico e complexo, o bem-viver e ecofeminismo. Essas dimensões estão interligadas e promovem uma consciência ecossistêmica, estimulando a conexão e o cuidado com a natureza e a comunidade. A espiritualidade é destacada como um componente importante, reconhecendo a interconexão e intercomunicação entre todos os seres. Além de uma abordagem de co-design sentipensante, que envolve agir com o coração e a mente.

O co-design sentipensante é apresentado como uma característica essencial para uma jornada de design regenerativo. Destacar a prática do sentipensar no co-design emerge como uma abordagem revolucionária que desafia a dicotomia entre mente e coração, razão e emoção, humano e natureza. A adoção do sentipensar permite a reimaginação de formas de atuação que

valorizam os saberes locais, as pessoas e os territórios. A criação de vínculos e conexões, tanto entre os participantes do projeto quanto com a comunidade e o ecossistema local, torna-se fundamental para a cocriação coletiva e para a transformação social. Além disso, o co-design sentipensante promove um design emancipatório ao romper com métodos pré-estabelecidos, valorizando a intuição, a fluidez e a autenticidade do processo, tornando-o uma experiência transformadora tanto para o projeto quanto para as pessoas envolvidas.

No entanto, para que o co-design sentipensante seja efetivo, é crucial que os designers reconheçam sua subjetividade e reflexionem sobre suas próprias características e limitações. A consciência de que os designers não são neutros cultural ou politicamente é fundamental, uma vez que suas emoções e perspectivas influenciam suas decisões e ações durante o processo projetual. Uma postura reflexiva e crítica se faz necessária para garantir um co-design inclusivo e participativo, que valorize a diversidade de vozes e promova a construção coletiva de saberes.

A jornada do co-design sentipensante é uma jornada de observação, escuta, sentimento e aprendizado mútuo, onde tanto o projeto quanto as pessoas envolvidas são transformados, e as relações baseadas em afeto, diálogo e colaboração ocupam um papel central.

A postura reflexiva e crítica dos designers é essencial para a promoção de uma cultura regenerativa, pois valoriza a subjetividade, promove o diálogo, a colaboração e faz com que as pessoas envolvidas ocupem um papel protagonista em um DER.

Após a revisão da bibliografia que fundamentou as bases da proposta do DER, este trabalho apresentou a parte mais vivencial e experimental que completou a proposta e objetivo desta pesquisa. Foram apresentados a vivência imersiva desta autora no processo de cocriação de uma OSC em uma comunidade socialmente vulnerável de Porto Alegre e a imersão RegenerArtivista. Esses elementos compuseram a proposta de um Design Estratégico Regenerativo, que apresentou **oito movimentos para guiar a jornada projetual em prol de uma cultura regenerativa**. Os movimentos tiveram como princípios fundantes, os princípios regenerativos propostos pela

autora após revisão bibliográfica. Eles são um resumo e sistematização das dimensões apresentadas para ancorar um design regenerativo e tem como objetivo guiar a jornada projetual do DER. São compostos por oito movimentos: Conectar, Conhecer, Imaginar, Mapear, Sistematizar, Experimentar, Avaliar, Ajustar & Celebrar.

A pesquisa encerra com a experimentação desses oito movimentos por uma turma de graduação do curso BIHAT (Unisinos) ao elaborar um projeto para a atividade acadêmica Cultura de Projeto. Na atividade acadêmica a turma foi apresentada a proposta do DER e seus movimentos, e **dois grupos utilizaram a metodologia para projetar uma praça regenerativa feminista.**

Ao percorrer a trajetória desta pesquisa, fica evidente que, embora tenham sido realizadas várias atividades práticas, como vivências e experimentações, que desempenharam um papel crucial na estruturação da metodologia de um DER, ainda é necessário praticar mais a metodologia. A fim de avaliar sua aplicabilidade e sua proposta de fomentar uma cultura regenerativa, é necessário empregar a metodologia em diversos contextos, de forma abrangente. Além disso, considerando a ambiciosa intenção de promover uma transformação social e cultural, essa jornada projetual demanda tempo e sensibilização maior sobre o tema regeneração. Ademais, o DER se propõe a atuar em diferentes esferas: pessoal, coletiva e ambiental.

Para tanto, é crucial estabelecer vínculos e conexões significativas. Destaca-se, particularmente, a importância de uma conexão espiritual, a qual resgata um senso de pertencimento entre a comunidade humana e a natureza da qual fazemos parte. A interconexão, defendida pelo conceito de "interser", de Thich Nhat Hanh, e praticada por povos indígenas, constitui a base para resgatar uma cultura regenerativa, pois restabelece o sentimento de pertencimento e cuidado. Ao colocar a natureza apenas como provedora de recursos e classificar certos grupos humanos como inferiores, desconectamo-nos da essência da natureza, onde todos os seres são sujeitos com direito a viver em harmonia e abundância.

Desenvolver laços profundos, relações de confiança e sensibilização para uma nova cultura requer tempo. No entanto, a proposta do DER consiste em

destacar e sistematizar elementos fundamentais que esta autora entende como uma cultura regenerativa, a fim de tornar essa jornada projetual mais aplicável.

Portanto, esta pesquisa não se encerra aqui; aqui, foram lançadas as sementes de uma proposta de implementação de um Design Estratégico Regenerativo. Ao experimentar a metodologia em diferentes ambientes, será possível observar se ela cumpre a proposta de promover uma transformação cultural e social nas várias esferas que se propõe, ou se é necessário rever seus princípios fundamentais e abordagens.

De qualquer forma as considerações finais deste trabalho destacam que o objetivo geral foi alcançado ao apresentar um Design Estratégico Regenerativo que incorpora conceitos como bem viver, ecofeminismo e co-design sentipensante, que foram fundamentais para a construção dessa abordagem. Além disso, o aprofundamento do conceito de design regenerativo possibilitou propor novas abordagens para o design estratégico.

Nesse sentido, a autora acredita que este trabalho contribui para o avanço do campo do design, trazendo uma perspectiva regenerativa para se alcançar a sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir en el camino del post-desarrollo**: Una lectura desde la Constitución de Montecristi. Equador, Fundación Friedrich Ebert, FES-ILDIS, 2010.

ACOSTA, Alberto. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: SOUSA, C. M., org. Um convite à utopia [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. **Um convite à utopia collection**, vol. 1, pp. 203-233. ISBN: 978-85-7879-488-0. Available from: doi: 10.7476/9788578794880.0006. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>

AKAMA, Yoko; HAGEN, Penny e WHAANGA-SCHOLLUM, Desna. Problematizing Replicable Design to Practice Respectful, Reciprocal, and Relational Co-designing with Indigenous People. **Design and Culture** 11,1, 59-84, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/17547075.2019.1571306>.

ANN-NOEL, Lesley. Envisioning a pluriversal design education. **Pivot 2020**: Designing a World of Many Centers - DRS Pluriversal Design SIG Conference, 4 June, held online, 2020. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2020.021>

ANN-NOEL, Lesley. **The Positionality Wheel**. 2018, Retrieved December 19, 2020. Disponível em: <https://lesleyannoel.wixsite.com/website> Acesso em: outubro 2022.

ANN-NOEL, Lesley; PAIVA, Marcelo. Learning to Recognize Exclusion. **JUS - Journal of User Experience**: 16, 2, pp. 63–72, 2021.

BLEWITT, J. **Understanding Sustainable Development**. London: Earthscan, 2008.

BROWN, Brené. **A arte da imperfeição: Abandone a pessoa que você acha que deve ser e seja você mesmo**. São Paulo: Sextante, 2020.

BRUCKNER, B., HUBACEK, K., SHAN, Y. *et al.* Impacts of poverty alleviation on national and global carbon emissions. **Nat Sustain** 5, 311–320, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41893-021-00842-z>

BRUNDTLAND, G H et al. **Our common future**; by world commission on environment and development. Oxford: Oxford University Press, 1987.

CAMPBELL, Leah. Systems thinking for humanitarians. **ALNAP Paper**. London: ODI/ALNAP, 2022.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” - Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador/Bahia, 2009.

COCHICHO DAS ÁGUAS. Disponível em: <https://www.cochichodasaguas.com.br/> . Acesso em: 15/01/2023.

CHANCEL, L., PIKETTY, T., SAEZ, E., ZUCMAN, G. *et al.* **World Inequality Report 2022**, World Inequality Lab, 2022. Disponível em: <https://wir2022.wid.world> Acesso em: agosto 2022.

CHANCEL, Lucas. Global carbon inequality over 1990–2019. **Nature Sustainability**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41893-022-00955-z>

CROFT, John. **Introdução: tornando os sonhos realidade. Usando dragon dreaming para construir um projeto extremamente bem-sucedido**: uma abordagem abrangente em estágios. Ficha técnica 5, 2009. Disponível em: [https://dragondreamingbr.org//materiais/FS\\_05\\_Como\\_Realizar\\_Projetos\\_de\\_Sucesso.pdf](https://dragondreamingbr.org//materiais/FS_05_Como_Realizar_Projetos_de_Sucesso.pdf) Acesso em: outubro, 2022.

DAMIANI, Magda. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, n. 31, p. 213-230, Editora UFPR, 2008.

DILEAN, Jafte; LOMELI, Robles e RAPPAPORT, Joanne. **Imagining Latin American Social Science from the Global South**: Orlando Fals Borda and Participatory Action Research, 2018.

DORST, C.H. AND CROSS, N.G. 2001. Creativity in the design process: co-evolution of problem-solution, *Design Studies* 22, page 425-437, 2001  
DUARTE, Constância; NUNES, Isabella. **Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EARTH OVERSHOOT DAY. Disponível em: <https://www.overshootday.org/> . Acesso em: 15/01/2023.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**, cap. 5. Popayán, Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Pluriversal Politics: The Real and the Possible**. London: Duke University Press, 2020.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: CLACSO/Siglo del Hombre Editores, 2009.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. **In Brief to The State of Food Security and Nutrition in the World 2022**. Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable. Rome, FAO, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/cc0640en> Acesso em: agosto 2022.

FORLANO, Laura. Posthumanism and Design. **She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation**, 2017. Volume 3, Issue 1, Pages 16-29, ISSN 2405-8726, <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2017.08.001>

FRANZATO, C. *et al.* Inovação Cultural e Social: design estratégico e ecossistemas criativos. In: FREIRE, Karine. (org.). **Design Estratégico para a Inovação Cultural e Social**. São Paulo: Kazuá, 2015.

FREIRE, Karine. Design Estratégico: origens e desdobramentos. **Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. Gramado, 2014.

FREIRE, Karine de Mello. Inovação Social Dirigida pelo Design. **Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**, 5. Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE, Karine de Mello. From strategic planning to the designing of strategies: a change in favor of strategic design. **Strategic Design Research Journal**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 91-96, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2017.102.01>. Acesso em: setembro 2022

FREIRE, Karine e DEL GAUDIO, Chiara. Práticas de Ensino para Designers Sentipensantes. **Pivot Conference Proceedings 2021**, DISMANTLING / REASSEMBLING, 2021. doi: 10.21606/pluriversal.2021.0027

GAARD, Greta. Ecofeminism and Climate Change. *Women's Studies International Forum*, 49, 2015.

GARCIA, Natali. **Regeneração e as três ecologias de Guattari: exploração e experimentação para o desenvolvimento do Design Estratégico**. 2022.

Dissertação – Design – Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2022.

GARCIA, Natali, FREIRE, Karine., & FRANZATO, Carlo. Princípios e movimentos para processos projetuais regenerativos: principles and movements for regenerative design processes. *IX Sustentável*, 9(2), 63–74, 2023. <https://doi.org/10.29183/2447-3073>.

GEELS, F. The impact of the financial-economic crisis on sustainability transitions: financial investment, governance, and public discourse. *Environmental Innovations and Societal Transitions*, 6: 67-95. [SL], 2013.

GODOY, Elenilton e SANTOS, Vinício. Um olhar sobre a cultura. *Educação em Revista*, Belo Horizonte: v.30, n.03, p.15-41, 2014.

GÓMEZ, P. **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. Organização: Ashish Kothari, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria & Alberto Acosta. São Paulo: Elefante, 2021.

GUDYNAS, Eduardo e ACOSTA, Alberto. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 16, núm. 53, pp. 71-83, 2011. <https://www.researchgate.net/publication/237031854>

HOWELL, Nancy. Ecofeminism: what one needs to know. *Zygon*, vol. 32, no. 2, 1997.

IBARRA, Maria Cristina. Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante: correspondencias con un colectivo de residentes. Rio de Janeiro. Vol. 3, FII 19, 93-103. **Proceedings of Participatory Design Conference (PDC)**, 2020.

IBARRA, Maria Cristina. **Design como correspondência** [recurso eletrônico: antropologia e participação na cidade, Recife: Ed. UFPE, 2021.

IPCC. **Summary for Policymakers** [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [H.-O. PÖRTNER, D.C. ROBERTS, M. TIGNOR, E.S. POLOCZANSKA, K. MINTENBECK, A. ALEGRÍA, M. CRAIG, S. LANGSDORF, S. LÖSCHKE, V. MÖLLER, A. OKEM, B. RAMA (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, pp. 3-33, 2022. doi:10.1017/9781009325844.001

KRENACK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LOMELI, Robles; DILEAN, Jafte e RAPPAPORT, Joanne. Imagining Latin American Social Science from the Global South: Orlando Fals Borda and Participatory Action Research. **Latin American Research Review** 53(3), pp. 597–612, 2018. DOI: <https://doi.org/10.25222/larr.164>

LOVELOCK, James. **Gaia: A New Look at Life on Earth**. Oxford University Press, 2016.

MANG, Pamela; HAGGARD, Ben e REGENESIS. **Regenerative Development and Design: A Framework for Evolving Sustainability**. Nova Jersey, John Wiley & Sons, Inc., 2016.

MANZINI, Ezio. **Design para Inovação Social e Sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Coord trad. Carla Cipolla. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, Ezio. Design culture and dialogic design. **Design Issues**, 2016. V. 32, n. 1, p. 52-59, 2016. Disponível em: [https://www.mitpressjournals.org/doi/pdfplus/10.1162/DESI\\_a\\_00364](https://www.mitpressjournals.org/doi/pdfplus/10.1162/DESI_a_00364)

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social**. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

MATURANA, Humberto. **Amor y Juego**. Fundamentos Olvidados de lo Humano Desde el Patriarcado a la Democracia. Chile, Comunicaciones Norestee Ltda, 2003.

MEADOWS, Donella. **Thinking in Systems**. London: Earthscan, 2009.

MEIRA, Julia. Regeneração – uma revisão sistemática. **XXIII Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente**. São Paulo, 2021.

MERONI, Anna. Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline. **Strategic Design Research Journal**, v.1, n.1, Dec 1, p.31-38, 2008.

MIES, Maria e SHIVA, Vandana. **Ecofeminism**. Zed Books Ltd, 2014.

MINEIRO, Érico. **Experimentação em Design como Estratégia no Cenário da Autoprodução**. 2016.Tese – Curso Design – PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2016.

MOLLISON, Bill. **Permaculture a Designers Manual**. Ten Speed Press, 1990.

MORAES, Maria Cândida. *In*: Conferência Internacional Saberes para uma cidadania planetária, Fortaleza. **Anais eletrônicos. UNESCO**, Governo do Estado do Ceará, UECE e UCB, 2016. Disponível em: <http://aprece.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Cidadania-Planet%C3%A1ria.pdf> Acesso em: agosto de 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília, UNESCO, 2000.

MURATOVSKI, G. **Research for designers: a guide to methods and practice**. Los Angeles: SAGE, 2016.

NERI, Marcelo C. **Mapa da Nova Pobreza**, Rio de Janeiro, RJ – junho/2022 - FGV Social, 2022. Disponível em: <https://cps.fgv.br/en/NewPovertyMap> Acesso em: agosto 2022.

OLIVEIRA, Evandro e ALVES, Adilson. Uma análise literária sobre o conceito de cultura. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, Trabalho 01, Páginas 01-18 Número XI, 2015. Disponível em: <http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura>

OLIVERA, M. G., PODCAMENI, M. C., LUSTOSA e GRAÇA, L. **A dimensão de gênero no Big Push para a Sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira**. Documentos de Projetos (LC/TS.2021/6; LC/BRS/TS.2021/1), Santiago e São Paulo,

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe e Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2021.

ONU. **COP26: 80% dos deslocados por desastres e mudanças climáticas são mulheres**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/157806-cop26-80-dos-deslocados-por-desastres-e-mudancas-climaticas-sao-mulheres> Acesso em: setembro 2022.

PASTORI, Douglas. **HABITAR A TERRA – Cartografia de um encontro entre conceitos do Design Estratégico para a Sustentabilidade de Ezio Manzini, da Ecosofia de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, e da Ecologia Cognitiva de Pierre Lévy**. Dissertação – Design – Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, 2010.

PLAUT, Josette e AMEDÉ, Emily. **BECOMING A REGENERATIVE PRACTITIONER: A FIELD GUIDE**. Institute for the Built Environment, Colorado State University and Center for Living Environments and Regeneration, 2018.

PREISER, Rika. Identifying general trends and patterns in complex systems research: An overview of theoretical and practical implications. **Systems Research and Behavioral Science**, 36(5): 706-714, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/sres.2619>

RAWORTH, Kate. **Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ROGERS, K. H., LUTON, R., BIGGS, H., BIGGS, R., BLIGNAUT, S., CHOLES, A. G., PALMER, C. G. & TANGWE, P. Fostering complexity thinking in action research for change in social–ecological systems. **Ecology and Society**, 18(2): 31, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5751/ES-05330-180231>

SANCHEZ, Marisa. A Collaborative Culture: Collaboration Is Not Something Organizations Do, But a Way of Being. **OD PRACTITIONER** Vol. 44 No. 2, 2012.

SANDERS, E. B. N., & STAPPERS, P. J. Co-creation and the new landscapes of design. **CoDesign**, 4(1), 5-18, 2008.

SANDERS, E; BRANDT, E. A framework for organizing the tools and techniques of participatory design. **Routledge International Handbook of Participatory design**. 2010.

SANTOS, Aguinaldo. Seleção do método de pesquisa: guia para pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba: Insight, 2018.

SEVERO DA SILVA, Jaqueline. Regularização fundiária, exercitando um novo paradigma: um conflito também ideológico – apresentação de casos. **Planejamento e Políticas Públicas**, ppp, n. 34, 2010.

SHIVA, Vandana. **Staying Alive: Women, Ecology and Development**, New Delhi: Kali for women, 1988.

SCHÖN, D. A. **The Reflective Practitioner: how professionals think in action**. New York: Basic Books, 1983.

SCHÖN, D. **Designing as a Reflective Conversation whit the Materials of a Design Situation**. Research in Engineering Design, v. 3, p. 131-147, 1992.

SOARES, Lissandra; MACHADO, Paula. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago, 2017.

THICH NHAT HANH. **Peace is every step**, USA: Random House, 1995.

WAHL, Daniel. **Design de Culturas Regenerativas**, Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2020.

WARREN, Karen. The Power and the Promise of Ecological Feminism. **Environmental Ethics**: 12, 125-144, 1990.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo**. Horiz. antropol. [on-line]. 2009, vol.15, n. 32, pp.157-170. ISSN 0104-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200007>.

ZURLO, F. Design Strategico. **XXI Secolo**, vol. IV, Gli spazi e le arti. Roma: Enciclopedia Treccani. 2010.

**ANEXO I - IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS E PRÁTICAS DOS SEIS PRINCÍPIOS ORGANIZADORES PARA A ESCOLHA DE MÉTODOS E ABORDAGENS BASEADOS EM COMPLEXIDADE**

	<b>Recursos subjacentes de sistemas complexos</b>	<b>Conceitos e capacidades que caracterizam recursos de sistemas complexos</b>	<b>Implicações conceituais para aprofundar a compreensão de sistemas complexos</b>	<b>Implicações práticas para agir e intervir em sistemas complexos</b>
e c u r s o s R e l a c i o n a d o s à E s t r u t u r a	1. Relacional	Estrutura semelhante a uma rede, hierarquias, diversos componentes, redundância integrada e heterogeneidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A natureza e a estrutura das relações entre componentes de um sistema devem ser consideradas explicitamente. A colaboração depende fortemente da estrutura de redes e o fluxo de informações dentro deles</li> <li>• A diversidade é fundamental e permite diferentes tipos de interações para acontecer</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir relacionamentos de confiança com um conjunto diversificado de partes interessadas</li> <li>• Promover a colaboração em uma variedade de redes</li> <li>• Apoiar plataformas de comunicação para manter conectividade e interação</li> </ul>
	2. Radicalmente aberto	Limites porosos, imersão, aninhamento, troca de matéria, informação, energia e teleconexões	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Variáveis externas podem ter influências importantes sobre o comportamento do sistema, mas não pode ser incluído no modelo</li> <li>• Projetos e localizações geográficas não são fechados e entidades isoladas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mapear os limites do sistema (escopo do projeto) e como o sistema se relaciona e afeta outros sistemas ou projetos</li> <li>• Estar ciente de que o projeto influenciará e moldará sistemas e realidades que estão situados fora do escopo do projeto</li> </ul>
	3. Contextualmente Dependente	A função muda à medida que o sistema muda	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os componentes do sistema mudam quando o contexto muda</li> <li>• O contexto não é um pano de fundo passivo para um sistema, mas um agente ativo em si que permite ou inibe agência sistêmica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover processos iterativos de construção de significado que facilite o diálogo a fim de incluir várias perspectivas de uma ampla gama de partes interessadas</li> <li>• Usar várias fontes de dados baseados em evidências para cocriar e integrar bases de conhecimento</li> <li>• Obter conhecimento profundo do contexto, e revisão do projeto e adaptar a estratégia e os processos de planejamento adequadamente</li> </ul>
e c u r s o s r	4. Adaptativo	Autogeração, auto-organização, descentralização, memória, evolutiva, concorrente persistência e mudança (resiliência), e capacidades antecipatórias	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao longo do tempo, as estruturas e funções dos sistemas mudam como resultado da dinâmica interna e influências externas</li> <li>• Vários modos de reorganização são possíveis quando os sistemas sofrem alterações</li> <li>• A capacidade adaptativa resulta da capacidade de um sistema de aprender e ter memória</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proteger contra planejamento rígido e implementar práticas de cogestão adaptáveis que promovam a aprendizagem iterativa e participativa com processos colaborativos de engajamento</li> <li>• Desenvolver e aplicar abordagens de monitoramento que possam rastrear e</li> </ul>

e l a c i o n a d o s a p r o c e s s o			<ul style="list-style-type: none"> <li>• A mudança acontece através da adaptação, evolução e transformação</li> <li>• O controle não está localizado em um elemento isolado do sistema, mas espalhados por todos os nós e relações do sistema</li> </ul>	<p>demonstrar os processos de mudança e impacto das intervenções ao longo do tempo</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultivar o aprendizado social e integrar experiências</li> <li>• Capacidades de suporte que permitem a auto-organização dos processos</li> </ul>
	5.Dinâmico	<p>Longe do equilíbrio, múltiplas trajetórias possíveis, períodos de mudança rápida e lenta (equilíbrio pontuado), interações não lineares, atratores, limites, pontos de inclinação, mudanças de regime, feedback loops e interações em escala cruzada</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O comportamento do sistema é imposto ou atenuado por ciclos de feedback e pode levar a pontos de inflexão, e mudanças de regimes e estruturas de feedback são responsáveis pelas mudanças que experimentamos ao longo do tempo</li> <li>• A dinâmica de um sistema em uma escala particular de interesse não pode ser entendida sem levar em consideração a dinâmica e a escala da influência cruzada dos processos das escalas acima e abaixo dele</li> <li>• Estruturas e processos também estão interligados</li> <li>• SAC são inerentemente imprevisíveis e profundamente incertos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mapear feedbacks sistêmicos em diferentes espaços e escalas temporais</li> <li>• Avaliar quais mecanismos constroem ou inibem o sistema</li> <li>• Identificar limites, armadilhas e indicadores sistêmicos que poderia ajudar a detectar possíveis mudanças de regime</li> <li>• Esperar surpresas e consequências não intencionais ao intervir no SAC</li> </ul>
	6.Causalidade complexa	<p>Causalidade circular, grandes teias de causalidade e múltiplas vias de causalidade; mesmas condições pode produzir resultados diferentes, propriedades e altos níveis de estocasticidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Causa e efeito não podem ser rastreados em causalidade linear</li> <li>• Problemas complexos não são solucionáveis, mas passíveis de conviver e administrar com sabedoria</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver métodos que possam capturar e permitir fenômenos emergentes e inesperados</li> <li>• Explorar as causas que podem ter vários pontos de partidas e caminhos</li> <li>• Antecipar caminhos futuros alternativos e inovações ao desenvolver cenários e futuros</li> </ul>

## **ANEXO II - PERGUNTAS NORTEADORAS PARA UM DESIGN DE CULTURAS REGENERATIVAS (WAHL, 2020)**

1. Como podemos atender às necessidades básicas de todos, garantindo ao mesmo tempo nosso futuro comum, protegendo a biodiversidade, estabilizando os padrões globais do clima e criando culturas humanas prósperas que regeneram bioprodutividade planetária? (p. 36)
2. Quais inovações e transformações culturais, sociais e tecnológicas nos ajudarão a levar a atividade humana e o sistema de apoio à vida do planeta a um relacionamento regenerativo de apoio mútuo em vez de um relacionamento erosivo e destrutivo? (p. 38)
3. Como projetamos a transição para um novo mundo? (p. 39)
4. Que outras visões de mundo podem ajudar a elaborar uma resposta sensata? (p. 39)
5. Como escolhemos sabiamente entre uma ou outra “solução” tecnológica, se a experiência mostra que a maioria das soluções de hoje se transformam em problemas de amanhã? (p. 55)
6. Quais são as suposições e crenças básicas que orientam a forma como definimos o problema e oferecemos soluções? (p. 77)
7. Quais as reais necessidades não atendidas que são obscurecidas pelas necessidades percebidas, sobre as quais estamos nos concentrando? (p. 77)
8. Como podemos trabalhar mais efetivamente com as pessoas afetadas e envolvê-las na busca de soluções que funcionem para elas? (p. 77)
9. O que podemos aprender a partir dos padrões e processos da natureza para criar soluções que fortaleçam, em vez de enfraquecerem, os ecossistemas locais e o sistema planetário de suporte à vida? (p. 77)
10. Como que o que estamos propondo afeta a nós mesmos, a nossa comunidade e o mundo? (p. 78)
11. Qual implicação nossa “solução” pode ter para as gerações futuras? (p. 78)
12. Como podemos promover reciprocidade e generosidade (giftivism), dar e receber, como caminhos para uma confiança mais profunda e respeito mútuo entre as pessoas? (p. 88)
13. Como podemos criar redes colaborativas de apoio e coalizões unidas por valores e intenções em comum? (p. 89)
14. Quais são os nossos novos indicadores de sucesso, novas formas de monitorar o progresso e como podemos mudar o que é valorizado pelo mercado? (p. 90)
15. Como podemos catalisar e apoiar a inovação social e a mudança de comportamento? (p. 90)
16. Qual a escala apropriada para que nos concentremos? Como conectamos transformações locais, regionais e globais? (p. 90)
17. Nós definimos nossos objetivos corretamente? Nós estamos tentando melhorar parâmetros isolados ou otimizar o sistema como um todo? (p. 110)
18. Essa inovação aumenta a saúde e a resiliência sistêmica? (p. 118)
19. Como podemos garantir um feedback mais imediato rastreando os sinais corretos e melhorando nossa capacidade de reagir apropriadamente à mudança? (p. 130)

20. Como podemos incentivar o aprendizado e a experimentação de maneira efetiva? (p. 148)
21. Realmente precisamos desse novo design? (p. 172)
22. Esse novo design realmente oferece uma maneira melhor de atender a certas necessidades do que designs já existentes? (p. 172)
23. Se os sistemas dos quais o nosso futuro depende são imprevisíveis em sua essência, como aprendemos a participar deles de forma apropriada? (p. 176)
24. Como podemos criar sistemas eficazes de inovação de código aberto que permitam que as pessoas compartilhem globalmente know-how e inovações de design? (p. 188)
25. Como a visão positiva de futuro que cocriamos difere do *status quo* de hoje? (p. 190)
26. Estamos garantindo que a nossa visão não é limitada pela nossa narrativa cultural atual dominante e que é baseada nos valores que aspiramos? (p. 191)
27. Como podemos incentivar a alfabetização ecológica e social na comunidade e estabelecer processos eficazes de mediação e resolução criativa de conflitos? (p. 230)
28. Como podemos cocriar uma narrativa comunitária direcionada aos valores compartilhados por todos os moradores? (p. 230)
29. Como podemos nutrir atividades econômicas regenerativas que honram o lugar expressando a cultura e a ecologia do lugar em seus relacionamentos? (p. 281)
30. Como podemos parar a destruição da diversidade cultural e criar “culturas vivas”? (p. 297)